Othon d'Eça

HOMENS E ALGAS

Othon Gama d'Eça

Othon d'Eça

HOMENS E ALGAS

2a. edição

Edição do
Governo do Estado de Santa Catarina
1978

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Conselho Estadual de Cultura
Unidade Operacional de Assuntos Culturais

PROGRAMA DE APOIO EDITORIAL
Coleção Cultura Catarinense
Série Literatura

GOVERNAR É ENCURTAR DISTÂNCIAS

1a. edição: 1957

Capa de Jorge Kleber Rigueiras
Bico-de-pena de Aldo Beck

1978
Composto e impresso nas oficinas gráficas da
IOESC — Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.A.
Florianópolis — SC

PARECER

O CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 4o. do Regimento, aprovou, em Sessão Plenária de 27 de outubro de 1976, o parecer do Senhor Conselheiro Theobaldo Costa Jamundá, recomendando a inclusão desta obra na Coleção "Cultura Catarinense".

Theobaldo Costa Jamundá (Presidente)
Gustavo Neves
Iaponan Soares de Araújo
Jaldyr B. Faustino da Silva
Pe. João Alfredo Rohr, SJ
Norberto Silveira Júnior
Paulo Henrique Blasi
Pe. Raulino Reitz
Victor A. Peluso Júnior

SUMÁRIO

A COSMOVISÃO DE HOMENS E ALGAS
(Tentativa de interpretação psicológica)

CELESTINO SACHET
(Professor de Literatura Brasileira na
Universidade Federal de Santa Catarina)

"Assim como o ato criador é, em última análise, inexplicável, também o artista criador permanecerá para sempre um desafio ao nosso pensamento. O artista não é uma pessoa dotada de libro arbítrio, que procura seus objetivos pesssoais, mas um indivíduo, que permite que a arte se realize atráves dele" (1).

1. INTRODUÇÃO:

A 3 de agosto de 1892, quando Nuno Gama Lobo d'Eça e Maria Luísa Crespo da Gama Lobo d'Eça se extasiavam diante do filho que acabara de chegar, uma Revolução fermentada pelos ódios entre irmãos federalistas e republicanos vinha levantando os muros da Fortaleza da Anhato–Mirim para o fuzilamento inglório de tanto sangue catarinense.

Talvez, por isso, Othon da Gama d'Eça tenha dedicado os 73 anos de sua vida (faleceu a 7 de fevereiro de 1965) à convivência com os homens do mar — homens puros e algas limpas — e com os seus alunos de Direito Romano — todos sedentos de Verdade e de Justiça.

Em 1912, o futuro escritor lança a idéia de se fundar, em Florianópolis, uma Academia de Letras. A prova de sua persistência: o sonho se tornará (desculpada a não mesóclise!), o sonho se tornará realidade em 1920, quando já havia publicado o livro de prosa poética **Cinza e Bruma** *(2). A qualidade estética do volumeto chamaria a atenção a João Ribeiro em uma crítica que chegou a publicar no "Jornal do Comércio" da Capital Federal.*

Em março de 1923, pelo jornal "A República", Othon d'Eça inicia a publicação da novela **Vindicta Braba** que Monteiro Lobato levaria para a "Revista do Brasil" em outubro de 1924. E Nereu Corrêa haveria de ver, no trabalho, uma alternância da linguagem popular com a literária em que "tanto os personagens como o autor se exprimem no mesmo dialeto".

Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro — 15 de dezembro de 1920 — o futuro Presidente da Academia Catarinense de Letras sempre esteve vinculado à vida do trabalho literário, mesmo quando Juiz de Direito em comarcas do interior de Santa Catarina.

Em fins de 1929 publica **Aos Hespanhóis Confinantes** (3), um diário de viagem pelo Oeste do Estado em companhia do Governador Adolpho Konder. E, em março de 1928, — quase meio século — na sua casa da Praia de Coqueiros, escreve uma das primeiras páginas de **Homens e Algas** (1) que esperaria quase vinte anos para nascer dentro do livro que aparece, agora, em segunda edição.

Livre-docente em Direito Público Internacional e Catedrático de Direito Romano da Faculdade de Direito de Santa Catarina, em 1948 foi nomeado Secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública no Governo Aderbal Ramos da Silva. Da longa viagem que realizou ao Paraguai em 1953, traz o livro **Nossa Senhora de Assunção** (5) com as impressões e análises das terras e das gentes guaranis.

2. HOMENS E ALGAS

Em **Homens e Algas**, Othon d'Eça captou "por essas praias batidas de ventos e neblinas, os agudos aspectos que constituem, com inexorável determinismo, o todos-os-dias de um povo triste e sem esperanças", (para repetir as palavras do próprio Autor).

A obra não é, propriamente, um livro de ficção porque o intuito de Gama d'Eça foi "gravar em resumos curtos e secos, verdades vivas e amargas". São pequenas histórias (estórias) nas quais se fixam aspectos da vida de nossas terras e de nossas gentes praieiras, "homens e algas cuspidos todos numa praia, sob o sol

dourado e vivo; as algas, pelo mar e os homens pela miséria" ("Homens e Algas").

O grande litoral açoriano que vai desde a praia de Itapema "um pedaço de céu sobre uma tira de mar" ("Itapema") até a praia de Jaguaruna "bem na espuma do oceano" ("Jaguaruna") eis o mundo de pescadores e de vidas insossas e trágicas mas valentes e exemplares. Nesses cenários, aparentemente líricos, desenvolve-se uma luta feroz de fracos heróis pobres. Uma luta contra uma aniquilação corajosa que leva a morrer "mais hoje, mais amanhã" ("Aquela canoa"). E de um morrer no mar que tem "um poder de gente" ("Recordações").

São pequenas grandes tragédias dentro das quais os Antônio Adriano, os Doca, os Boi d'água, os José Rainho, os Jango Marreta, os João Flores, os Anselmo, os Bochechudo, os Lourenço Carpes, os Doralécio Capema, os Canhanha, os João Saibro, os Cipriano, os Camilo Caieira, os Galdino Picanço, os Domingos Sardinha, os Constâncio, os Manoel Sargo, todos eles — e muitos e muitos mais — vão sendo esmagados pela ganância da Terra e pela inclemência do Mar.

Em cima das ondas e dentro dos ventos, alimentam-se batalhas de gigantes gregos (na Força e no Destino) num lutar inútil de um grupo marcado para arrancar do sal das árguas muito azuis a última esperança de um retorno que não se faz. O mar, o vento, a terra e a praia são amigos-inimigos empurrando vítimas para dentro de um Destino sempre com pressa: a Morte.

2.1 — O mar:

Para Dante Moreira Leite "os psicanalistas acentuam o ato criador como resultante da expressão de impulsos inconscientes, ou de um choque com a realidade" (6). E, ainda para o autor de **Psicologia da Literatura** (7) — agora citando Yung, "a vida humana é dirigida e modelada pelo inconsciente, — mesmo contra a vontade ativa, — e o ego consciente é carregado numa corrente subterrânea e não passa de um impotente observador dos acontecimentos". (8).

Othon d'Eça, ainda que Juiz de Direito e Secretário de Estado com mansão residencial na Avenida Mauro Ramos é mais,

muito mais, o homem do mar ancorado na casinha da Praia da Saudade. E **Homens e Algas** *é pescaria, perdão, é trabalho de um pescador, de uma criatura em exílio na cátedra de Direito Romano dos Césares mas em permanente idílio com o pensar e com o fazer dos "filósofos" e dos "juristas" de nossas praias logo ali ao lado do Continente. Quando o mar entra livro adentro o pescador Gama d'Eça nos faz ver e sentir as ondas vistas e sentidas pelo mais experimentado dos homens das algas.*

Para Autor e personagens-actantes, o mar é liberdade e amplidão. O mar é o cosmos em que predominam as formas circulares e imensas: "quando a barra empolou, alta e negra, eles estavam longe, bem em riba da manta, que tremelicava e era larga e comprida como o caminho de Santelo"; "um grande mar de inverno, escuro e lamacento, escumava e fervia como se tivesse por baixo todo o fogo do inferno"; "o mar latejava em luz e cor"; "os poços de água se enroscavam em caramujos, subiam e se esbarravam, jogavam o barco de onda em onda, misturando-se à tormenta de vento e chuva que apagava tudo em roda, desfazendo o mundo em uivos de lobos e frialdades de morte".

2.2 — **A terra:**

Bem diferentes são as imagens e as realidades ficcionais que desfilam pelas páginas do livro e pelas consciências (inconscientes?) dos personagens, quando Gama d'Eça nos traz de volta à praia e nos recolhe os pescadores entre as dunas, os cotovelos de areia e os riscos de praia. É que, mesmo que a Terra seja vida, ela é o exílio, a escravidão. É um simples caminho, de formas retilíneas e apertadas, que leva para o infinito da Surpresa esperada, e da Vida que é Morte apressada: "nasceu em qualquer risco da praia"; "os pescadores vivem isolados presos entre as dunas e o mar, fazendo da rosca e dos quatro ou cinco ranchos que resumem a sua aldeia — ranchos baixos, compridos como canoas —, o seu mundo"; "num risco de praia, entre um tronco de cedro, velho, seco e esfiapado de limos e de duas grandes pedras ásperas de ostras e baratas, jazia o Lourenço Carpes"; "entre o mar grosso e um cotovelo de areia fica o velho cemitério"; "nascera numa tira de areia"; "uma claridade lenta e branca ia suspendendo no mar o friso bronzeado da terra".

2.3 — **O ar:**

Dentro do mar, do mar que é Vida—Morte, existe a liberdade de movimentação. Mas, a insegurança provocada pela grandiosidade das águas, pela infinitude do grande azul e pela frágil pequenez de um barco, dá ao pescador a consciência de que, literalmente, ele navega suspenso sobre o nada. E a idéia-consciência de um **flutuar permanente** *atravessa muitas das páginas do pescador Gama d'Eça: "a névoa que escorre das montanhas e flutua na barra distante"; "a água azul luzia entre uma poeira de ouro vivo e quente"; "o mar latejava em luz e cor, estriado de prata polida de um ventre transparente e fino, fundido na poeira cristalina e alta"; "sentia que o seu destino era aquele mesmo, rolar em riba da vida como a canoa que a maré fez subir e desgarrou"; "boiava no ar um cheiro de peixe seco e de estrume de gado"; "em torno boiava o rumor lento, espaçado e fofo dos manguais batendo o feijão"; "a lua boiava nas fontes solitárias"; "os montes longe, muito azuis, leves e transparentes pareciam suspensos entre o céu esmaecido e as águas quase brancas"; "ilhas da barra suspensas entre o céu e as águas".*

Esta aerificação, digamos, do mundo em todas as suas direções e fundos, chega a impregnar as próprias metáforas que se refiram ao corpo humano, como neste exemplo: "olhos a boiarem num aguaçal mundo de lágrimas".

2.4 — **A vida e a morte:**

A consistência da vida dos pescadores e das algas de Gama d'Eça apresenta a mesma estrutura sistêmica, digamos, de uma gota d'água. Enquanto vapor, ela flutua nos espaços do céu, da terra e da água. Enquanto líquida — o mar —, ela não apresenta nem forma, nem raízes. É amorfa, arredondada, circular imensa. Enquanto sólida — a terra—praia —, encerra forma e encerra raízes. Mas é dura, consistente, impenetrável.

A transformação da gota d'água — em gelo, em vapor ou estado líquido —, não só é possível, como rápida e inesperada. Reversível e instantânea. Ocorre de um momento para outro e quando menos se espera.

Em **Homens e Algas** *o "ser" e o "não—ser" — a Vida e a*

Morte —, praticamente convivem. Uma realidade jazendo com a outra numa constância fatal. Mas, sempre, uma transformação acompanhada de surpresa. Um "desabar" inesperado. Uma espécie de "en garde" que, a todo momento, a Natureza vive a preparar: "era uma noite fria, de grandes chuvas desabando do céu negro"; "desabou o vento Sul, um sulão pesado"; "caiu um vento pesado e duro, vindo do Sul"; "rolos d'água desciam dos céus cianosados"; "a tormenta desabou como um velho telheiro".

2.5 — **O espaço:**

A natureza, em **Homens e Algas**, *é um personagem-elo "agarrando o homem dentro de seu destino". E é uma criatura humana (desumana!) sempre disposta a duelar com o mais fraco. As ondas do mar vem e vão; o tempo que chega e que vai embora; os cosmos em contínuo desabar, tudo vai e vem, parte e volta, desaba e quebra, porque há uma* **vontade**, *um* **querer**. *Existe uma vontade de ser assim. Há um desejo de assim agir. O Espaço torna-se Sujeito. E o Homem, miserável Objeto Direto. Quando não, Adjunto Circunstancial! Daí, o terral "corta"; o canal vive "espantado"; o mar sente "longos arrepios foscos"; o sol "embebeda-se de carmim e amarelo de cadmo"; os cafeeiros "rangem, espremidos pelo vento"; a madrugada "fica a se aquecer pelos caminhos"; a manhã surge "desembrulhando a paisagem"; a tormenta "mistura terra e mar"; um risco de sombra "tartamuda e resmunga" e a manhã se "encharca de chuva".*

Neste espaço de surpresas inesperadas e de vontades decididas, onde não há lugar para os fracos, para as crianças e as mulheres, o vento Sul se torna "rijo"; as mãos são "calejadas e ossudas"; os joelhos, "ásperos e ossudos"; o remo "endurece as mãos"; os queixos "duros de frio e de terror"; o peito, "largo e duro". E Pica-pau, "forte como junco novo", apresenta "um pulmão grosso e rijo". E mãos há que não podem ser abertas de tão "grossas, nodosas, duras".

Nesta luta entre a canoa e o mar, entre o homem e seu destino não há meios termos, nem meios tons, nem pontos de equilíbrio. Vive-se um mundo de choques e de contrastes, mergulha-se em reações e antíteses.

As cores são fortes e berrantes. A canoa de Cipriano agride: "é quase preta, com as bordas besuntadas de vermelho"; as ventanias negrejam; o sol "fura o ventre cinzento de uma nuvem"; o mar arroxeia de repente; os peraus escuros, afundam chiando "chupando a canoa"; "o céu e o mar se misturam num tom úmido e pegajoso de alcatrão". E os barcos, todos os barcos, apresentam "cores vivas: verde, azul e amarelo; ou, então, um vermelho ardente com riscos de alcatrão nos costados robustos".

"Alcatrão, no céu e no mar! Alcatrão nos barcos! Alcatrão nos destinos!

Se as cores são fortes e berrantes, os sons em **Homens e Algas** *se agrupam em duas realidades: de um lado os que surgem na terra; do outro, os sons provocados pelo mar. Os primeiros apresentam-se finos, agudos e penetrantes. Como que se apertam ao escorrer pela atmosfera: "um fino tinir de malhos passava e logo desaparecia na luz serena"; "lento e chiando, o carro partiu sem demora"; "o vento uiva e guia pelas gretas". Os segundos, os sons nascidos das forças do mar, nascem redondos, imensos, cavos e profundos. E estamos, agora, diante do marinhista Gama d'Eça. Do pescador Gama d'Eça que nos faz ver e ouvir os fonemas-sons de uma sinestesia global. O Autor consegue este efeito através da sucessão de determinados sons consonantais, em particular, as nasais (para indicar a imensidão dos espaços marinhos): "os peraus escuros afundavam, em cartuchos, chiando, chupando a canoa"; "o bramido do mar tinha um retumbância côncava, abafada e lúgubre"; "o mar grosso bramava, desesperado por não poder se aninhar na placidez amorosa da baía"; "os poços de água se enroscavam em caramujos" e o "rumor roleiro da vaga tinha sonoridades fulvas e dormentes."*

Se as cores e os sons vibram e agridem, o olfato, em **Homens e Algas**, *praticamente inexiste em termos ficcionais. Não há perfumes raros que pescador não vive o mundo das flores. (E mesmo, não há flores neste livro). Há os odores das canoas, do café, das bananas, do querosene e do peixe salgado. Porque não há olfato, também não encontramos gostos caros. Estes homens não tem consciência de outro gosto que não o da cachaça, do cachimbo, do fumo picado, do peixe e da farinha. Verdade que ca-*

chaça é "doce", a fumarada dos cachimbos, "alegre", o caldo "fumegante e apetitoso". E o gosto do peixe atinge verdadeira sublimação. Assim como o mar entrega ao pescador uma alimentação definida, apenas, como "carnuda", a terra responde-lhe com as frutas (pitangas, goiabas e mamões) geralmente maduras e saborosas. "Maduras" e "saborosas". Nada mais.

3. **CONCLUSÃO:**

"Era de manhã e as flores das piteiras tinham um colorido mais vivo e um perfume mais tenro."

Estaria Gama d'Eça desmentindo tudo o que foi analisado até o momento, quando se tentou demonstrar que a natureza e o pescador formam uma unidade dentro de um mundo em que predominam conflitos que levam à morte e ao aniquilamento?

Não. O Autor continua fiel a si mesmo e ao mundo de seus homens e de suas algas.

A mudança de tônica é aparente. Ela serve de contraste no jogo homem-natureza para tornar mais "carregada" a estória da Chupa-ostra, "uma velha escura, seca e gibosa, o peito cavado, sempre em farrapos, fedendo a óleo de peixe e a roupas sujas", uma bruxa de quem todos procuram se afastar. E, daí, para agredir, a natureza quer ser amiga. E no dia em que o povo a encontra morta, "dura, meio atolada na vasa, o rosto sob as saias esfrangalhadas e longos fios gelatinosos de bodelhas enroscadas ao ventre nu", ao longe, os montes "muito azuis, leves e transparentes pareciam suspensos entre o céu esmaecido e as águas quase brancas".

Othon da Gama d'Eça escreve para exprimir sua vocação de pescador. Uma vocação pela liberdade de ver e de amar sem limites. Em **Homens e Algas**, *o mar não é só o mar. É o mundo das formas circulares, das formas sem formas. Formas que se perdem na praia, ou que se esmagam na cultura que os homens da cidade não souberam elaborar. Escritor, Gama d'Eça o foi para ver e sentir outros mundos.*

O professor não rimava com as formas do seu Hoje. Queria mergulhar em outros espaços para descobrir mundos e homens mais do que perfeitos. Ao escritor "à beira-mar plantado" não lhe bastavam os fatos do presente. Queria detectá-los lá longe, no Direito Romano; não lhe bastavam os horizontes onde a terra e a água se contam os segredos da Vida e da Morte; não lhe bastava o mundo do Litoral Açoriano. E se foi ao Peperi-Guaçu para ver "os hespanhóis confinantes". E se foi às terras dos Guaranis para venerar "Nuestra Señora de Asunción".

Na Avenida Mauro Ramos, na casinha da Praia da Saudade, no Litoral de Santa Catarina, no Extremo-Oeste das velhas terras do Novo Chapecó, nas planuras empoeiradas do Paraguai ou na cátedra de Direito Romano e na docência do Direito Internacional, Othon da Gama d'Eça foi homem que nunca admitiu viver como alga.

NOTAS: (1) Yung, citado por Dante Moreira Leite, in **Psicologia da Literatura**, Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1967, p. 104. (2) — Edições Apolo, Rio, 1918. (3) — Livraria Moderna, Florianópolis, 1929. (4) — Imprensa Oficial do Estado, Florianópolis, 1957. (5) — Inédito. (6) — Dante Moreira Leite, op. cit., p. 96. (7) — Dante Moreira Leite, Companhia Ed. Nacional. S. Paulo, 1967. (8) — Idem, ibidem, p.104.

Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina.

Por que publiquei **Homens e Algas**?

OTHON d'EÇA

Alguns amigos me fizeram esta pergunta: — Por que V. escreveu e publicou **Homens e Algas**, um livro triste e às vezes sombrio?

Não estranhei a indagação: a curiosidade é uma das boas virtudes humanas porque, como afirmava Eça de Queiroz, se por um lado faz espiar pelos buracos das fechaduras, por outro leva a descobrir a América.

Na verdade, confesso: eu jamais havia pensado em escrever um livro daquele gênero, embora seja, em literatura, um realista preocupado com o Fato, sempre com o Fato e a Verdade e as suas análises mais árduas e mais completas.

Fui viver em Coqueiros apenas a vida passageira do verão: o repouso, as sombras amáveis e acolhedoras das suas árvores, o seu mar, o seu ambiente de calma amorável e suave enlevo.

Aquelas paisagens logo me fascinaram: da Palhocinha às pedrarias do Abraão risquei logo o meu itinerário emocional: e o percorri cheio de encantamentos, muitas vezes fazendo as curvas vadias e delirantes de Fradique Mendes, deixando-me embeber e saturar de tanta beleza e de tanto colorido, parando à porta dos casais, amimando as crianças quase em frangalhos e sujas como esfregões; esquecendo a vida e cálando diante dos seus duros problemas.

Depois, como quem descobre, horrorizado, uma chaga oculta sob roupagens magníficas, eu constatei, dentro daquelas molduras de sonho e de deslumbramento, os quadros de miséria e de dor que a vida ia manchando, a largas pinceladas, por essas praias a dois passos da civilização, do conforto e da fraternidade social de Florianópolis.

— Não... não podia ser geral, abrangendo toda uma população, aquele abandono, aquela indiferença, aquele desdém com que se estava olhando o problema do pescador e do jornaleiro em nossa terra — pensava eu.

E, embora sem deixar de sentir um doce êxtase diante de paisagens em que se misturam o sol, o azul, o verde e os cheiros de maresia — comecei, então, a me preocupar com o homem que ia à pesca, apesar de fatigado, doente e mal nutrido, porque os filhos careciam comer.

E vi o pescador assalariado, mourejando em redes alheias, ganhando a sua ração de peixe e dois mil e quinhentos por pescaria; o pescador que

trabalha para si e para a mulher e os filhos e come quando o tempo é bom ou quando o Ludovino não lhe fecha a conta do caderno; o jornaleiro vivendo em terras dos outros, picados de maleita e que a Pinheira e a Guarda nos mandavam no barco do Tijucano, com o vento sul, os porcos e a farinha do José dos Santos!

Isto tudo e mais as condições de vida amarga e dura que a todos atingem e, com especialidade o pescador — de cuja vida a tormenta dispõe como uma coisa qualquer — impressionaram a minha sensibilidade, imprimiram aos meus sentimentos humanos e cristãos rumos diferentes. E senti dentro do meu espírito flamejarem algumas reações de revolta e de luta.

Na verdade, Coqueiros e toda a região que vai até o Bom Abrigo viviam — como ainda hoje quanto ao problema social — abandonados, tão à margem da cidade e de nós mesmos como se fossem lugares estranhos e distantes.

Não posso fugir à tentação de regressar ao passado, mesmo por alguns instantes, porque há me escutando muita gente que não os conheceram nos seus aspectos agrestes e naturais.

A primeira vez que veraneei em Coqueiros, fui habitar uma velha casa do Sadeli, na Praia da Saudade.

Era uma casa atarracada, de telha vã: a claridade de manhã luzia nos buracos da cumieira e, quando chovia, tínhamos que estender, por sobre as camas, como toldos, esteiras e lados de barracas.

A condução: incerta e precária: um ônibus apenas, sacolejante, esfalfado por largos anos de velhice, de serviços e de oficina e que, de vez em quando, empacava no caminho.

E era uma novidade. Um tom de progresso e bem-estar. Uma ousada iniciativa.

Fazia duas viagens para a cidade: às seis da manhã e às duas da tarde; e duas da cidade para Itaguaçu: ao meio-dia e às seis.

O proprietário, conforme a ternura do seu coração naquele dia, organizava uma extra a Florianópolis — uma fila notável, uma procissão.

— É... podem se preparar, lotando o carro.

Mas acontecia que, quase sempre, por cansaço, preguiça ou birra, o ônibus recusava prosseguir a marcha ao seu destino — e era em vão o apelo à gasolina, à carícia, ao murro, ao pontapé. O carro não tinha coração, nem sensibilidade, nem medo de caretas. Fincava as rodas e emudecia o motor.

Batíamos então o pé ou para a cidade ou para a casa, sob o sol duro ou a chuva flácida, desde o morro do Baco-baco, porque essas coisas só se davam além da Palhocinha.

A ligação com Florianópolis, segura e fácil, fazia-se em canoa ou em barco a vela: o melhor caminho continuava a ser o mar.

Eu mesmo muita vez experimentei a perícia do Antônio Adriano, no leme ou na escota.

Apesar dessas dificuldades, Coqueiros era uma delícia e um encantamento sempre renovado: não sofrera, naquele tempo, como agora, o mal de ser uma praia de verão e de luxo catita.

As hordas elegantes ainda não haviam expulsado, com vagar, método e bangalôs, das suas velhas moradas, os velhos nativos.

Os ranchos dos pescadores, num risco lento e macio de praia, e cujos dramas interiores eu ainda desconhecia, ou as casuchas dos velhos jornaleiros, entre árvores de altas frondes, davam à paisagem uma beleza simples e natural, em que a alma gostava de repousar.

Sob uma grande tranqüilidade e uma fina radiância, a vida corria sem pressas e sem cuidados: as redes saíam de manhã para o mar: as cigarras cantavam e o fumo que subia dos casais, branco e sereno, punha uma espalhada certeza de felicidade e paz doméstica.

Mas... tudo isso não passava de uma ligeira e alegre impressão de veranista, de olhos turísticos que só procuram ver e descobrir em todos os aspectos das paisagens e dos homens coisas novas e necessárias à cura dos seus bocejos, da sua fartura ou do seu tédio.

Somente mais tarde, quando me fixei pelo solo e uma moradia mais longa é que vim a conhecer Coqueiros, o Bom Abrigo, as Capoeiras nas suas realidades e não como as imaginavam a minha fantasia ou o meu sonho.

O Anselmo, o Boca-Muda, o Lourenço Carpes, o Pica-pau, o João Saibro e outros seres que passam, mudos, conformados ou de mãos ao peito, no meu livro — eu os vi assim mesmo revestidos do seu heroísmo anônimo, das suas desesperanças sem remédio e da sua miséria inevitável, encharcados pelo orvalho da noite ou com os olhos cheios de terra numa dobra de praia.

Dizem aqui e já disseram no Rio de Janeiro — que **Homens e Algas** é um livro triste, doloroso, e onde as criaturas mais felizes gemem sobre as arcas de pau ou, esperando os filhos que encheriam de rumores alegres o seu lar e a sua vida vazia, encontram sobre o berço, simplesmente, dois monstros repelentes.

Sim, tudo isso é verdade. É verdade porque é o Fato. Foi isso que eu vi e todos vêem, embora com olhos diferentes.

Não fiz ficção. Não a quis fazer por nenhum preço. Não inventei enredos, não criei personagens, não colori com tintas falsas os meus tipos e as minhas paisagens.

Quem viveu e vive em Coqueiros e naquela zona conheceu e conhece a todos eles.

Que diga o meu velho e querido amigo João de Assis que, para servir aquela gente, só não foi ainda padre ou parteiro.

Quantos dos que atravessam, fugitivamente, **Homens e Algas**, ele conheceu buzinando o peixe ou contando casos na venda do Neném ou do Miguel.

Como expliquei num quase prefácio eu apenas vi, por essas praias batidas de ventos e de neblinas, os agudos aspectos que constituem, com inexorável determinismo, o todos-os-dias de um povo triste e sem esperanças.

Certamente, em alguns casos, vesti o Fato com as roupagens literárias do Conto e troquei, por outros apelidos, os nomes verdadeiros ou as alcunhas de certos personagens — achei que não tinha o direito de afrontar o pudor e o recato de suas vidas dolorosas, para delas fazer objeto de uma trama novelesca; mas nem por isso perdeu ele os ásperos coloridos dos seus contornos e as frias realidades das suas substâncias; as chagas profundas e doloridas que sangram no seu corpo e que os dourados catassóis da fantasia não conseguem disfarçar.

Não foi, portanto, o simples desejo de escrever um livro em que a paisagem sobrepujasse o homem e as belezas serenas ou agitadas do mar servissem de cenários a seres artificiais e se agitavam, de resto, através de duas centenas de páginas, vestidos de ouropéis e cantando antífonas ao mar, à felicidade e à vida — que me seduziu e arrastou a publicar **Homens e Algas.**

Não se concebe ou se admite mais, nestes tempos contemporâneos da energia nuclear e em que os problemas humanos perderam o seu teor individualista ou de brilhante diletantismo, que se lance um livro à lassidão luxuosa de alguns fartos ou se façam mesuras de corte a leitores de punhos de renda.

(Depoimento ao Jornal "Roteiro", de Florianópolis, em 1958)

À suave memória de Araújo Figueiredo, o poeta da saudade e do mar, que dorme o quieto sono da morte no cemitério de Coqueiros, entre raízes, pescadores, jornaleiros e homens humildes e anônimos que ele amou e compreendeu.

1948.

PREFÁCIO

Não deixou de me surpreender o convite com que me honrou o Sr. Othon d'Eça, para escrever este prefácio. É que os prefácios, além de uma simples apresentação, já se tornaram, entre nós, uma espécie de fiança de méritos literários. Daí ser comum os escritores jovens procurarem um confrade mais velho, e de alto prestígio intelectual, para lhes abonar as precoces ambições literárias. O que é estranho é que um escritor como o Sr. Othon d'Eça, velho militante da cidade das letras e uma das figuras mais representativas da cultura catarinense, autor de vários livros, como **Cinza e Bruma, Os Espanhóis Confinantes** *e outros, tenha-se lembrado de pedir um prefácio a um colega mais moço e sem títulos que o tornem merecedor dessa distinção.*

Ao manifestar-lhe a minha surpresa, ele prontamente esclareceu:

— É uma homenagem que venho prestar à sua geração.

* * *

Num estudo que há tempos escrevi sobre as letras catarinenses, incluído no livro **Temas de Nosso Tempo**, *ressaltava eu a inexistência, em nosso Estado, de um traço regional de características marcantes, capaz de imprimir uma tônica ao nosso "ethos", não fosse ele formado pela fusão de componentes étnicos heterogêneos, numa área geofísica que, por sua vez, se singulariza por uma estonteante diversidade.*

Entretanto, se por um lado nos ressentimos aqui de uma realidade ecológica configurando um estilo de vida ou um tipo humano com caracteres bem definidos em razão dos seus costumes ou da sua maneira de ser, como ocorre em algumas áreas do território nacional, não nos falta, por outro lado, uma comunidade das mais ricas e multiformes, permeada, aqui e ali, de variantes regionais que dão vida e colorido à nossa paisagem sociogeográfica.

Foi uma dessas variantes, tão escassamente aproveitadas pelos nossos escritores de ficção, que inspirou estas páginas ao Sr.

Othon d'Eça: a gente humilde das praias catarinenses com as suas crendices, as suas mazelas, as suas sagas e o seu incurável fatalismo. Salim Miguel já nos havia dado, há pouco mais de um ano, **Rede** — um romance cujos personagens foram extratados, quase todos, dos tarrefeiros e puxadores de rede da Vila de São Miguel. É um ângulo da vida catarinense que está sendo transposto para o mundo da ficção sob um aspecto diferente daquele aproveitado nas novelas e nos contos de Virgílio Várzea. O autor de **Mares e Campos** era um apaixonado pelos quadros da natureza. Foi um homem que conviveu com o mar, velejou como marujo a bordo de escunas e patachos, enfrentou o vento e as ondas nos dias de borrasca, assim como conheceu a vida das populações rústicas que habitam o litoral de Santa Catarina, extraindo dessa experiência todo o material com que construiu as suas novelas. Othon d'Eça, ao contrário, viu o mar através dos pescadores, dessas criaturas humildes que ele conheceu "vivendo em ranchos gretados, de lama batida e grossas janelas de pau". Mas os seus quadros não são menos autênticos. Pois era ao lado desses ranchos, ou num recôncavo de praia, depois de recolhidas as redes, que ele ouvia as estórias ou as queixas dessa pobre gente, para quem a miséria e os infortúnios da vida não passam de uma determinação inexorável do destino. Não ouviu, apenas. Anotou-lhes o código lingüístico de sabor arcaico, tão pobre quanto a sua ração diária; entrou nos seus casebres de telha vã e paredes enfumaçadas; tomou com eles o caldo "apetitoso e fumegante" nas suas mesas; dormiu nas suas enxergas de ripa; testemunhou-lhes a pobreza resignada: — "Não temos outra vida. O mar está aí... tão perto! E dá tudo!..."; viu crianças de ventre inchado catando berbigão no lodo para reforçar o magro cardápio familiar; e cadáveres estendidos nas praias com os "olhos vazios e os beiços roídos", o pranto e o lamento das mulheres ressoando na tarde lúgubre como um coro surdo de tragédia grega.

Homens e Algas não é propriamente um livro de ficção. São pequenas histórias em que o autor fixou segmentos da paisagem e da vida praiana no litoral de Santa Catarina. Alguns, até, não chegam a ser uma história. São manchas de um aquarelista deslumbrado pelo mar. Seus personagens existiram. Lourenço Carpes, Doca, João Saibro, Cipriano, Bochechudo, Pica-pau, eis como se chamavam alguns dos anti-heróis dessas historietas. Não

foi preciso apelar para a imaginação nem recorrer a estranhos artifícios de composição literária para dramatizar a existência dessas criaturas cuja tragédia começa no dia em que nascem e só acaba no momento em que são tragadas pelo mar. Ao lado das aquarelas, encontram-se alguns quadros vivos, de traços mordentes e nítidos ressaltos humanos. Quadros trabalhados a golpes de espátula por um escritor que usava as palavras como se estivesse pintando. Veja-se, por exemplo, este trecho: "Borrões fortes e espalhados de pedras brancas; cabeçorras de pedras alaranjadas, emergindo das águas azuis para a enamorada contemplação do céu azul, das montanhas azuis, da mancha azul do Cambirela longe, destacado na distância azulada e fina, como um moirão de aço novo" (p. 141). Não esconde o seu êxtase diante da paisagem através de imagens sensoriais, como nesta passagem, em que é visível a influência da técnica impressionista: "Tênue e serena como um aroma de flor entreaberta, insinua-se na alma da gente a sensação delicada e leve que devem sentir as espumas, as algas e as gaivotas. /A beleza palpitante da paisagem que me rodeia: — um mundo de luz e cor que se mistura numa névoa tépida como um beijo — dá-me a certeza de que valeu a pena ter nascido para me deixar embeber, como uma esponja viva, de tudo aquilo./ E um consolo imenso, que eu não sei se me penetra o coração com o calor do sol ou se é uma simples ilusão das maravilhas que me envolvem, misturando-se ao desejo de me deixar ficar ali, sobre o mar, e, desfeito em poeira luminosa, misturar-me para sempre às maresias esverdeadas que flutuam entre a água e o céu, e estão saturadas de fecundidades e substâncias vivas" (p. 124).

Mas o elemento paisagístico, embora se imponha à pintura do cenário em que vive o homem do litoral, raramente se sobrepõe aos aspectos sociais ligados ao pescador e à sua condição humana. O homem e a paisagem como que se entrelaçam em íntima simbiose nestas páginas do Sr. Othon d'Eça, impregnadas de uma profunda simpatia humana pela sorte dessas vidas simples, tão cruamente marcadas pelo destino. Pena é que o Sr. Othon d'Eça não tivesse aproveitado esse material intuído pela sua vivência com os pescadores, na elaboração de um romance. Com os seus admiráveis recursos de escritor e um pouco mais de imaginação (o que lhe não faltava, como já o demonstrou em outros trabalhos), ele poderia ter escrito um romance de forte relevo social, ao invés de um livro de memórias. Vê-se, todavia,

que a intenção do autor foi apenas fixar tipos humanos e aspectos da vida e do folclore do nosso litoral, sem nenhuma preocupação de dar, sequer, a estas historietas, a categoria de conto. Como já salientei, são quadros da vida praieira, quase todos de um realismo bem marcado, onde os personagens se exprimem na língua regional, interpolada com a linguagem literária do autor.

Homens e Algas, *mais do que um livro de memórias, é um testemunho. Ao lado da excelsa beleza destas páginas destaca-se o documento humano, a crônica das condições aviltantes em que vivia e ainda vive o pescador brasileiro. É toda uma população que vegeta à margem da sociedade, no submundo da pobreza sem remédio, mas conformada com a sorte, debitando à vontade de Deus tudo o que provém das distorções de uma estrutura social injusta.*

"Verdades vivas e amargas", eis o que palpita nestas páginas, como muito bem definiu o autor. E são as melhores, as mais belas e, ao mesmo tempo as mais pungentes que já se escreveram sobre as nossas misérias à beira mar.

NEREU CORRÊA

N. do P. — O prefácio que aparece na 1a. edição deste livro foi totalmente reescrito para esta edição. Relendo o livro vinte anos depois, achou o prefaciador que devia reajustar a sua impressão atual ao texto escrito em 1957, na linha do mesmo juízo crítico, apenas ampliada e enriquecida de novos enfoques.

COMO NUM PREFÁCIO

Homens e Algas é quase um livro de memórias, escrito sem pressas e, às vezes, sem os demorados cinzelamentos da Forma e as ansiosas lapidações do Estilo.

Algumas de suas páginas foram manchadas com as tintas nativas, logo após os episódios e os fatos que perturbaram a minha sensibilidade; outras as escrevi mais tarde, daqui da minha mesa de trabalho, indo buscar as impressões e as criaturas no fundo da minha lembrança — onde elas se encontravam entre paisagens que já desapareceram e bagaços da minha vida babujados pelos anos.

Quase todos os pescadores ou jornaleiros que por elas passam, apenas falquejados em linhas duras e agrestes, conheci-os vivendo em ranchos gretados, de lama batida e grossas janelas de pau.

Muitos morreram em casa, num quarto cheirando a pobreza e a sanapismos, gemendo com a pontada ou, apáticos e lívidos, com um pano velho amarrado à cabeça quieta e muda.

A maior parte deles, porém, a tormenta afogou dentro de uma onda e o mar, depois, com outros detritos, os devolveu à terra, já esponjosos, moles e podres.

Não há, por isso, neste livro, existências decorativas e aromáticas — seres indecisos falando com galanteria, num mundo imaginário, contemplativos e heróis morrendo com ênfase em cenários de grude e papelão.

Eu apenas vi, por essas praias batidas de ventos e de neblinas, os agudos aspectos que constituem, com inexorável determinismo, o todos-os-dias de um povo triste e sem esperanças.

Não fiz, assim, ficção, porque o meu intuito foi gravar, em resumos curtos e secos, verdades vivas e amargas — que valem muito mais que os relevos dos frisos e as galas da imaginação.

Certamente, em alguns casos, vesti o Fato com as gangas literárias do Conto e troquei, por outros apelidos, os nomes verdadeiros de certos personagens — achei que não tinha o direito de afrontar o pudor e o recato das suas vidas dolorosas; mas nem por isso perdeu ele os ásperos coloridos dos seus contornos e as frias realidades da sua substância; as chagas profundas e doloridas que sangram no seu corpo e que as douradas vestes da Fantasia não conseguem disfarçar.

Florianópolis, 15 de março de 1957.

O. d'E.

HOMENS E ALGAS

PESCADORES

HOMENS E ALGAS

Bem que os conheço a todos eles! Nasci também à beira do mar e guardo dentro do coração, como num búzio, a grande voz que embalou a minha infância e que, um dia, ainda chegará até a mim, quando eu for descansar no alto da verde colina do Senhor dos Passos.

São os meus velhos amigos pescadores, esses homens cor de salmoura, de mãos lanhadas e pés descalços, que cheiram a sargaços moles e a limos esfiados.

*

Bem que os conheço a todos eles: sei-lhes os nomes simples e as alcunhas pitorescas: o Antônio Adriano, o Doca, o Boi d'Água, o José Rainho, o Jango Maneta . . .

Falo-lhes sempre a rude linguagem que eles gostam, sem iscas, sem malhas e sem peraus; ausculto-lhes as fundas palpitações dos seus desejos; ouço-lhes as amargas incertezas do mundo em que labutam; sinto-lhes as vidas cheias de ameaças, de tormentos, de resignações mudas e tranqüilas.

De alguns ouvi-lhes contar os perigos do mar alto, quando o vento sul, cheio de uivos e ameaças, levanta muros de água negra; e os filhos que morreram pequeninos, queimados pela sezão ou esvaídos em sangue; e as fomes que suportaram, numa cova de praia, no rancho sem esperanças e sem lumes!

De outros, já mortos: o velho Quincas, o João Flores, o Anselmo, o Bochechudo, o Lourenço Carpes conheci-lhes os corações simples como as conchas e que pararam, sem ódios e sem remorsos; e vi-lhes os cadáveres tristes, emagrecidos, rígidos, com os pés amarrados, dentro das suas mortalhas de riscadinho.

*

Bem que os conheço a todos eles, esses homens encardidos de babugem, de mãos duras e dedos picados pelos espinhéis, cheirando a lodos e a alcatrão.

Sei das suas canseiras, do seu abandono e das suas desesperanças sem remédio.

Já vi os seus corpos em todas as posturas, cercados de areias, sem olhos, as bocas roídas, os ventres túmidos e podres, numa volta de praia — onde o mar atira sempre as suas escórias.

O Doralécio Capema deu assim, à rampa do Mercado Velho, num dia de carnaval; e o Canhanha, que, já sexagenário, queimava o resto da vida em seu barco de lenha, apareceu na Praia de Fora, junto às grades do jardim, dois dias depois de um temporal de vento e chuva, com os braços abertos e uma perna quebrada.

*

A manhã é quente, alta e sonora, sem aragens, besuntada de cádmo e carmim, como um largo biombo de xarão chinês.

Dezembro semeia punhados de pólen doirado e de fecundidades vivas, entumecendo de amor os corações dos homens e os pistilos impacientes das flores.

Deus, dos altos céus harmoniosos e fecundos, esfarela claridades e tintas, sonhos alegres de prole e esperanças sem nome; e flutuando num mundo de espumas e de vagas que se transfigura em cada dia e, em cada instante sufoca, na sua beleza ligeira e sempre nova, os heroísmos humildes que atrai e seduz — uma fina poeira de lumes em que pairam, trêmulos e latejantes, gaivotas brancas e albatrozes de asas negras e pesadas.

Entre bóias fendidas de cortiça, velhos pedaços de cordas e grandes rolos de algas e águas-vivas, alguns homens dormem ao sol: são pescadores fatigados, seminus, que repousam nas areias

opacas, depois de uma noite de vigílias secas e de cansaços estéreis.

Dormem misturados aos rebotalhos das redes e aos detritos úmidos das vagas, ligados no mesmo destino e confundidos nas mesmas causas — homens e algas cuspidos todos numa praia, sob o sol dourado e vivo: as algas pelo mar e os homens pela miséria.

A PENHORA DO JOÃO SAIBRO

Janeiro esturrava o limo das pedras e enchia de aromas frescos as sombras dos caminhos.

O João Saibro tivera a triça — um mês de febres e de faltas, como só Deus sabia, rilhado em cima duma cama dia e noite.

Não se acostumara ao sol e à jacuba, tinha ainda a chieira da quina e já o Ludovino, de sopetão, como a coral, pregara o recado:

— É. . . meu filho . . . diz ao papai! . . . São tantos a dever. . . E isto aqui me custou muito dinheiro.

E o Ricardinho voltou sem o caderno, chorando alto, muito vermelho do sol, a cesta vazia. . .

Então a Marcília botou o xale, decidida:

— Vou lá! Aquele unha-de-fome sem vergonha, credo! Sem mais nem menos!

Mas o Ludovino desviou a cabeça, mexendo lentamente nos pesos, sem olhar para ela.

— É só enquanto o João não vai ao mar. . . Está fraco das pernas — suplicou a Marcília, já dobrada, compreendendo que qualquer reação era debalde.

Vinham chegando outras pessoas conhecidas, algumas com um balaio no braço; outras de mãos nos bolsos das calças rotas.

Na estrada, à sombra da casa do Marcelo Brugas, o Jorio

Mantua, com dois pesados cambões de savelha, buzinava como um doido, empinando a guampa malhada, chamando a freguesia.

A carreta do José Santos passou, cheia de sacos, com as rodas pintadas e o toldo novo, de pano azul.

De trás do balcão subia um cheiro de café e de bananas maduras.

O Ludovino ia atender, já ferrado.

Baixara os olhos; no dedo magro da Marcília a grossa aliança de ouro reluzia. Lembrou-se do batizado da Carlinha. . . das peças de linho que ele vira na casa do João Saibro, uma delas na mesa do café.

E orçou de bordo, resoluto, limpando, com um pau de fósforo, as unhas crescidas e sujas.

— Não. . . não posso, filha! É arranjar. . . é arranjar . . . Tenho esperado muito tempo . . . As coisas não andam boas. . .

A Marcília regressou à casa com os olhos duros, seca de raiva, como um graveto de carqueja:

— O Ludovino, credo! Aproveitando a desgraça alheia.

*

E tudo se juntara: a triça, o roubo da canoa, todas as conspirações do infortúnio!

Já nem falava na perda do espinhel, que fora descuido do João.

A Marcília, porém, bem sabia as tenções do usurário: mas não teria ele, o peste, nem os linhos nem a aliança, que valiam muito mais do que o fiado: farinha, carne seca, açúcar grosso. . . um café com sangue de boi. E tudo isso roubado no peso!

O sol ia bem no meio do céu, arredondando as sombras pelo chão, riscando de luz os pranchões das cercas, onde cresciam fungos e musgos esverdeados.

O sueste calmara um pouco.

Escarrapachada na lama negra da valeta, ao pé da tranqueira do Manoel Arrás, uma porca de cria amamentava a ninhada que grunhia, latejava, como uma penca de bananas escuras e vivas.

Boiava no ar um cheiro de peixe seco e de estrumes de gado.

*

Os dias foram caindo, um a um, no fundo do tempo.

Num sábado de manhã o Ludovino apareceu — vinha com o meirinho e o caixeiro para fazer a penhora:

— É. . . tinha de ser. . . É negócio!. . .

Mas só levou as chumbadas, as tarrafas e as duas velas — tudo quanto restava ao João de quinze anos de mar e de noites mal dormidas.

A Marcília, com as crianças assustadas às saias, chorava baixinho, coando o café.

O João Saibro, esse, ficara como um pau: só os beiços tremiam como as folhas, amarelos e inúteis.

Agora era arcar no remo alheio: deixar a mulher bater na pedra da fonte, todo o dia, para não morrerem ambos, mais os filhos, como bichos sem covil e sem dono.

*

O Ricardinho adoeceu de cataporas; outras moléstias apareceram.

A Marcília acabou vendendo a aliança, que lhe custara tantos anos de bilros e lavações, ainda em solteira, na casa do pai, na Enseada.

E, um a um — o que lhe restava do bragal!

— É assim mesmo, João — dizia ela. Pobre não tem caprichos.

Em junho, mês de frios, mês de roupas, as crianças deixaram de ir à escola, que era longe, na Capela, na estrada que a lama virava em atoleiro.

Uma noite, desesperado, o João Saibro bebeu creolina; não tinha conta o que vagara a procurar trabalho, na dura busca do pão.

E sempre a mesma cantilena: — Ah! filho! Não há lugar. . . É ter paciência. . .

Era uma noite fria, de grandes chuvas desabando do céu negro.

Veio a vizinhança. A Marcília estava desacordada, no meio do chão; as crianças gritavam. Sobre a mesa um toco de vela

esmorecia.

Dona Concepta soube da desgraça: a Marcília encheu a casa de um tudo, até roupa de cama, até camisinhas de lã para os meninos.

Mas ao cabo de alguns dias a farinha acabou; na lata do feijão apenas alguns gorgulhos se arrastavam, lerdos e cinzentos.

— Credo, João! Viver à custa dos mais!. . .

Foi quando inculcaram aquele rancho na Praia da Saudade e um cabo de remo na lancha do Simão Camacho, que não chupava os pobres e pagava melhor.

Sempre teriam um teto e o sustento; não comeriam do acaso nem de esmolas, eles que tinham os braços que Deus lhes dera, fortes e abençoados.

O destino, porém, achou isso tudo demais! Um dia o João Saibro saiu para o mar: era de tarde, o tempo ameaçava e estavam acabando os mantimentos.

A tormenta passou.

— É. . . é a sina de cada um: a gente nasce com ela!

AQUELA CANOA...

Coqueiros, fevereiro de 1943

O Cipriano tem agora uma canoa. É quase preta, com as bordas besuntadas de vermelho e um nome meio borrado na popa: BARREIROS.

Está sempre na praia, sob uma mamonão ramalhudo e cheira a tinta nova e a piche queimado.

— Mas não é minha, credo! Tenho lá dinheiro para essas grandezas! O dono é da Serraria, o Patrício Lorena.

A canoa mede trinta palmos de proa à popa e oito e meio de boca.

Tem paneiro para a rede, corote e fogareiro de ferro, com grelha e argolas aos lados.

— Mas, não é barco que sirva, isso. Não agüenta mar...

O Doca não acredita na valentia do madeiro para o vento sul ou um noroeste de banda: não tem borda nem atora a vaga!

O Cipriano, porém, bate os ombros: pode ir à rede quando lhe chiar o telhuço. O resto não importa.

— Morrer mais hoje, mais amanhã... Quem pode saber quando se volta do mar?

Cipriano é um mulato espigado, de joelhos duros e olhos vivos: tem no sangue aquele mole fatalismo das raças sem vontade. Vive do mar e há de morrer no mar, num aperto de onda, cortado pelo vento.

— O mar me dá o pão... Pode também me tirar a vida.

É a lógica indolente da conformação: a mística do destino sem temores porque não há remédio.

— Ninguém nasce senão para morrer um dia... É de Deus!

Cipriano às vezes desaparece: vai pescar na costa do Rio Grande, em Santos, onde houver melhor salário e melhor pão.

Nasceu em qualquer risco de praia ou num côncavo sombrio de terras-de-marinhas, entre mangues e lezírias, onde também fazem os seus ninhos os socós preguiçosos e as saracuras ariscas.

A mãe — a Sia Rufina — era uma preta alegre e sadia, de andar apressado, de saias limpas e largas, sempre envolta na baforada azul do seu cachimbo.

Foi escrava: mas não conheceu a sujeira das coivaras nem as bestialidades das senzalas escuras e sórdidas.

Viveu sempre no aconchego da Mãe-branca, à tepidez lânguida e cheirosa da alcova da Sinhá-Moça, nas doces intimidades do seu coração.

O seu Senhor — velho capitão dum brigue flibusteiro — libertou-a antes de morrer: assim teria o perdão dos seus pecados e, na certa, a sua vigia num cantinho do Paraíso.

Sia Rufina estava em toda a parte: batendo o pão-de-ló das bodas, talhando o merinó para as mortalhas; ou junto ao catre dos doentes, com os ouvidos no galo, para o remédio da madrugada, quando a moléstia piora e a morte vem andar à roda das enxergas.

— Se vou, que tem isso? Todos se devem ajudar neste mundo de Deus. E a doença pega quando tem de pegar!

E lá se botava ela a caminhar, sem pagas ou sem inculcas, mesmo sob as pesadas tormentas de chuva e vento, nos dias de inverno ou nas abafadas noites de verão.

E ria sempre, porque tudo isso era feito com aquele alegre e vivo prazer de ajudar, que tanto contenta e enternece o coração dos pobres e dos justos.

*

Cipriano também é um homem satisfeito com a Rosa-dos-

fados: se tem — come; se não tem: — Deus é grande. Não há de ser nada.

E olha o céu, de gorro na mão calejada e ossuda, de longos dedos amarelados pelo tabaco.

Cipriano é feliz como um cabrito novo: é o grande troveiro da Praia da Saudade, o melhor cantador daquelas freguesias em derredor.

— Ninguém sabe tão bem tirar um desafio ou preparar uma brincadeira.

— Há boi?

— Parece que há. O Cipriano está preparando um que é uma grandeza: tem Bernúncia, Cabrinha e Caipora.

*

— Então, Doca. De apretos ao ombro. Sempre vão à barra?

— Bamos: o tempo está puxando pra nordeste. Mas, aquela canoa do Cipriano não agüenta mar. . . E é pena, com uma rede de setenta braças e um pano que é um vento!

RECORDAÇÕES

Quase todos os pescadores que eu conheço ou conheci, nestes últimos vinte anos, viveram ou ainda vivem em Coqueiros ou em Itaguaçu.

O Antônio Adriano, o Moisés, o Camilo Caieira, o Doca, o Galdino Picanço, que findou de icterícia na cadeia de São José; o Domingos Sardinha, o Constâncio, o Lourenço Carpes, mortos no mar; o João Flores e o velho Quincas — que Deus os tenha; o Manoel Sargo, magro como um bacalhau e gago de nascença, que leva um poder de tempo para contar cem camarões:

— É... é... é... Um; é... é... Dois... é... é...

— Credo, homem! Até parece bagre ferrado na goela.

E o Manoel Sargo, socando as mãos, com toda a sangueira batendo na testa, dispara uma obcenidade: vá... à... à... m...

Mas, de todos eles, com exceção do Doca, é o Antônio Adriano o pescador que mantém comigo uma cordialidade mais desembuchada e mais livre:

— Então, Antônio! Como tem passado?

— Assim, assim, como Deus é servido. E vancê?

Filho e neto de pescadores, o mar afogou apenas o irmão mais velho, numa tormenta de vento e trovoada.

A canoa não dava... E ele tinha um poder de gente!

Antônio Adriano é proprietário e foreiro de marinhas; tem uma velha morada bem na praia, picada de iodo e de sal,

de janelas verdes e frisos nos beirais e que ele comprou com a herança do pai e as economias de doze anos.

Sua vida, natural e simples, está curtida de ventos, de chuvas e de sol: é como essas árvores que não perdem as folhas no inverno e, por isso, guardam sempre nas suas ramagens os sinais dos tempos e as manchas das estações.

Conheço-o há perto de vinte anos, desde que o Guilherme me vendeu o terreno em que fiz construir a minha casa, na praia da Saudade.

Por esse tempo o Antônio bebia da água do meu poço.

— Sempre dá de ir buscar a agüinha?

— Ora se dá, seu Antônio! A água é nossa...

E todas as tardes, meio gingoso, com as suas passadas muito abertas de homem do mar, lá vinha ele com o pote debaixo do braço:

— Que a agüinha é fresca... de bom gosto... e dá bem na saúde.

E parava um momento para me contar algum velho caso ou para avisar que naquela noite iria deitar o espinhel.

— O tempo é bom e as culapadas andam aos magotes.

*

E fecho os olhos; e vejo a todos eles, os vivos e os mortos: os que cruzaram os braços fatigados na sua enxerga de pobre, à sombra das alcovas tristes, ou os que o mar devolveu à terra, depois das negras ventanias, com os olhos vazios e os beiços roídos.

Adiante, na ponta do Dinge, entre grandes pedras que as piteiras enfeitam, lá está o João Flores consertando a tarrafa.

A tarde vai deixando pelo céu uma poeira de ouro e ametista e o mar, cá em baixo, é uma dança de tons verdes e azuis que se misturam e rolam, e se confundem, longe, com a névoa cor-de-rosa que escorre das montanhas e flutua na barra distante.

Foi assim que o fixei na minha memória, como numa água-forte colorida.

E parece que foi ontem, essa manhã de garoa, quando o velho Quincas pulou do barco, ágil e leve como qualquer rapaz.

Havia passado a noite no canal, ferrando merotes e mira-

guaias.

Estava encharcado, a gandola de baeta azul cheirando a peixe e a alcatrão, as calças enroladas até acima dos joelhos ásperos e ossudos, os grandes pés descalços, de calcanhar rachado e solas embranquiçadas pelo sal.

— É para vender o peixe?

O velho Quincas me olhou um instante, amuado, a esgotar com a cuia a água do barco.

Era quase cor de bronze; tinha os cabelos semelhantes a estopa ensopada de azeite e longos fios de barba, todos brancos, em torno do queixo magro.

— Não, é para o gasto.

E voltou à faina do barco.

Depois, uma noite, fui vê-lo com o Luís Soares, que o conhecia há vários anos e o chamava de você.

O velho Quincas botara já os oitenta para fora; tostara aos sóis de todos os mares do Brasil e batera na África, num brigue de Pernambuco — o **Leão dos Mares** — que ia a comprar negros e piaçaba.

E falou-me, com uma voz de acentos náuticos, de viagens às terras escuras, de noites dormidas em barracas de musgo, e de negros nus, amarrados pelas pernas, num desvão rude de praia, na costa despenhada do Senegal.

— E naufragou alguma vez, com uma tão longa vida de mar?

— Duas. Águas de grandes correntezas, nas Canárias. Agarrei-me a uma barrica. Quando dei por mim estava a bordo de uma escuna espanhola. Da outra vez foi na costa do Albardão. Nadei uma noite toda. Felizmente fazia calor e o vento estava de feição...

E o velho Quincas acendeu o grande cigarro de fumo crioulo, amarrado ao meio por uma embira de palha de milho.

Dentro da sala, estreita como um beliche, onde havia uma pequena mesa de três pés e, nas paredes, algumas estampas da família real espanhola — a luz do belga amortecia lentamente, com mariposas a esvoaçarem em torno do vidro enevoado.

Nunca me hei de esquecer do velho Quincas; mal se lhe

viam os olhos miúdos e azuis no fundo das sobrancelhas grossas e brancas.

O remo endurecera-lhe as mãos, onde costumava experimentar a ponta dos anzóis.

COMPARAÇÕES

O pescador das baías é, por temperamento e sangue, esquivo e taciturno — fala pouco, mesmo quando está na venda, de camisa lavada, folgando e bebendo o seu vinho de laranja.

Escuta apenas e não discute:

— É... parece que sim. O tempo é pra chuva...

— Mas você não acha que está para vento sul? Há nuvens baixas no Cambirela.

— É... pode que dê vento sul...

Vai quase sempre ao mar sozinho ou, então, com o filho.

Às vezes leva um companheiro que dirige o barco enquanto tarrafeia ou solta o espinhel.

Nas baías, aliás, as grandes lanchas de cinco a seis remos não são comuns; têm três ou quatro homens; e assim mesmo quando a rede é de rico.

Predomina a canoa de um só pau; a longa canoa de borda curta e pano latino, em que os pescadores se aventuram no mar grosso, barra afora, na raia dos ventos largos e ariscos.

O Antônio Adriano, dos Coqueiros, pescador desde os doze anos, neto e filho de pescador, com irmão morto no mar, saiu uma vez com o João Saibro para pescar anchovas, ao largo do Arvoredo, na barra do norte, muito além da fortaleza.

Afoitaram-se: a madrugada os encontrou na praia dos Ingleses; torceram o leme daí para as Aranhas. Ainda escuro, na

manhã seguinte, marearam para a ilha do Campeche, no outro lado do mar, onde as águas são velozes e altas.

Depois formou-se uma trovoada da banda de terra e caiu um vento pesado e duro, vindo do sul. Não era possível sair dali: a tormenta, grande e escura, misturou terra e mar, mar e céu, apagando-os com violência: e deixou apenas o vento, a chuva e o rugido cavo das ondas.

Seis dias durou o tempo: havia pescadores dos Ganchos, da Armação, do Pântano do Sul...

Acabou-se, por fim, o mantimento: passaram a comer abóbora assada nas pedras. Não havia café e mesmo o sal buscavam no mar.

Quando o céu amainou, içaram a vela de volta: tinham onze dias de barraca, de noites mal dormidas e de fogo soprado.

— Mas foi tudo bem pago: trouxemos dinheiro e a canoa cheia de escalados. O pior foi a dívida no Ludovino: a mulher já havia cortado o merinó pro luto...

*

Os pescadores de Canasvieiras, dos Ingleses, de Itapema, são alegres e joviais, quase infantis; talvez porque sintam a morte mais perto e queiram, por isso, aproveitar bem o dia que estão vivendo:

— Mais vale um bagre na linha que dois meros no mar.

São perdidos por uma briga de galos, na sombra de uma parede e pelo Boi-na-Vara; por um dia de prosa nos bancos das vendas, de pés lavados e camisas limpas, a contar casos, as aparições das praias desertas, a tintureira voraz que persegue os barcos e dá o bote nos reflexos dos homens; os vultos que acenam, misteriosos e desesperados, do alto dos paredões da Lagoa, em noites de lua cheia.

E tudo isso aos tragos da queimada ou aos goles da cachaça doce, entre a fumarada alegre dos cachimbos e dos grandes cigarros de fumo picado! A tardinha, com as cabeças cheias e as mãos mergulhadas nos bolsos vazios, regressam aos lares asseados, onde as mulheres os esperam com as línguas destravadas e a ceia pronta sobre a mesa de pinho.

— Raios me partam se eu cuidar mais desse estupor. O

cachaceiro, credo, nem se lembra dos filhos, que vivem em couro como os baiacus...

Mas todos os dias, quando anoitece, sobre a escarolada mesa da cozinha, o estupor encontra sempre o caldo apetitoso e fumegante e a farinha na cuia de catuto.

— Ora... ora... mulheres! Não valem pelas línguas, senão pelo apuro dos caldos.

*

Em Itaperobá, nas Coroas, em Jaguaruna, os pescadores vivem isolados, presos entre as dunas e o mar, fazendo da pesca e dos quatro ou cinco ranchos que resumem a sua aldeia — ranchos baixos, compridos e estreitos como canoas — o seu mundo e a sua alegria, um e outro, de resto, nas mãos de tormenta.

As doces exigências do sentimento, a necessidade do convívio com outros seres vivos, fora do seu chão de areia, estriado de grama, levam-nos à amizade pelo peixe: só lhes tiram a vida por que a fome é feita de garras e de egoísmos aduncos.

Os botos, por exemplo — essas crianças do mar que amam os cardumes e as marés cheias —, os botos têm nomes e alcunhas: o **Manoel**, o **Pai-João**, o **Pançudo**, o **Menininho.**

E não há como confundi-los uns com os outros, mesmo quando é noite e as sombras caminham sobre as águas, sutis e imponderáveis.

Os botos, mansos e afetuosos, prestam serviços aos pescadores, batendo as tainhas para a barra do rio, ou acompanham os barcos conhecidos, de que recebem a ração de peixe miúdo e, às vezes, quando o pescador está com o sangue mau, um risco de faca no lombo lustroso.

*

Um pescador das praias da Laguna poderá não distinguir, pelo cheiro, um araçá duma goiaba, mas não confundirá o **Menininho** com o **Pai-João**, ou qualquer que apareça no rebanho, pela primeira vez, vindo de outras paragens longe.

Ele conhece demais os seus amigos cor de bronze.

Em compensação, não há de que temer.

Um pescador, tendo caído nágua, enroscado na sua velha

tarrafa, um boto amigo empurrou o seu cadáver até ao molhe, onde os companheiros o recolheram ainda com os olhos abertos.

Outro, mais afortunado, voltando-lhe o tino, pôde saber onde se encontrava e nadar para uma laje de pedra e aí esperar o socorro que não tardou: um boto conhecido daquelas águas servira-lhe de referência, como uma estrela benfazeja num céu limpo.

— Bem que os homens, muitas vezes, se dão melhor com os bichos do que com os seus semelhantes.

— Sim! — retrucou-me o velho Bento Salém, passando-me a boceta de fumo picado. — É porque os bichos não comem no mesmo prato.

As horas desciam muito longe, por detrás da linha azul do horizonte, que as primeiras sombras iam amarelecendo e apagando, devagar.

O vento sul se tornara mais rijo e mais longo; as vagas, túmidas e altas, rebentavam por cima das dunas, enfeitando-as de espumas rechichantes e de algas molhadas e verdes.

Não era possível a viagem até a Laguna: tínhamos, assim, que ficar ali, naquele rancho agasalhador e que rescendia a farinha nova e a peixe salgado.

*

— Que horas serão? Já luziu a fresta e andam por aí as gaivotas.

— Seis horas! A chaleira está chiando na cozinha.

— E que cheiro bom de café coado!

Conhecia, como ninguém, o mar de peixe, e quando os pássaros fechavam, podia dizer se era manjuva ou tainhota.

Saía ao mar todos os dias, mesmo quando o sueste guaiava entre as tiras dos coqueiros e as neblinas apagavam águas e montes, até a barra longe e alta.

— Ó Seu Quincas! Com um tempo desses.

— Eu cá hei de ir ao peixe enquanto tiver pernas e pulsos... Isto não é mar que ponha medo.

Desperto e sopro ainda mais a memória: e vejo outros pescadores, de outras bandas: o José Loura, de Ponte de Baixo, que foi um dia ao mar e nunca mais voltou; o Sabino Loureiro, que

ficou de vigia no grotão, enquanto o filho ia ao marisco; e veio uma onda de trinta pés, de repente; pegou-o de lado, moendo-lhe os ossos nos penhascos agudos; o Cravo Mendes, de Itapema, morto por um cação perto dos Macucos; o Zeferino Baeta, da Serraria, que um boi esfrangalhou na estrada de Barreiros, ele que vira tanta água e tanta tormenta de vento; o Dimbo Pierri, topado entre os mangues, na barra da Palhoça, envolto na tarrafa, como se fora a sua mortalha.

E quantos mais, cujos nomes nem eu sei, mas que ainda estão na minha lembrança como no istante em que os vi regressando do mar, ou indo para o canal — breves figuras do meu passado, vivendo na minha saudade e no ritmo enternecido e leve do meu coração.

A HORA DA REDE

Encalhou à praia a rede do Natário Vieira: andou no mar desde a madrugada.

A grande canoa tem a proa enterrada na areia; mas a popa, flutuando, ondula à cadência das maretas longas, claras e esverdeadas.

O Cipriano, o Doca e mais alguns homens que têm cheiro de maresia e já viram a morte escanchada à garupa do noroeste, estão em terra. Saíram com o escuro, quando céu e mar se misturam no mesmo tom úmido e pegajoso do alcatrão.

A pescaria, porém, não foi farta: nunca mais se viu aquela força de peixe.

— A mode que estão fugindo todos, credo!

— Também o poder de pobres de Cristo que vevem deles!

No fundo da canoa um ou outro peixe ainda incha as guelras ou move as badanas, asfixiados e duros.

Com os alicates abertos e os olhos tesos, oblíquos e estrábicos, alguns siris correm ou escorregam entre as cuias de camarão e os balaios cheios de manjuvas gordas e prateadas.

Crianças metidas nágua até os joelhos atiram pedras às gaivotas, catam peixinhos de olhos verdes, hirtos, finos e transparentes.

Em torno da canoa nadam marrecos de pescoço azulado e a um canto, junto às tábuas do rancho de José Mueller, o

Já-te-digo mastiga uma cabeça de galinha, rosnando sem cessar.

Um feixe de sol fura o ventre cinzento de uma nuvem, que o nordeste empurra e esfarela nas bordas, e risca um caminho de luz sobre o verde liso do mar.

Os peixes vão sendo atirados à praia, um a um — sargos carnudos, pescadinhas de estrias furta-cor, corvinas de escamas ásperas, corcorocas de dentuça afiada e algumas arraias de pele de lixa, chatas, feias, de papo branco e visguento — toda a fauna do canal jogada para as areias.

Depois uma buzina rasga os ares saturados de salsugem, de fenos e de sol quente.

Um grupo de mulheres olha o carrinho que se vai embora, chiando e batendo a roda mal feita.

— Cruzes, quem pode comer peixe, de caro! Nem mesmo a manjuva ou a savelha!

— O pobre agora passa fome, fome de cachorro sem dono, credo!

A buzina muge mais longe. Mas só os forasteiros fazem parar o carrinho onde há peixes frescos sobre folhas novas e tenras de bananeiras.

NADAVAM QUE NEM BOTOS

Coqueiros, janeiro de 1948

Hoje de manhã estive a conversar com o patrão da lancha do Patrício: é um homem loiro e magro, riscado de ângulos, de olhos azuis, grenha áspera e uma grossa mecha de pêlos ruivos no queixo agudo.

Tem um nome de rico: Cantalício de Lara.

Com um cachimbo e um gorro de lã, entre cordoalhas e junto a um mastaréu, passaria por um arpoador da Terra Nova.

Sentado sobre os calcanhares, remendando uma rede, é apenas um pobre pescador da Serraria.

— A rede do Simão Camacho também chegou! — exclamei, puxando a conversa. — Saiu ainda com o escuro e trouxe um pouco de peixe no fundo do barco. Às vezes nem traz nada.

Cantalício soprou uma baforada de fumo, com um olho meio fechado, e ferrou a palavra:

— O peixe, senhor, está mesmo que é um arisco. E nem paga a pena andar-se ao mar, toda a noite e ao cabo a trabalhama de atar as malhas! Quando não é cação — é o estupor da estrela, credo! Há de tudo no mar: bons e maus!

— Custa caro uma rede dessas?

— Pra riba de dois contos! Quem pode, nesta carestia, com a mantença da rede e da canoa, e mais a filharada, que é a única riqueza do pobre?

O cavalo do Macário passou num trote aberto, relinchando, com um pedaço de corda pendendo do pescoço magro.

— O senhor não é daqui, de Coqueiros?

Não. Era de S. Miguel, da praia dos Afogados: um lugar muito bom, de boas águas e farto. O mal são as "aparências" que por lá surgem, finas e leves como a fumaça, do meio das pedras, num certo dia, à meia-noite. E entram até dentro das casas e apagam o candeeiro.

— Tem filhos?

— Nove, com a graça de Deus. Eram doze. A mais novinha morreu de bichas e os dois mais velhos a correnteza levou, na barra das Tijucas, o ano passado, no Domingo de Ramos. Nadavam que nem botos.

A naveta puxava o fio rebelde e úmido, fechando as malhas rotas.

Eu fiquei a lembrar outros rapazes que o mar tem carregado e continuará a carregar: os dois filhos do Cesário Alves, da Serraria; o irmão do Lino Esteves, das Caieiras, havia mais ou menos uma semana; o Ricardo Capanema, que foi dar na praia do Pontal, onde morava a noiva, enroscado no espinhel e, na véspera, sob um sol quente e claro, quando pescava à linha na Laje do Méro, o Roberto Deveza, que viera de Araçatuba na baleeira do Tijucano, com o Carriço e os porcos do José Santos.

— Então, os seus rapazes! Nadavam que nem botos?

— É certo. Isto é de quem lida no mar. Tem que ser! Já a minha avó, que ainda faz tarrafas e debulha o feijão, viu o marido sair para o Arvoredo. E até hoje, quando vem a noite, ela o vai esperar, num canto da janela, chorando e de rosário na mão, credo!

Vinha do rancho próximo um cheiro de querosene e de peixe salgado. Em torno, na grande manhã franjada de sol, o sueste entumescia o mar; dentro do borbulho arenoso e regular das águas, boiava o rumor lento, espaçado e fofo, dos manguais batendo o feijão.

Mas, às vezes, na distância abafada, um fino tinir de malhos passava e logo desaparecia na luz serena.

Cantalício pôs de lado a naveta polida, tirou de trás da orelha uma ponta de cigarro e bateu o isqueiro de chifre.

— O senhor já naufragou alguma vez? — perguntei eu.

— Não tem conta, amigo, a aguarada que tenho bebido nesta vida de mar.

Da última vez, vai para um ano, varei três dias sem comer, com a lestada batendo no corpo e o caçula queimando de febre no vau de duas pedras. Quando me toparam — uma canoa que passou por acaso nas Galés, perto dos Macucos — já falava desarvorado e via tudo num saco de cerração.

— Quanto ganha o senhor?

— Três mil réis e a ração de peixe para o sustento.

— Que mal lhe pergunte: e isto dá para viver?

Cantalício sorriu e metendo as mãos nos bolsos remendados, encarou-me de frente, os pêlos do queixo espetados, os olhos comprimidos:

— Dá... dá sim!... E é para não morrer logo de fome!

E deixou-me, bruscamente, resmungando um palavrão de cais.

Perto o mar luzia, polvilhado de vidrilhos, que fervilhavam como vermes de prata numa ferida azul.

Para as bandas da Palhocinha o apito de uma fábrica, estridente e longo, avisou que algumas criaturas iriam enganar a fome com dois goles de café e um punhado de croeira.

E eu pensei também naqueles outros seres que, àquelas horas, em pleno mar ou na boca dos rios, estavam provocando a morte para que as mulheres e os filhos, nos seus casebres de barro virgem, em alguma conca de marinhas, ou num sombreado risco de praia, entre pedras — tivessem a ilusão de que viviam...

SOB A DOÇURA DO CREPÚSCULO

Coqueiros, março de 1938

Que povo é esse?

— Toparam o corpo, no Itaguaçu, naquela volta das furnas.

Era o Lourenço Carpes: mais um naquele mês de trovoadas e de fundas tormentas de água e vento.

Saíra para o mar havia cinco dias, à savelha, com os dois filhos pequenos: um no leme e outro no remo, como era do seu costume quando tarrafeava.

Desabou o vento sul, um sulão pesado, de quebrar telhas, escurecendo a barra e cobrindo as montanhas e apenas os dois meninos se salvaram, por milagre, louvado seja Nossa Senhora, Mãe dos Homens!

Encontrou-os o trabalhador de uma caieira, no rio do Maruí, debaixo da Ponte: encharcados, os braços feridos, os queixos duros de frio e de terror.

— E o pai? E o pai, Deus do Céu? E o Lourenço, Santo Anjo da Guarda?

Os meninos nada podiam dizer à pobre mãe, batida de mágoas, pisada de prantos, como a Senhora da Piedade ao pé da Cruz.

Quando a barra empolou, alta e negra, eles estavam longe, bem em riba da manta, que tremelicava e era larga e comprida como o caminho de Santiago.

O mar arroxeara de repente, manchado de espumas amarelas; os peraus escuros afundavam, em cartuchos, chiando, chupando a canoa, que desgovernara, e se enchia de mar por todos os lados.

Às vezes os poços de água se enroscavam em caramujos; subiam e se esbarravam; jogavam o barco de onda em onda, misturando-se à tormenta de vento e chuva que apagava tudo em roda, desfazendo o mundo em uivos de lobos e frialdades de morte.

— E não se sabia adonde se estava nem para onde se ia! — exclamavam, em lágrimas, os meninos. — Foi quando o moço nos topou, agarrados ao barco, na boca da noite.

*

Conheci o Lourenço Carpes em Caiacanga, há quinze anos, muito antes dele ir morar à Palhocinha, quando eu bati naqueles sítios umbrosos à procura de louça velha, daquelas azulonas dos tempos do ilhéu e dos bragais de linho branco.

Pousei na sua casucha de reboco, de boa telha, com pomar e horta; e a Constança sempre me arranjou, na casa de um velho piloto que morava no fundo de um cafezal, numa casa de sotéia e grossos batentes de peroba, à beira do rio, uma tijela de Macau e um S. Pedro cavado num osso de baleia.

Sempre magro, sempre a tossir, batia o queixo de frio, de quando em vez, mesmo nas zinas do verão, na força de fevereiro.

Um dia eu lhe falei em tratamento, no cuidado que deveria ter, ele que levava uma vida tão incerta e tão dura.

— Talvez V. no Hospital, Lourenço...

— Não, que tenho bocas a sustentar.

E emudeceu, num olhar baixo e sem forma.

Ora, no fim de contas, era mesmo aquela a sua sorte: trabalhar, queimar os frangalhos da vida nas soalheiras e na salsugem, como restos de redes e catutos rachados de espinhel.

Nascera para isso: viera ao mundo com a fatalidade do vintém — dinheiro de pobre.

Os seus estímulos, os seus pulmões, estavam naquela idéia de todos os momentos: tinha bocas a sustentar, vidas a

manter, um pesado destino a conduzir sobre os seus ombros agudos.

Morrera na luta, no desalinho da tormenta, sem legendas e sem povo, supondo que os seus filhos — pobres seres imprecisos! — haviam tido a mesma sorte e o mesmo sudário de espumas e de vagas.

E quem sabe se o Lourenço não sentira, com isso, um último consolo, uma última gratidão: o mar, ao menos, aliviara a mulher do encargo de duas bocas! ...

*

Nunca mais aquele quadro se há de apagar da minha memória, porque nela ficará fundamente incrustado como uma tatuagem: um canto de tragédia dentro da minha recordação.

Num risco de praia, entre um tronco de cedro, velho, seco e esfiapado de limos, e duas grandes pedras ásperas de ostras e baratas, jazia o Lourenço Carpes com as órbitas cheias de areia, os dentes a branquearem no fundo dos beiços roídos, sujo de lama negra, inchado, grosso e disforme como um judas de Aleluia.

Junto dele, desfeita em lamentos, abraçada aos filhos que choravam, a mulher, a Constança, completava aquelas figuras que o destino agrupara, irônico e inexorável, como cena final do amargo e quotidiano drama da vida.

Ninguém tivera ainda a coragem de tocar aquele corpo encharcado e fétido, viscoso de algas e de babugens gelatinosas, de mãos descarnadas e onde se agarravam, escuras e numerosas, moscas vorazes e inquietas.

Já a tarde descia, doirada e morna, quando enfim, o João Gago e o Manoel Sargo trouxeram as cordas e as esteiras — a dura mortalha que enrola e esconde a miséria que morre no mar.

E quanto custou, Santo Deus, arrancar de ao pé do morto a mulher e os filhos desesperados, num clamor sem palavras e que não tinha respostas.

Mas, sempre se conseguiu levar o corpo até à estrada ao carro do João Gago, sem varais e sem toldo, como é da usança naqueles favores piedosos e tristes.

E, lento e chiando, entre homens apáticos e mulheres

lacrimosas, o carro partiu sem demora, arrastado por dois bois peludos e molengos, sob a doçura de um crespúsculo cheio de paz e de aromas vivos.

RUÍNAS

1/5/38 — Entre o mar grosso e um cotovelo de areia fica o velho cemitério: goiabeiras e pitangueiras ramalhudas e verdes, pondo manchas de sombras rendadas e movediças por sobre covas rasas, onde, às vezes, crescem cravos amarelos ou touceiras de flores miúdas, alegres e leves.

Aqui e ali uma cruz mais nova, pintada de azul ou de alcatrão, com um nome a tinta branca: "Amâncio Rita. Nascido 6/2/1893. Falecido 1/1/1926. Morreu no mar."

Há também legendas resignadas e comoventes: "Aqui jaz Joãozinho Gregório de Sena. Nascido 6/8/1910. Falecido 4/2/1918. Deus nos deu, o mar nos tirou."

Numa velha cruz sem cor, felpuda de musgo, a custo decifrei: "Descansa em paz. Isidoro Thomé da Horta. Nascido 7/10/1846. Falecido 8/9/1914. Morto no mar."

E sempre assim, entremeando as outras covas, nuas ou cercadas por uma grade de pau: Morreu no mar!... Morto no mar!

Olhei, sem querer, para a frente, ao fim dos cômoros, para a ondulante massa de água que levemente encostava no céu.

— O mar! O senhor mar, tão luminoso... tão repousante... tão bom, hein?

— Bom ele é, que dá a mantença pros pobres de Nosso Senhor Jesus Cristo! — assim me falou o velho patrão da baleeira:

um grande velho bronzeado, de enormes olhos verdes e grosso cabelo cor de barbas de milho.

— E às vezes também a morte...

O velho ficou a olhar a água azul, que luzia entre uma poeira de ouro vivo e quente, como a um ser amigo.

— Não é ele, senhor! O mar não mata ninguém! É a tormenta de chuva!... É o vento, o sulão... o noroeste...

Subia das dunas uma fumaça íngreme, áspera e fulva, que chiava como fogueira de mangue verde.

Dentro do Cemitério, em torno das goiabas maduras, os sanhaçus esvoaçavam, inquietos e azulados.

E os grilos e as cigarras iam misturando os seus cantos ácidos e resinosos à suavidade que vinha do céu, se aninhava entre as sombras, que o vento do largo umedecia e adoçava.

— É... de fato. As tormentas de chuva e vento é que matam vocês. O mar, depois, encarrega-se de jogá-los para as praias. O mar não gosta de cadáveres.

Calei-me. Senti a inutilidade das palavras e dos argumentos: aquele pescador amava o velho mar que trouxera das ilhas distantes os seus avós; que alimentara a seu pai e o estava alimentando a ele; e continuaria a dar de comer aos seus filhos e aos seus netos, como uma seara milagrosa e abençoada.

Os outros também são assim: quando eu lhes falo das águas "pérfidas e traiçoeiras", olham o mar, cheios de sossegada e casta ternura, e repetem:

— Não é o mar. Não é o mar. A traição não vem dele. É o pé de vento. Os redemoinhos do noroeste. Os grandes frios que tolhem os braços e gelam o coração. O mar também sofre com as tormentas.

O sol começava a luzir em cima dos morros.

O grande pano subiu, debateu-se um instante, para depois se encher de um longo, apressado vento.

O barco, metendo um bordo nágua, deslizou por sobre a porcelana da Lagoa — onde o céu se refletia como uma grande mancha esverdeada, duma doçura incomparável.

E NÃO VOLTOU

Ratones, junho de 1945

A tormenta de vento e chuva tinha mais de dez dias, batida e sem esmorecer um só instante.

Um grande mar de inverno, escuro e lamacento, escumava e fervia como se tivesse por baixo todo o fogo do inferno.

Rolos de água desciam dos céus cianosados e caídos, arrebentavam de encontro aos barrancos altos, por cima das árvores encharcadas, dos ranchos solitários e que mal abrigavam uma escura miséria de pescadores e de lavadeiras.

Era em junho e botar a cabeça para fora das portas ou das janelas sem vidros, apodrecidas e gretadas do tempo, fora impossível: a chuva desabava em cachoeira e a ventania, larga e funda, poderia arrancar as cumieiras esburacadas pelo cupim e a mamangava.

A falta já se ia tornando grande naqueles casebres macerados pelas umidades e as lestadas, perdidos entre os trançumes dos cafezeiros e as palhas das bananeiras, ou meio enterrados numa conca de praia e cujas angústias o mar esfarela em espumas amargas.

Naquele dia, véspera de S. Pedro, no casebre do defunto João Mâncio, que a sezão matara havia um par de anos, a carência chegara à desesperança e à apatia da conformação.

Acocorados na cozinha tresandando a picumã, de chão negro e manchado das poças que pingavam das telhas, as crianças

cochilavam de fraqueza, encolhidas nas camisolas remendadas e sujas, ao pé da trempe, onde dois paus de lenha mal podiam aquecer aqueles corpinhos ossudos e encardidos.

Num canto da sala, sobre a caixa dos trapos, entre restos de tarrafas e porongos de espinhel, a Deolinda tiritava de frio, doente há vários meses, sumida no fundo do seu velho xale esfiapado.

— Ai, meu Deus! Já não posso mais...

O tempo era de lua e batia o Pontal desde o crescente; só mudaria no minguante, se mudasse o vento.

No velho relógio, sem vidros, as horas iam caindo das pontas dos grandes pesos de ferro, longos e do feitio de pinhas.

Passava do meio-dia e, no entanto, até àquele instante, ninguém sabia os rumos do André Mâncio, o mais velhinho, que sustentava a família desde que a carreta do Laundes, numa tarde fumarenta de abril, levara o pai na sua derradeira tarimba de pano preto.

Para não ver a mãe sofrendo daquele jeito, sem o seu caldo, sentada em riba da velha caixa, saíra de manhãzinha, à barra do rio dos Ratones, onde havia uma larga poça e era possível soltar a linha de trinta braças.

— Com esse tempo, filho! Olha que podes não voltar! — gemera a Deolinda.

Mas o André Mâncio sabia que não ficaria no mar: tormentas maiores ele furara e viera, no fim, dormir no seu jirau.

Depois... o poço era firme e para a tarde o tempo passaria; o sul estava ficando mais claro.

*

Quinze anos fizera o André pela Semana Santa; e já sobre a sua vida ainda tão breve e mal vivida, se haviam agarrado aqueles encargos injustos e duros.

Que fazer, porém, diante da mãe doente, sempre a tossir, ora na trempe, ora na pedra da fonte, quando não estava a gemer no fundo do velho catre enegrecido?

E tão descarnada, pobre dela, e tão fraca, que às vezes nem mesmo podia ajudá-lo a remendar as tarrafas ou a ferrar os

anzóis dos espinhéis: as mãos tremiam-lhe como as folhas do inhame quando passa o vento.

Tinha também os irmãos pequenos, é certo; mas estes, ao menos, eram levadiços e espertos — sabiam tirar ostras nas pedras, apanhar o camarão com um balaio e cantar a entoada que enfeitiça o garra-azul e não o deixa enterrar-se na lama fofa.

Sentia que o seu destino era aquele mesmo, rolar em riba da vida como a canoa que a maré fez subir e desgarrou.

Demais seria, sim, se ele pensasse num tranqüilo remanso para repouso, entre árvores copadas, numa dobra lustrosa de rio.

Nascera numa tira de areia, como uma grama qualquer, que até um boi pode pisar ou remoer.

Estava, por isso, conformado com os funestos intentos da sorte, que traça os desencontrados caminhos de cada um — ricos e pobres.

O triste era a mãe, a Deolinda, enferma, desfolhada mais pelas consumições do que pelos anos, trabalhando como um boi de engenho — sempre caminhando, sempre caminhando, mas sem nunca sair do mesmo lugar.

E o André Mâncio, enquanto ia deixando a linha escorregar pela borda da canoa, lembrava-se dela, das suas pobres mãos engelhadas e curtidas pela potassa, dos seus olhos claros e aguados, que tanto haviam sofrido neste mundo ingrato e frio.

E na lembrança a mãe lhe aparecia como sempre a conhecera: aquelas mesmas saias remendadas, o mesmo xale de franjas curtas e incertas, a mesma lida: os filhos pequenos, o marido a queimar de febre em riba da cama, da quentura do fogo para a frieza das fontes, sem uma queixa da vida, como se a miséria e as suas lentilhas pecas fossem as maiores riquezas da terra.

Por isso ele devia trabalhar: dar-lhe um dia um xale novo para o frio e uma enxerga menos dura para o seu velho corpo cansado.

*

A tormenta continuou pela tarde, descolorindo e desmanchando a paisagem encharcada.

Veio a noite.

A Deolinda nem mãos tinha para o seu rosário, nem coração para o seu sossego.

Ao outro dia, apesar de tudo, o André Mâncio não voltou, como prometera.

E toda a manhã, a Deolinda e os filhos, à chuva e à ventania, esperaram o André, chorando e gritando, tão longe do mundo que ninguém escutou esses lamentos.

OS BREJOS DOS RATONES

Coqueiros, janeiro de 1946

Domingo. O sol derrama por sobre o mar uma poalha de prata que cintila e que palpita como o ventre de um réptil.

O dorso macio da Costeira, as suaves encostas do Rio Tavares, mesmo os Baixios franzidos e bronzeados e, mais longe, o alto morro do Ribeirão, até ao friso violáceo dos Naufragados, escorrem claridades, mostram saliências frescas e coloridas, como se um mundo novo tivesse surgido das espumas, do fundo misterioso da vaga.

A buzina do peixe vai deixando na estrada uns sons recurvos e espaçados, feitos de mugidos roucos e bárbaros.

— Será o Moisés?

— Não, é o Doca.

*

Cerro um momento os olhos para recordar, para sentir os retalhos de impressões que nunca mais morrerão dentro de mim, porque são feitos de pedaços de minha vida e têm alma como eu.

Parece que foi ontem: a praia estava cheia de gente; naqueles tempos qualquer um podia comprar o peixe que quisesse: corvinas ou papa-terra; pescadinhas ou culapadas; e até linguados vesgos e garoupas amarelas.

A rede do Natário Santos acabara de chegar do canal; a

caça fora farta: a peixaria ainda não fugira das baías, e dava gosto uma noite no mar, mesmo quando o frio queimava as orelhas e rachava os sabugos dos pés.

— Quem é aquele pescador de gandola vermelha?

— É o Doca, está de novo nos Coqueiros. Veio do Costão das Almas.

Era um homem musculoso, cor de alcatrão queimado, de ossos longos e fortes como juncos.

Cabelos negros, luzidios e ásperos como as crinas do potro. Grandes mãos riscadas pela salmoura. E o olhar agudo e firme da gaivota caçando.

*

Depois a vida rodou, lenta e pesada, por sobre ele.

O Doca passou a ser um farrapo de homem — esfiado, balofo, a barba muito rala e toda branca.

Os cabelos já não luziam como piche — grisalhos, empastados nas têmporas duras, pareciam restos encardidos de algodão.

Não caminhava; os seus passos tracejavam linhas vacilantes.

Quase nem podia suportar o peso do samburá.

— Mas V., Doca, assim doente e ainda vai ao mar?

— As crianças carecem comer.

O Doca estava morrendo de uma lenta e impassível miséria.

Tivera a sezão; bastou-lhe uma noite nos brejos dos Ratones.

E a anemia, cada manhã, como os esfuminhos num desenho, ia desvanecendo aquele homem desnutrido, sempre fatigado, que tinha de ir ao mar porque as crianças careciam comer.

*

E quem pensaria!

O Boi se aproxima. Segue-o o povo. Ninguém ficou em casa, nos panos, nem mesmo doente: a brincadeira é mais forte do que tudo e está misturada no sangue:

— É o nosso divertimento... Já foi dos nossos pais... Não há outro.

— E quem vai de cavalinho?

— O Estevão. Brinca que vale a pena. É de Massiambu.

*

Em frente à minha casa, como em dia de festa, o povo se aglomera embevecido, os olhos sôfregos, num silêncio de igreja.

As mulheres de saias domingueiras, algumas com o filho no colo ou pela mão; os homens de chapéu, camisas limpas, tamancos e pés lavados.

Os cantadores chamam o boi, que se precipita, espantado, abrindo rastros, atacando até os que se debruçam na cerca, do lado de fora.

— Eia, bicho louco!... Credo! Quem é?

— O Maninho, filho da Cinoca.

— O Maninho, já de boi? Parece que foi ontem que o vi nascer! Louvado!

Em seguida o Mateus, pingando de tiras vermelhas e azuis, o chapéu de bico, a varinha na mão.

Depois... o boi adoeceu; está caído, os grandes olhos de carvão muito abertos, o focinho na terra, imóvel e rijo na sua armação de bambu verde. O coro lastima a morte do bicho. O vaqueiro nada arranjou:

— Alevanta meu boi, arretira meu boi.

Mas o boi continua sobre as pernas, mais duro que samburá de cipó, as guampas rijas, os olhos de carvão imóveis e tristes.

Mateus apela para o doutor, que se aproxima com as suas artes numa caixa de pau, a rabona roçando os quadris, os óculos de arame sobre o nariz de zarcão.

E benze o boi, com as "palhas e as maravalhas e as penas do urubu".

O boi oscila e range; levanta-se, ressuscitado. E volta a dançar, até que o cavalinho, que também executou os seus compassos, ondeou a sua capa de setineta azul e bateu, fogoso e ancho, o seu penacho de paina, obedecendo os cantadores, laça o Malhado e o arrasta para o recesso das folhagens caladas e escuras.

Há um espaço de silêncio, uma vaga agitação de impaciência, um pesado momento de expectativa e de temor, como se o mistério, de repente, tivesse de surgir da terra mole e pressaga.

Do chão sobre um calor empoeirado e fino. Nas moitas retinem os grilos.

Do fundo, os cantadores seduzem agora a Bernúncia...

Bernúncia, minha Bernúncia
Bernúncia do coração...

E entra a "excumungada", como um vento, boleando o corpo para lá e para cá, a cabeça baixa, preparando o bote, como a cobra embrabecida no folhelho.

*

A Bernúncia!

De que fabulário ou de que folclore se desprendeu?

É um bicho longo, de quatro pés, flácido e mole, cauda curta de bode, dentuça de jacaré e riscos negros no lombo de cação...

Come crianças, a peste, e ainda fica batendo a bocarra, satisfeita e regalada.

— Cruzes, mulher! Quase que me engole o Manequinha. Não é às veras, mas arrepia!

Para o Carmino, jornaleiro da Pinheira, a Bernúncia deve ser uma "alma".

O Jango Leiria, porém, não dá âncoras ao Carmino: discorda com desprezo: — Isso é algum mau fadário, como a bruxa ou o lobisomem.

Mas o Antônio Adriano, velho pescador e meu amigo, pensa que a Bernúncia veio do mar:

— Pode que seja um bicho do mar!...

O avô, que viera "da outra banda do oceano", mais de uma vez lhe falara de monstros e cobras grandes que atacavam os barcos e se escondiam nas dobras das cerrações. O velho chegara a ver, com vinte dias de mar, os olhos de um deles piscando no alto da noite escura.

O Cipriano, porém, apenas sabe que é a Bernúncia e que ela deve obedecer:

Senhora dona Bernúncia,
Faça a sua obrigação,
Venha dançar sem demora,
No meio deste salão.

*

E a brincadeira terminou. Mateus recolhe os óbulos ao fundo do chapéu enfeitado.

— O que quiser... qualquer coisa serve... qualquer coisa...

— V. dançou muito bem, Doca... É o melhor Mateus que eu já vi aqui em Coqueiros... Melhor do que o Amâncio.

— Obrigado... A gente faz o que pode...

E o Doca mostrava os dentes rijos, muito claros, cravados em gengivas duras e roxas.

O suor dava-lhe ao rosto uns tons luzidios de bronze molhado e o torso, largo e musculoso, parecia maior sob as tiras horizontais do papel cheio de franjas.

*

Morreu como os outros pescadores, ressumando água do ventre, conformado e distante, sobre farrapos encardidos e entre crianças que ainda não compreendem a sua fome.

O destino lhe fez apenas uma grande esmola: não o afogou no mar; deixou que o Doca morresse em casa, na sua enxerga de ripa, esgotado por uma funda, sequiosa e espaçada agonia.

Melhor assim: o Doca ao menos não foi roído pelos peixes e o seu corpo não se espatifou como o do Constâncio, de encontro às pontas das pedras, em qualquer costão onde o mar está sempre enfurecido.

— Sim, foi repousar ao pé do Cruzeiro, louvado seja!

— Sabe-se onde ele está e é da gente!

*

Todos os pescadores pensam da mesma forma:

— Voltou para a terra. Antes a cova que andar sem pouso sobre as águas, enroscado no vento, credo!

*

Conheci muitos pescadores. Alguns morreram no mar,

outros nos seus ranchos úmidos, de lama escura e cozinha de chão, e onde faltava a luz e sobrava a miséria.

Nunca me hei de esquecer do João Flores e do Lourenço Carpes... Eram meus amigos; a ambos levei-os ao cemitério, nuns restos bronzeados de poente.

Mas não sei porque: o Doca me comoveu mais do que todos os outros.

IMPRESSÕES

Setembro, 1945

A Armação de Sant'Ana, no leste da Ilha, é um vilarejo cor de escamas de peixe, com fios paralelos de folhagens e arvoredos fofos, murmurantes, aninhados em torno de uma pequena capela que tem uma data no alto: 1779.

As casas de pedra e argamassa de azeite, vetustas e atarracadas, são batidas sobre um chão de barro cru e cheiram a fumaça de mangue e a corvina salgada.

As janelas de pau, com parapeitos fortes, abrem-se para o mar grosso, donde todas as manhãs vem o sol e o sustento de cada dia.

A praia é um largo listão de areia: o mar vem ali estender, todas as manhãs, os longos braços espumentos, numa ternura lúbrica de velho namorado.

Áspera e salitrada, a grama põe manchas verdes por todos os lados; dos buracos abertos nas ruínas de velhas muralhas e donde, outrora, subia o fumo dos tachos derretendo a baleia — uma vegetação intensa e viva escorre e ondeia como estranha cascata verde.

Uma rede de mangues e de espinheiros também se emaranham e cercam, meio enterrados agora, as cisternas em que luziu o azeite e hoje, cheias de água escura, atraem bandos de marrecos e casais inquietos de libélulas vermelhas.

Os barcos têm duas cores vivas: verde e branca; azul e

amarelo ou, então, um vermelho ardente com riscos de alcatrão nos costados robustos.

Quase todos levam nomes de mulheres nas popas floreadas: a esposa, a filha, ou a namorada que reza quando ele vai à rede ou, à porta da varanda, faz cantar os bilros no entremeio do enxoval: **Marília, Delorme, Santinha, Dulcemar. . .**

*

A pesca na Armação de Sant'Ana é mais aventurada e mais dura do que nas duas baías; mesmo o peixe é outro e doutra linhagem: meros e cações carnívoros; a anchova, a prijareva, o burriquete, a arraia amarela, o bacalhau.

— Por certo! — disse-me um pescador da Ponta da Companha — As canoas são de outro bordo, de proa alta e arqueada, de quarenta e cinco palmos, com quatro a cinco homens para ferrar o pano, descer a rede ou fundear o espinhel de quatrocentos anzóis.

Também a morte vai enchendo o seu paneiro mais depressa; e as mulheres de preto, às vezes, são mais numerosas e mais tristes.

*

— Era o meu arrimo e todo os meus teres neste mundo!

— Quando foi?

— No derradeiro inverno. A lancha era valente. Mas o vento sul, credo, fora demais, com aquela tormenta de chuva que tapou tudo!

Não vi, mas posso imaginar o último ato da tragédia: a tempestade, o mar fremente e negro, com listras violentas de espumas, que o vento agarra e mistura com a chuva.

Lá fora, longe, as velas se debatendo em vão e, na praia, encharcadas e chorando, as mulheres torcendo as saias, desesperadas, numa angústia sem nome e sem remédio: espectadoras quotidianas daqueles destinos inevitáveis.

— E quantos voltaram?

— Dois homens. Três ficaram nas águas. O triste foi o Justino Arrás: deixou nove filhos e a mulher tolhida do juízo.

— É uma desgraça a vida de vocês.

— Agora, amigo! A gente já nasceu assim e tem mesmo de morrer um dia. O dó é a criançada que fica.

Na linha breve e confusa do horizonte, entre duas ilhas nevoentas e oblongas, um navio riscava a gaze azulada de garatujas de fumaça escura e fugidia.

— Estou reparando. . .

— Foi o meu mais moço. . . Anda por aí carpindo nos ventos os meus pecados.

O pescador calou-se um momento: segui-lhe, no entanto, o olhar e o pensamento.

O mar latejava em luz e cor, estriado de prata polida, de um verde, transparente e fino, fundido na poeira cristalina e alta.

Por cima dos arvoredos corria um perene e alegre chiaço de águas batidas e perto, à sombra de uma casa com um grande galho de mato espetado na cumieira nova, no meio de homens acocorados e impacientes, dois galos brigavam, as coxas nuas, ensangüentados e teimosos.

O sol ascendia fios lentos de luz nas folhas das bananeiras e o rumor roleiro da vaga tinha sonoridades fulvas e dormentos.

— E. . . O mar é bonito. . . É bom. Temos de gostar dele.

E o pescador da Companha rematou: — Mas, às vezes, a gente não compreende . . . não pode saber!. . .

SOB O LESTE

O dia amanheceu sob um céu baixo, triste e lívido.

O mar tumultua e rebrama, estriado de espumas, com cicatrizes de lama vermelha no lombo largo e viscoso.

O aguaceiro é contínuo, oblíquo, desmanchado às vezes pelo vento que uiva e guaia pelas gretas, revolve as nogueiras, faz dobrar os mamonões, esfarelando em torno frialdades e tédio.

A terra está saturada, fendida pelo enxurro: barro e imundície dos morros, longas poças amarelas que escorrem entre os sulcos deixados pelas rodas.

— Quem irá ao mar, mesmo até à Lage do Mero?

Pelos ranchos umedecidos, ou pelos casebres escuros e pisados, por certo as crianças choram com fome, sob as chitas cerzidas, junto às cinzas da trempe vazia.

Que poderão fazer, todavia, esses homens que vivem do mar, se os barcos ainda estão emborcados com esse mau tempo que já tem mais de uma semana e não dá mostras de melhorar nem de ceder?

É esperar que o vento se desfaça, porque chuva só não quebra osso de pobre; ou, então, sair ao mar e bater, depois, com o corpo no costão, a tarrafa enroscada no braço e a boca sem beiços.

Quando o leste fustiga e irrita as baías, e enfurece as barras, que pode fazer um pescador com filhos a sustentar e que não

tem no varal um rabo de peixe e na cuia uma pouca de farinha?

Arrisca a ficar debaixo da canoa ou sofre o agravo do João Saibro, que perdeu na penhora a tarrafa e as duas velas, que eram o sustento dos filhos e o que lhe sobrava dos vinte anos de mar.

*

O Constâncio, coitado, por certo perdeu a cabeça; foi no ano passado, nas vésperas de S. Miguel.

E quem não a perderia com a chuva e a lestada nas telhas, a terra ensopada e as vendas mudas, indiferentes, sem fiarem um tostão magro de biscoito!. . .

Tinha a mulher em casa com a febre da zipra, dois sacos de roupas por lavar e as crianças tristes e pálidas, tiritando, sem poderem mariscar os peixes mortos que, quase sempre, a tormenta de água leva à praia, com galhos de mangue, paus de lenha seca e até pedaços de canoas.

Foi ao mar com a ventania inclemente e a chuvarada branca e fria, batendo nas folhas, desmanchando e escorrendo os céus e os montes.

Toparam, muitos dias depois, com o corpo trancado nas pedras, as duas pernas partidas, sem olhos e já podre.

*

O vento continua arrastando a chuva, mexendo nas paredes, rangindo pelos galhos molhados.

As chaminés estão desertas, tristes e frias.

— Que Deus tenha pena dos pescadores. . .

*

O BOCA–MUDA

A maré alta, de lua nova, semeou ilhotas, escondendo as areias e as pedras, subindo, em movimentos largos e mansos, até às gramas, na beira da estrada.

Solitária, a emergir da água como uma esquisita garça verde, uma árvore, pequena e esguia, reflete a sua sombra adormecida na conca de uma poça azul.

Em torno dela, numa alegre revoada de noivado, voam casais de canários amarelos.

Adiante, sobre grandes manchas crespas, que tremem e que faíscam, redemoinham as gaivotas.

E um boto, lentamente, ora mergulhando, ora fazendo luzir o dorso escuro, parece gozar a mansidão tépida do mar.

*

Ali, entre aquelas pedras altas, afogadas de musgos e gravatás e donde as piteiras esguicham as suas flores encarnadas, num casebre de barro vermelho e telhas carunchosas, morou o João Carlota, que o povo chamava o **Boca-Muda.**

Era um homem bom, taciturno, fugidio, que não fumava e que ia à venda apenas para comprar os mantimentos.

Tinha em casa nove bocas, com a esposa, um tipo de heroína, dessas que só se encontram na plebe e que recebeu, quando lhe levaram o marido ao cemitério, todos os encargos da prole.

Longas e lentas horas passava ele a olhar a paisagem distante, pensando, talvez, na vastidão que se estendia para além da linha branca da barra, por detrás daquelas ilhas mais azuis que o céu.

Muitas vezes o surpreendi, quieto e mudo, debruçado na amurada de um pedroiço, vivendo na lonjura, os olhos mergulhados nas tintas frescas das montanhas, que subiam do mar e se misturavam na claridade difusa e forte.

— Sempre nas cismas, João Carlota?

— É da vida. . . é da vida!

*

Caiu de repente, o **Boca-Muda,** à porta do casebre, quando ia à pesca:

— Ai, meu Deus. . .

Levaram-no para o catre, sem fala, de olhos cerrados, já todo frio.

A mulher e os filhos choravam em torno.

Que há de ser dessas crianças, agora sem pai?

Mas os vizinhos, gente tão pobre como eles, consolavam, abriam-lhes os corações limpos e puros como a flor do lírio.

— Paciência, paciência. Com a graça de Deus tudo se há de acomodar.

Morreu dias depois, ao clarear da madrugada, sem sofrimento, com as mãos cruzadas sobre o peito magro e os olhos nos fios de luz que desciam pelas fendas do telhado mal feito.

Em casa não havia um vintém que fosse para o enterro.

— Credo, como havera de haver em casa de pescador?

Correu a "subscrição": todos deram, mesmo os que tiraram dos seus, naquele dia, um pouco do pão escasso.

*

Sobre as tábuas da tarimba, à luz de duas velas de sebo, na estreita alcova sem janela, o João Carlota já não era mais deste ingrato mundo.

A boca e as narinas cheias de estopa, vestido com a sua velha blusa de baeta azul, as unhas roxas, já inchado, ele me fez pensar nos outros pescadores que assim vão para o grande mar:

descalços, maltrapilhos como viveram, deixando atrás de si mulheres cobertas de trapos e crianças magras e sem destino.

De tarde saiu o corpo, sem rezas e água benta, como um incréu qualquer.

Carregavam-no pescadores e jornaleiros: alguns em mangas de camisa, outros de tamancos e sem chapéu.

Quando o caixão, de paninho negro e ralo, atravessava um feixe de sol — via-se lá dentro o morto, hirto, de mãos cruzadas, na sua mortalha de pobre.

— Descansou, coitado. Mas sempre morreu em casa, no que era seu; e será a terra que o há de consumir. Alembra-se do Ricardo Rosa?

— Aquele velho que morava em Itaguaçu?

— Esse. Até a canoa a tormenta quebrou, credo!

Fora em novembro, no dia de finados. O mar cresceu, derrubou ranchos e veio atá à cerca do Lourinha. Quase que se foi a taipa do Antônio Adriano!

— E o João Carlota. Donde era?

— Disque do Ceará. Por ele ninguém soube nada. Aquilo era fechado como o bago do amendoim. Mas o Domingos Corvelo, que morava na ilhota e morreu prático do porto, conheceu-o no **Aquidabam**: os dois eram marinheiros. O João Carlota, por mode as forças do governo, mudou o nome e veio morar nas Capoeiras, na casa do falecido Ramiro Faial, um português que andou no bando do Gumercindo.

— Devia ser, então, muito velho o João Carlota?

— Da minha idade. A mode que tinha 68.

Entardecia.

Os tons de ouro e vermelhão do crepúsculo espalhavam-se pela quieta largueza das terras, fundiam-se nos cantos resinosos e quentes das cigarras, envolvendo a paisagem feita de matos verdes e águas azuis.

As altas nogueiras farfalhavam, batidas pelo nordeste.

E o céu, limpo de nuvens, esperava a floração luminosa das estrelas, que desabrochariam dos botões de treva.

À beira da cova duas crianças soluçavam.

Encharcado de suor, com um cansado pianço no peito

magro, o coveiro ia atirando a terra seca para dentro do buraco.

De quando em quando, sem pressas, parava para cuspir nas palmas das mãos sujas de cal e de barrro ou atirar, para longe, algum pedaço podre de velho caixão.

Conversando baixo os homens se dispersavam, batiam o isqueiro para acender os cigarros, liam os nomes das cruzes carunchosas, apanhavam, aqui e ali, alguma pitanga madura.

— Que dia lindo fez hoje . . .

— É . . . E quente demais. Sempre pensei que desse trovoada.

ERA DO MAR

Nasceu no mar o José Loura, no iate em que o avô, português das ilhas, labutava de mestre, até que um fleimão o levou duma vez para a terra firme.

E batizou-se no mar, pois mal o umbigo se havia despegado, a mãe o deixou cair nágua, no porto da Laguna, quando subia para o cais com ele ao colo.

O pai nem tivera tempo de arrancar o paletó: jogara-se assim mesmo, bem em cima do ancorote; e por pouco que não fica no fundo, com o filho por um braço e uma perna toda escalavrada.

— Ai, quase que perco os dois, credo!

Botou corpo sempre no mar; aos nove anos já o pai o metera na lida das redes e na faina dos espinhéis; o iate fora vendido; era sempre melhor uma casa de boa telha, com cafezal, engenho de farinha e uma canoa segura de trinta palmos.

*

José Loura vivia para o mar, como as velas de pano e os sargaços.

Quando tinha de ir à pesca nem dormia, de contente: rolando na cama, a espiar a fresta, a contar as horas que o velho relógio da varanda, que tinha uma cara de sol no mostrador, ia pingando na bacia do tempo.

E mal sentia, na alcova ao lado, a voz do pai, misturada ao cheiro do café e do pão torrado que vinha da cozinha, pulava logo da enxerga, satisfeito, alegre, como a gaivota no rastro da manjuva gorda.

Assim curtido de sol e queimado de salsugem, passando mais tempo nágua do que em terra firme, José Loura amou, foi pai duas vezes e envelheceu mansamente, na graça do Senhor.

Conheci-o já centenário, a pele rija sobre os ossos fortes, fumando o seu grande cachimbo, à doçura e sob o aroma de um lento crepúsculo, nuns restos flavos de abril.

Morava com o filho, pescador como ele, na Ponte de Baixo, no côncavo macio de uma enseada azul e verde, na velha casa de janelas brancas, telhas escuras de salitre e, sob os ingazeiros, um cafezal onde pela tarde vinham arrulhar as rolas.

A sua vida, sem pressas e sem cuidados, ia, assim, derivando cheia de alegrias claras e singelas.

— Então, ainda vai ao mar, na sua idade?

— Às vezes, para não morrer de saudades.

E José Loura tinha uma ternura infantil nos olhos cor de havana.

E um dia, "para não morrer de saudades", foi-se às águas; era de manhãzinha: o mar estava quieto, sossegado e reluzia como uma grande mancha de vidro novo.

Veio a tarde; e, depois, a longa sombra de uma noite sem estrelas e sem rumores, como um coração morto. Em vão o povo esquadrinhou todo o mar, até longe, até mesmo às praias que ficam nas outras bandas, agarradas aos morros e aos penedos escuros, íngremes e agressivos.

— Mistério assim! Até a canoa sumiu, credo!

— José Loura nasceu no mar. . . Viveu no mar. . . Era do mar!

— E o mar, senhor, não o quis dar à terra, velha bruxa esfomeada.

Ficou com o que era seu.

VIDAS INSOSSAS

O PICA–PAU

O **Pica-Pau** foi despejado, mais a mulher, a Clarinda e os dois filhos pequenos — o Luizinho e a Bentinha.

Um despejo sem voltas e contradanças: o José Ramalho e o caixeiro entraram no rancho, ao romper do dia, e largaram tudo na rua: a tarimba, as esteiras das crianças, dois banquinhos polidos pelo assento e os caqueiros da cozinha: duas panelas de barro, os alguidarzinhos do pirão, os canecos do aparado e a cafeteira — uma lata de azeite com alças de arame.

— Tem coisas que nem um ricaço, o **Pica-pau**! — ia dizendo, a rir, o José Ramalho.

Toda a manhã, sem saber para onde içar a vela, o **Pica-pau** ficou ao céu, num bico de praia, na boca da maré que começava a encher.

O terral cortava, e as crianças, ainda com os restos do sarampo, maltrapilhas e estremunhadas, abrigavam-se do frio enrolando-se nas esteiras.

Só a clarinda praguejava, chorando baixo, aquelas malvadezas inopinadas:

— E sem dizer, o peste!

Recolheu-os pela tarde o José Rainho, um pescador tão pobre como o **Pica-pau,** tocado por aquela doce fraternidade que vive apenas nos corações dos simples.
Ao menos as crianças dormirão no enxuto.

*

Pica-pau não tem nome e ninguém sabe os seus rastros: sempre onda vai, onda vem; maretas curtas de remo, enchias largas de vento.

Conheço-o há perto de vinte anos, em toda a parte!

Morou primeiro na Palhocinha, no galpão do Serra Mendes, entre restos de rede e estrumes velhos de gado; depois foi bater na Olaria, onde teve a icterícia a cavar as valetas do Cesário Alves; andou vagando por S. José, a dois mil réis por dia; parou umas semanas em Capoeiras e ultimamente ocupava o rancho do José Ramalho, numa nesga de terras-de-marinhas, na costa da Ponta do Tomás.

Trabalhou na enxada muito tempo, de sol nascido a sol deitado; mas apareceram outros jornaleiros, gente pobre da Pinheira e da Guarda, capinando por qualquer dinheiro ou um prato de comida.

— Assim não dá, com esta carestia. . .

Arranjou, então, um lugarzinho de remador na rede do Simão Camacho, na vaga do João Saibro, morto no mar.

Sabia compor malhas de tarrafas e fazer balaios de cipó. E ferrava espinhéis como ninguém.

— Foi sempre o meu ganho, desde rapaz pequeno. . .

Pica-pau era forte como junco novo; tinha um pulso grosso e rijo; gostava de trabalhar.

Acordava com o escuro para varrer o barco, botar água em casa, picar lenha para o gasto ou mesmo carpir o milho e o feijão.

Com pouco passou à voga, agüentando a remada no peito largo e duro.

Vida braba, nesses tempos de mar; iam quase sempre aos Naufragados e muitas vezes até ao Arvoredo; raramente pescavam no canal, já muito espantado e escasso.

Num São João de grandes frios nasceu a Bentinha; mas quase a febre carregou a Clarinda, credo, nos calores de Santa Rosa de Lima!

Tudo passou, porém, com a graça de Deus, como passam os ventos maus e as tormentas desabadas de água.

Os anos vieram, queimaram as gramas, amadureceram as pitangas e caíram no saco do tempo, como as tainhotas no bucho ávido do boto.

Pica-pau empolou as costas, endureceu as palmas das mãos, onde às vezes experimentava as farpas agudas dos anzóis.

E ia indo, mais a familagem, com menos fomes e mais esperanças, naquele doce e sossegado embalo que suaviza e contenta a vida do pobre.

Um dia cismou em comer baiacus, por pura teimosia e gula.

— Credo, homem! Um peixe desses. Nem que andasses faminto!

— O amarelo não é venenoso. Há quem o coma escalado.

Adoeceu da barriga: até sangue botava!

E não se podia agüentar: vivia na capoeira, amarfanhado, a gemer como um sapo.

Bebeu de tudo; sarou-o, por fim, um infuso de macela e salva colhidas na lua nova, depois de um Padre Nosso.

Ficou magro e fino, de pescoço esporado e pernas bambas e arcadas:

— Quem me vê e quem me viu, cruzes!

Então o Simão Camacho arranjou outro remador: braços e fomes não faltavam na praia, como os limos, as bodelhas e as águas vivas.

— Tantos anos de remo, seu Simão. E agora que estou carecido, credo!

O barco estava sendo arrastado a ombro; a maré alta, da madrugada, havia carregado os rolos; a porta do rancho, por descuido, ficara aberta.

Passavam sobre o mar, dum verde de azinhavre lavado, longos arrepios foscos. Os contornos dos montes riscavam curvas lentas e doces sobre a claridade do sol, que vinha subindo do outro lado dos céus.

— Não se pode, **Pica-pau**. . . Não se pode! Os outros já falavam.

— Nem para remendar as redes? — suplicava ele.

— Não dá. . . não dá. . . Você sabe que eu não sou unha-de-fome. . .

E o **Pica-pau** passou a viver na roda dos fados, com os rafeiros que nem podem uivar ao lobisomem, em noite de sexta-feira, quando a lua bóia nas fontes solitárias.

A mulher saía aos sábados para a cidade, descalça, os cabelos misturados, uma perna inchada de trapos imundos, com pingos de sangue velho.

— Antes isso do que fazer como a Josefa, cruzes, que não tem vergonha dos vizinhos. . . É com qualquer um!

Trazia, então, algum dinheiro, pó de café, farinha, pão para uma semana.

Mas um dia a Clarinha regressou varada, tarde da noite, chorando. A polícia não queria pobres na cidade, mesmo na porta das igrejas.

Ela, a Basília Camargo, a Corruíra, a Marieta Biconha, o João Tampinha, todos dos Coqueiros e do Itaguaçu, pelas ruas, como uns tristes condenados. Que vergonha!

— E havia gente ruim na súcia, a rir daquela desgraceira. Oh, João, faz o leãozinho!

O pior foi quando mandaram que ela tirasse a inchumeira da perna:

— Antes a morte na goela do cação! Credo!

*

As chuvas de junho começaram a cair, frias e delgadas, dias inteiros, sem ventos e sem parar.

Através do rancho as neblinas vertiam umidades álgidas; num canto da cozinha, ao pé da trempe, uma goteira pingava o dia todo, encharcando o chão.

Faltou a farinha. E na lata o café também faltou.

Pica-pau bateu numa roça de milho; trouxe algumas socas escondidas no bolso das calças: a fome é má conselheira.

Arrependeu-se, cheio de dúvidas e de temores.

— e se tivessem visto? Mais vale pedir fiado, que não faz a cara avermelhar.

Correu, porém, todas as vendas! Mostravam-lhe a taboleta em riba da porta: "Fiado? Só amanhã!"

O único recurso, agora, era dar as crianças — havia gente rica na cidade, sem filhos, criando cachorros.

A Clarinda pulou, protestando num salto e redobrado choro em que toda ela se desmanchava e se fundia:

— Não seja por isso, homem, que eu tirarei da minha boca. Dar os filhinhos, credo, que não têm culpa das nossas consumições!

Pica-pau bateu a porta, a cabeça estalando, com os olhos a boiarem num aguaçal mudo de lágrimas.

Sim. . . Era, de fato, a mais infeliz das criaturas.

Varejou a cidade um. . . dois. . . três dias seguidos.

Tudo em vão! Havia já um poder de homens, sem trabalho, comendo as sobras dos pratos nas estalagens do Mercado: Tiravam de uma tina, entre nuvens de moscas, muitos até com as mãos. E guardavam numa lata vazia, de azeitonas. Vinha de tudo: pedaços de pão, gomos babujados de laranja, pelancas, quase cruas, às vezes fedendo.

Pica-pau vomitou a manhã toda, suando frio, sentado na calçada. Um vendedor de crinas trouxe-lhe uma xícara de café. Lembrou-lhe os depósitos de tábuas no Estreito: podia ir. Ele conhecia o capataz, homem que não molestava os pobres.

*

— Seu Galdino está?

Riram-se do **Pica-pau** assim tão amarelo, com os cotovelos agudos e sujos, as pernas badalando dentro das calças frouxas e remendadas.

Um mulato de ventas curtas e beiço de lebre, dobrando o braço cheio de tatuagens, empolou os músculos:

— Olha, seu! Você não tem disto. . . Aqui não é lugar de lobisomen!

Os outros escarneceram. Dentre as grossas pilhas de caibros alguém indagou:

— Tens mulher? Dou dez por ela, sem ver!

As gargalhadas se espalharam, debochadas e provocadoras, estalando como chicotes.

Os carros rodavam sobre a ponte, num rumor cavo e contínuo de trovoada.

Na Arataca, entre o barulho surdo dos motores e o apito agudo do Mestre, estavam puxando um grande navio.

Pica-pau sentiu tremer o beiço: o coração subiu à boca. Teve medo de chorar.

Bateu o pé na estrada, socando, com raiva, o barro duro; e foi muito longe.

E iria até o diabo, que isto não é vida de homem.

Regressou à casa satisfeito, de tardezinha, pago de tudo, já com um pedaço de matambre fresco pelo dedo.

Mas passou por outro caminho, pelo Sapé, que era mais longo, porém menos hostil.

Arranjara o afazer e o sustento: limpar tripas de boi e varrer os estrumes no Matadouro.

– Então, **Pica-pau**. Você agora passa melhor?

– Vai-se com Deus e o Santo Lenho. O pior é o José Ramalho: requereu as marinhas. E eu não tenho para onde ir.

Não tinha para onde ir o **Pica-pau**, depois de três anos de moradia na Ponta do Tomás: ele, a mulher e as crianças doentes.

Isso, porém, não importava ao José Ramalho, que precisava das marinhas para as vender a um inglês. . .

– Ora, o **Pica-pau**! Era só o que faltava. Num lugar lindo daqueles.

E despejou-o de madrugada. . .

O BOCHECHUDO

Quando voltávamos do cemitério, eu, o Lourenço Carpes e o Antônio Adriano, naqueles sobejos de tarde quente de fevereiro, o sol ardia e chamejava sobre o cocuruto do morro, como um grande fogo selvagem.

O mar embebera-se de carmim e amarelo de cádmo, e o azul das montanhas, ao fundo da baía e, um pouco além, sobre o risco leve da barra, ia esmaecendo numa névoa esverdeada e difusa.

Entre velhas covas sem nome, que o mato cobrira de ramos felpudos e de folhagens verdes, ficara o **Bochechudo** na sua derradeira morada de sete palmos, de mãos cruzadas ao peito, dentro do seu longo caixão de paninho preto.

*

Conheci o **Bochechudo** já grisalho, sempre de cachimbo nos dentes escuros, o bigode amarelado, fedendo a carapiá e a estopa alcatroada, como barco novo.

Morava com a filha – a Corália – numa casinha de reboco, com telhas manchadas de musgos, duas janelas pintadas de amarelo e onde verdejavam, sobre a ferrugem de velhas latas de azeitonas, galhos de mangericão e folhagens miúdas de arruda.

Escolhera ele mesmo aquelas marinhas, no vão de duas pedras com piteiras e matos nas fendas, à vista do Cambirela, no

regaço mais terno do Bom Abrigo.

Nos dias de sol forte, ao pé da capoeira onde grasnavam os patos, arejando no mesmo bambu em que enxugava, toda aberta como um leque, a grande tarrafa de cinco braças — via-se a sua gandola de baeta azul, que o **Bochechudo** não trocava nem mesmo pelo gibão de veludo dum Marquês.

— Custou-me muitos anos de mar... muito sueste na cacunda.

— Ia ao peixe com o sueste?

— Se ia? Pergunte a esse povo!... Nunca tive medo de vento nem do tamanho da vaga... Passei já dos setenta e afora os anos que vivi nos Porto Alegre, soprando vidro, criei cabelos brancos no cabo das redes ou na fieira das tarrafas. E nunca a minha canoa emborcou, fosse pelo jeito da onda ou a virada do vento.

— A sua sorte...

— Ora, tenho pulso e maneiras, e a proteção de Deus e do Sagrado Lenho, louvado!

*

Bochechudo andou pelo Rio Grande, em Pelotas, em Porto Alegre, quando moço; foi num barco à vela, de grumete, trepando nas vergas, comendo num prato de pau jacuba inchada e charque de braseiro.

— Ferrei muito mundo!... — como ele dizia na sua prosápia de filho de casal e de homem de Escola-Régia.

Trabalhou, primeiro, numa charqueada. O fartum do sangue e da bosta quente e mole, porém, o enjoou como a mulher prenha...

Passou, depois, para um cortume.

Aí era o mesmo cheiro, o mesmo pantano; os urubus bicando os veios de carne podre na coirama estaqueada e, de noite, credo, mesmo quando chovia ou o minuano lanhava o lombo das coxilhas, os graxains uivando à porta dos paióis de costaneiras.

Por fim bateu numa fábrica de garrafas; carecia viver; foi soprar vidro e dormir mais sossegado, perto das latrinas, nos fundos de um galpão que fedia a vinagre e a palhas podres.

Dez horas por dia, durante cinco anos, afora a inhapa, que se não contava, por serem atrasos dos relógios...

Distendeu as bochechas, naquela tanto, à bolha ardente e grossa.

— Eta, que V. é mesmo uma barbaridade, ché!

— É do bofe, que é bom!... É do bofe!

*

Um dia o **Bochechudo** e mais outros sopradores reclamaram o salário; o tempo estava que nem pra gente rica; e assim não dava de passar a vida.

Botaram-nos na rua, que era o lugar deles e dos cachorros.

Às vésperas da fome, regressou a Passa-Vinte e à cana do leme; o mar dava para todos e era um bom amigo.

Os anos foram roendo, como a ferrugem e a craca, o tempo e a vida do **Bochechudo.**

A velhice, amolecendo-lhe os músculos, pôs-lhe duas barbelas sobre os maxilares, como os galos.

*

Bochechudo divertia, como um palhaço de circo.

— Então, como é?

E ele soprava, até ficar como um rabanete maduro.

Todo mundo ria — e as bochechas se abriam, túmidas, lustrosas, esporadas, como a cabeça da arraia martelo.

— Credo! Até tira o fôlego da gente!

Mas o **Bochechudo** acabou arreliado com aquela pouca vergonha. Era demais: todo o dia a mesma cantilena e o mesmo abuso.

Os rapazes vinham aos magotes, pulando na frente dele.

— **Bochechudo**! Oh, **Bochechudo**! Vai estourar como o baiacu?

Até faziam apostas, os olhos nos relógios, marcando o tempo da sopração e do borbulho, discutindo alto e em tom de briga.

— Vão pros diabos que os carreguem, seus safados de borra; isto já é falta de respeito.

Um dia acertou uma pedra na cabeça do filho do Carlos Lamarão, o dono da carreta e Juiz de Paz.

O Quarteirão quis prendê-lo: — Mas é que fez sangue no menino. É da lei.

O povo, então, compreendeu.

Bochechudo passou a viver mais descansado; já não deixaria Passa-Vinte e a sua casucha, o seu barco, a sua roça, para ir orçar em outros ventos, comer outras jacubas, talvez amargas e doentias.

Porém, nunca mais recuperou o seu nome de batismo, e a sua firma de eleitor, tão floreada e tão fidalga, com letras grandes e riscos longos: José Maria de Aguilar Sobreira.

Era o **Bochechudo**, o antigo soprador de vidro no Rio Grande.

E continuou a sê-lo, até que dormiu para sempre no seu catre de pobre, num dia de trovoada, nos começos do verão, quando riscavam o mar os primeiros cardumes de sardinhas.

*

Aos setenta deixou de ir ao peixe para viver; a filha pedira tanto, com tão bons modos: a casa é nossa e as lavações e o crivo, pai, darão para o sustento e o teu cachimbo. Pega a tarrafa para folgares.

— Não pelo meu gosto — disse-me ele. — A tormenta afoga os velhos e os moços. E cada um tem a sua conta. Meu irmão e o meu avô Gustavo não chegaram à minha idade: um ficou no mar, o outro matou-o o marimbondo.

— Marimbondo?

— Sim, o excomungado.

Era quase meio-dia. A enxó caíra ao lado da canoa que o velho estava lascando, na volta do rio, à sombra dos salgueiros cerrados e verdes.

Havia um mundo de gravetos e maravalhas e a jararaca dormia, por certo, na quentura: picou-o na ponta do fura-bolos, ao lado da unha.

— Meu avô Gustavo era homem de couro rijo e sabia a peçonha do bicho: atorou a metada do dedo, chupou a sangueira, atando o golpe com cadarços de embira.

Já meio tonto, a vista embaraçada, chegou à casa, que ficava no caminho da Cacimba, naquela curva onde mataram, por S. João, o Dorvalino pateta.

As rezas e os cozimentos, mais do que as benzeduras da

tia Marta, puseram-no de pé em cinco dias, cozido e corado como um pão de rala.

O velho, porém, era teimoso; voltou logo ao serviço: precisava do barco e o verão ia no fim.

Lá estava o dedo podre, eriçado de varejas e marimbondos, em riba dos cavacos, no fundo da canoa que o salgueiro cobria.

— Meu avô, entonces, se debruçou; queria ver aquilo...

Foi quando um marimbondo, sorrateiro, ferrou-o na papeira dum olho.

Não houve nada neste mundo: o olho arroxeou e veio um febrão de boca de forno: três dias depois o velho estava no buraco, de queixo amarrado.

*

Bochechudo também morreu em terra firme, dum corrimento fétido nos ouvidos, devastado pela febre, vendo homens nus com cara de peixe e galinhas com pés de porco grunhindo e pulando na sombra do quarto.

Quando o doutor chegou já estava com os olhos fechados, os cabelos crescidos, as bochechas flácidas, e uma grande mosca rebolando num canto da boca entreaberta.

*

Há quanto tempo o **Bochechudo** morava em Bom Abrigo?

— Há perto de quinze anos... Veio com a filha, ainda miúda, por mode da sezão...

— Como os anos caem depressa!

E o Antônio Adriano recordava:

— Então, **Bochechudo**, como é?

— Raios os partam, que isto arranjei no meu trabalho honrado, dando dinheiro aos mais.

E o **Bochechudo** emudecia, chocado, com o coração amargo dentro do peito, a boca mais seca que pedra pome.

Então a Corália assomava à janela, com o crivo na mão:

— Diabos! Nem respeitam a pobreza, credo! Gente ruim como cobra!

Como se tivesse penetrado o meu pensamento, o Louren-

ço Carpes concluiu:

— Agora a Corália, por certo, vai casar com o estupor do filho da Carlota, que nem sabe o nome do pai.

ENTRE AS DUNAS

— Ah, José! — gemeu a Angelina, num canto da cozinha, dando ao filho o seio magro e encardido. — Estás tão fraco, homem! E vai ficando tarde!

Mas o José continuava no seu propósito, abotoando o remendado paletó de gola esfiada, as mãos trêmulas, uma chieira de chuva dentro dos ouvidos.

Não, não podia deixar de ir: o remédio acabara, e acabara também o frescal da dieta da Angelina; e ele tinha vergonha de falar ao Firmiano; já devia o caderno e ainda estava por pagar a conta do outro mês.

Até àquela hora, para que não faltasse aos filhos a bolacha da merenda, comera um pouco de pirão com duas pitadas de sal e um fio de cebola verde, que sempre melhoram o gosto.

Na verdade, as pernas vergavam um tanto, principalmente quando estava em pé; mas o coração corria menos e as tonteiras se haviam apaziguado; há dois dias que não tinha os cambaleios, nem aqueles risquinhos prateados que tremiam nos cantos dos olhos e que se iam abrindo, nas pontas, até desaparecer dentro de uma névoa confusa e larga.

A não ser que tivesse o ataque, voltaria, com a graça de Deus, como das outras vezes, pelos seus pés e o seu caminho, que ele conhecia e varava sem tição, e a qualquer hora da noite.

Depois... não iria só; levaria consigo o Jacozinho, que

era esperto e forte, e sabia correr por sobre as dunas, leve e certo como o caboré.

*

Entardecia.

Dentro da casa, à quentura das cinzas, secavam velhos panos de crianças.

Os cafeeiros rangiam, espremidos pelo vento, num esforço descontínuo e largo.

No terreiro despejado, cor de lama, corriam longos carreiros de formigas, que se perdiam adiante, sob um monte de folhas escuras e secas.

Das bandas dos charcos, com o cheiro de água podre, vinha o coaxar desencontrado e desigual dos sapos.

José Reinol, apesar dos rogos da mulher, bateu a porta carunchada dos tempos, ressequida do sol e, cerrando os dentes, concentrando dentro do corpo chupado e murcho alguns restos de vontade — foi-se pelo estreito caminho no rumo do Jorge Allam.

Era em novembro: e apesar do vento que a primavera aquecera, ele sentia um frio de inverno escorrer pela espinha, gelar-lhe as têmporas espetadas e duras.

O armarinho do Jorge Allam ficava na estrada geral, meia légua depois das dunas, que o José teria de atravessar e, àquelas horas, o vento fazia fumegar como uma caieira acesa.

Mais de uma vez, na sua dura vida de pescador, para chegar ao mar, havia passado e repassado, com tempo de águas ou de sol, aquelas areias infiéis que picavam no rosto e ardiam nos olhos como a fumaça do mangue verde.

E porque recuar agora quando a Angelina, doente do peito, carecia tomar o caldo forte que matava o seu lento e morno fastio?

Nos últimos dias da sezão, quando o queimor da febre lhe subia às espáduas em calafrios agudos e fundos, ele nem pensava no espinhel e na canoa, e até mesmo no pouquinho de terra que amanhava, tudo ao desamparo e ao arrebenta-cavalo.

Todos os seus tormentos, todas as suas apoqüentações, iam para a pobre da Angelina, a sua dieta, aquelas coisas pequenas e amoráveis que um dia o detiveram, já com a faca na cinta para ir matar o Cordovalho, às vésperas do despejo, no Rio Vermelho.

E o José ia caminhando vagoroso e fatigado, sem atinar no filho que tiritava sob a velha camisa de pelúcia azul, restos de um antigo vestido da irmã que a avó estava criando.

E o José pensava agora nos outros pescadores que, àquelas horas, mais afortunados, regressam com o barco cheio ou, já em casa, junto ao fogo na cozinha de telha vã, comem o seu quinhão, tranqüilos e felizes porque ao menos têm a mulher com saúde e os braços dispostos e fortes.

Deixara para trás o seu casebre de barro cru, escuro e úmido, de janelas roídas pelos ventos; e os filhos desnutridos, sempre remendados, coitadinhos, sempre com frio, como se eles tivessem culpa dos seus pecados nesta vida de cão de praia.

E o José se lembrava que havia tanta gente morando em boas casas, com lumes vivos nas paredes; e crianças sem fome, risonhas e contentes, nos seus leitos fofos e agasalhados.

Porque era assim tão vário e tão injusto, Santo Deus, este mundo criado para todas as criaturas?

A noite, vazia de estrelas, entornara por sobre as águas um óleo negro, embebendo o céu e as folhagens, esfumando os ranchos e os caminhos; e o vento sul, mais largo e mais duro, revolvia e arrastava as dunas moles, vastas e cavadas como um grande mar de inverno.

O José regressava, agora, ao seu casebre, onde, por certo, já luzia a candeia e a Angelina, pensando nele, tomava com os filhos os sobejos requentados do café.

Só Deus sabia como lhe custara deixar nas unhas do Jorge Allam, por tão pouco dinheiro, as arrecadas de ouro da mulher, tudo quanto restava dos bons tempos de Cachoeira, da sua casa de três janelas e um pomar onde cantavam os sanhaçus.

Ao menos levava dentro da cesta provisão para uma semana, até que pudesse ir ao peixe, retornar ao cabo da enxada, ao amanho da pouca de terra que escapara dos cômoros; e depois resgatar a sua prenda.

Dentro de pouco estaria junto à trempe, ao pé dos seres

que amava, naquela cozinha que a Angelina ajudara a barrear e se tornara, por isso, o cantinho mais rico ao seu coração — ao pé da janela ficava a mesa de pau de pinho, sempre escarolada pelas mãos incansáveis da Angelina; adiante, ao lado da porta que dava para o terreiro, a prateleira da louça; por cima, as latas dos mantimentos e, em torno ao lume, para os mansos serões dos longos invernos, os bancos de assento polido pelo uso, a tripeça que suportava, cheia de bilros envernizados, a almofada das rendas.

E até a tampa de um velho baú, sob a mesa em que dormia o **Jararaca** — mestiço de tatuzeiro com cadela da terra — completava a decoração familiar da sua ternura, quieta e sempre igual.

Apesar da mansa, consoladora alegria que o ia animando, naquela caminhada de regresso, o José sentia um ardume nos olhos, uma grande moleza dentro do peito magro; os seus passos iam-se tornando inseguros e leves. Fustigado pelo vento, com as areias a roçarem-lhe o rosto frio, a envolvê-lo como um fumo áspero e rascante, vencia, porém, as dunas pela mão do filho, parando um pouco, de vez em quando, para tomar fôlego e descansar.

O crescente surgira de um rasgão de nuvens esgarçadas; sobre as areias lívidas e desertas, as sombras do José e do filho eram garatujas imprecisas que tremiam e se esfarelavam, agarradas aos calcanhares; somente os seus pés cavavam no chão buracos paralelos, sinuosos e desiguais.

O bramido do mar tinha uma retumbância côncava, abafada e lúgubre.

— Ai, Meu Deus!

E o José, cambaleando, abriu os braços, caiu, rolou como um corpo morto, do alto de uma duna. E ficou imóvel, inteiriçado; somente os seus olhos, esbugalhados pelo terror, moviam-se sem cessar nas órbitas escuras e fundas.

A ventania arrastava os cômoros, esfarinhando-os com violência; e o seu uivo se perdia longe, sem ressonância e sem eco.

Estavam perto; mais um quarto de hora e pisariam terra de vegetação e, logo em seguida, o estreito caminho que os levaria, em chão seguro, ao aconchego do velho casebre onde a Angelina os esperava, a escutar os ruídos do terreiro.

Então o Jacozinho, num desesperado e decidido esforço, batido pelo vento bravio, envolto numa neblina áspera e opaca que não o deixava quase respirar, agarrou o pai pela cabeça e começou a arrastá-lo para fora das dunas inclementes e avassaladoras.

E sozinho na solidão imensa e no imenso abandono, aquele menino, bisonho e débil, imprimia uma beleza sem igual à luta em que ele era, por certo, pelos desígnios brutais da vida, um herói sem pompas e uma vítima sem culpa.

*

Ao calor caseiro da trempe as crianças dormiam; e a Angelina, com um velho casaco sobre os ombros, ia rezando baixinho, pedindo a Deus um pouco de saúde para o José e a bênção de Nossa Senhora para os filhos, tão pequenos ainda e que tanto precisavam das graças do Céu e dos braços do pai.

A VINGANÇA DA MISÉRIA

O Jango Leiria foi pescador, como o pai e o irmão, ambos sumidos numa grande tormenta, por Santa Rosa de Lima, num dia aziago de agosto.

Naufragou uma vez e atemorizou-se para sempre.

— Credo, nem sei como me salvei. Só pela graça do Sagrado Lenho.

Ia com mais dois, numa velha baleeira, pescar a anchova, à vista de Garopaba, num dia de largo vento sul.

E o barco virou ao sair da barra, numa volta de onda, ao orçar a vela.

Ora, Jango Leiria, pescador há trinta anos, nada tinha de seu a não ser a mulher doente, cinco filhos esgrouviados e a Coleira — uma cadelinha magra e leve como se fosse de cortiça.

E todos careciam comer, mesmo a cadelinha; urgia tomar um ganha-pão qualquer, fora do mar e das suas inclemências.

Pensou, primeiro, em viver de capinações: virou tudo. Caminhou que só Deus sabe. E não arranjou a enxada nem o ancinho.

— É só para começar — pedia ele. — Depois eu compro os meus preparos.

— Ah, filho, não posso, tenho só esta. É a minha valença e o meu pão!

Ao cabo de três dias as crianças pediram do que comer; tinham fome: não sabiam por que a cuia estava emborcada sobre a mesa da cozinha, entre pratos vazios e moscas teimosas e chupadas.

Jango Leiria saiu procurando trabalho: tudo servia, mesmo canga de negro mina ou bruaca de mula.

— Quem tem fome não escolhe...

Na Praia do Meio andavam umas obras: mandaram-no carregar tijolos a quinhentos réis o cento, começando no barco.

Teve pão quinze dias.

Depois... voltou à carência e ao desconsolo da miséria.

— A mode que é má sorte.

— A rede do Simão Camacho carece de voga — insinuava a mulher.

— Não... não. Bebi muita água e tive a morte na cacunda. Credo.

*

As semanas passaram, com o sol, o nordeste e o bom tempo.

A lestada caiu: um, dois, três, quatro dias, dissorando mar e monte, encharcando as árvores e as coivaras.

As vendas já não fiavam: Jango Leiria desesperou:

— Vou ao mar e que me leve o estupor!...

Mas não foi ao mar; o vento virou, riscando tiras azuis na cinza do céu baixo e felpudo.

A vazante era grande: o berbigão estava ali, esguichando na lama fofa, cheia de bolhas irisadas e por onde corriam pequenos siris redondos e esverdeados.

Colheu, mais a mulher e os filhos, algumas quartas: sempre era um sustento forte e dava para o gasto e a farinha.

Tentou, depois, a roça: emprestaram-lhe, enfim, uma enxada: o Aquilino tinha duas.

Plantou feijão, amendoim, cebola verde e duas malhas de batatas; a terra era curta: o resto encostava no mar azul e macio.

*

As plantas cresceram, viçosas e túmidas: dava gosto vê-las como a um molho de cravos num boião vidrado.

Mas veio o cavalo do Macário. Foi um estrago: só deixou buracos e estercos úmidos. A mulher do Jango Leiria chorou o dia todo, desfeita e arreliada:

— O excomungado veve solto que nem vento!

O Macário pagou tudo, como pediram, sem conversas e reconvenções.

— Pior é a fisgada no lombo do animal.Quanto me vai custar!

*

Chegou o verão excitando os aromas, enchendo de tintas os poentes e as poças de água adormecida.

As cigarras alegravam aquela ponta de praia onde algumas árvores, vivendo numa nesga de chão, entre pedras enormes e redondas, punham nódoas de sombras e desejos de repousos demorados e lânguidos. Jango Leiria arranjara um velho carrinho de mão: deram-lhe sem que ele esperasse; a mulher rezara tanto, com tamanha fé, para arrumar a sua vida.

— Ah, filho. Te digo que foi mesmo por um milagre!

Passou a trabalhar como um cavalo: carregava tudo: estrumes e pedras de alicerces; latas de água e lenha picada; telhas e trouxas de roupas limpas, com chuva no lombo ou sol na cabeça.

Quando o conheci Jango Leiria morava no Abraão e ia perto dos setenta.

Não podia abrir as mãos: grossas, nodosas e duras.

A correia do carrinho empurrara-lhe o pescoço para a frente, achatando-lhe o cangote e o esforço de tanto tempo puxara-lhe às costas uma giba ossuda e romba, como a dos zebus.

Nem parecia um homem: baixo, lanzudo, de queixo rapado, quem o visse pensaria num bicho grotesco: uma cara de gente num corpo sovado de velho urso.

Jango Leiria vencera a miséria: tinha pão todos os dias.

Mas a miséria vingou-se de Jango Leiria — deformou-o.

A MALEITA

O Lauro Maneta sempre veio do Hospital, na carreta do Rosendo, hoje pela manhã cedinho.

— Quem havera de dizer! — exclamava a tia Rufina — Tão descorado e entregue que ele foi!

Está um dia fosco, sujo, embolorado, sem céu, cheirando a bucho de arraia e a fumaça de carvão-de-pedra.

Ninguém deu conta do Lauro; chegou como foi: no fundo de uma carreta, por esmola, ainda a barba por fazer e os cabelos crescidos.

Aliás, é assim mesmo: hoje ele; amanhã — eu!

É o consolo da miséria, que nivela o infortúnio e ameniza o inevitável.

*

O Lauro é um velho pescador que vive como Deus é servido, rilhando restos de pão, bebendo nas bicas pela ponta do chapéu esburacado e sujo.

Perdeu um braço: a corcoroca mordeu-lhe um dedo. A ferida arruinou, emporcalhada pela varejeira.

Primeiro cortaram a mão: dias depois, o braço. Mais tarde o serrote do doutor deixou-lhe um toquinho, rente ao ombro esquerdo, como a cola de um bode.

Era o Lauro Canto; o povo passou, então, a chamá-lo

Lauro Maneta. No princípio aborreceu-se. Mas depois...

— Ora... Lauro Maneta não é coisa que degrade a nenhum homem.

— Sim... Mas não é nome de batismo.

— Antes Maneta do que Finca-a-Unha, como o Ludovino, da Palhocinha, que rouba no peso.

Apesar do defeito continuou a ir ao mar, como nos bons tempos.

Não podia, de resto, deitar o espinhel ou correr a rede, com a brisa fresca.

Mas ninguém lhe avantajava no bordejo; tinha calma e astúcia para furar a onda ou torcer o golpe de vento, que quase sempre emborca o batel mais afoito.

O sulão e o noroeste, que pegam sempre de banda, não o tiravam da sua maneira, nem o faziam morder o seu cachimbo.

— São ventos para serranos, que só aprendem a lidar com o boi na tropa.

Duas noites, porém, numa praia dos Ganchos e a maleita lhe veio ferver o sangue fraco.

Nunca mais foi ninguém; a sezão roubou-lhe vinte anos de mar.

Passa agora os dias como Deus quer, dormindo no vão das pedras, quando a maré baixa, ou, então, junto à cerca do Antônio Adriano, — apático, desgrenhado, coçando, com as unhas que lhe restam, por uma fenda da camisa esburacada, o peito encardido e glabro.

*

— O Lauro Maneta! Quem o vê e quem o viu!

— A sezão, o estupor da sezão, credo!

— É assim mesmo. Escapou do mar... matou-o o lameiro dos Ganchos.

OS GÊMEOS DO EGÍDIO CALHETA

A madrugada, por certo, ficara a se aquecer pelos caminhos; era no inverno: as estrelas, muito polidas, reluziam como bolhas vivas de sabão e as folhagens dos cafezeiros e dos ingás, em torno da casa do Egídio Calheta, para cá das dunas, erguiam manchas escuras, quietas e frias.

Àquelas horas, no velho catre de pau pintado, com uma calça do marido amarrada à cintura grossa, a Claudina rezava para que valesse, naquele transe, Nossa Senhora do Parto.

Na cozinha de chão batido, a cafeteira chiava sobre a trempe de ferro; devagar, com o seu curto facão de cabo de chifre, o Egídio picava lenha; e, agachada junto ao fogo, a comadre Damásia — uma velha entendida que benzia de zipra e curava bicheiras — ia derretendo, num pequeno prato de Flandres, enxúndia de galinha preta para as afumentações que aliviam as dores.

No velho relógio da varanda, de mostrador desbotado, as horas desciam com uma lentidão sonolenta e cava; a Claudina gemia e, muito longe, para além das dunas, vagava o largo e incerto clamor do oceano.

*

Embaciada e fria a manhã surdiu, enfim, por entre as nuvens altas e cor de cinza, desembrulhando a paisagem; as vacas

mugiam nos recessos orvalhados; por detrás das bananeiras ressequidas pelo frio, subiam os cheiros úmidos e adocicados dos estrumes.

Mas logo, no fundo da aragem que começava a se abrir, um espalhado aroma de laranja madura açulava as saíras e os gaturamos, que voavam, cantando, em bandos turbulentos.

A Damásia voltara com a xícara, uma enrugada expressão na face corada e gorda, com um leve sinal de cabelos junto ao queixo rachado.

Mexendo lentamente a sua caneca de café, Egídio Calheta indagou:

— E então? Para quando é, comadre Damásia? A mulher já está a se esfalfar desde ontem à boca da noite.

— Só Deus pode saber! — E limpando uma colher na ponta do avental, a velha acrescentou: — E o melhor é que vêm dois de cambulhada.

Mas o Egídio não se alarmou. Ergueu-se devagarinho, esfregando os rins, que ardiam da canseira de uma noite mal sentada.

A uma rajada mais forte do vento, que se despencara, uma porta bateu lá dentro.

— Tem a certeza de que são dois, comadre Damásia?

— Se tenho? Ora, ora o despropósito, credo! A barriga já está em duas. E não pode falhar.

— Seja tudo pelo amor de Deus. Há bastante lugar para eles nesta casa.

A Claudina parara de gemer.

As árvores rangiam, farfalhavam, envoltas pelo vento, que engrossara. A Damásia, resmungando, ainda amuada pelo "despropósito" da pergunta, apagara o candeeiro.

A luz da manhã, fria e difusa, entrando pela janela da cozinha, de caixilhos estreitos, descorava a chama forte que ardia na trempe e fazia fremir, num trilo alegre e jovial, a tampa da chaleira.

*

A noite chegou com aguaceiros gelados e duros: sob as

cobertas remendadas a Claudina voltara a gemer sem descanso, muito inquieta, de olhos fechados:

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

— Paciência, criatura! Não demora. Tu não querias tanto ser mãe?

— É que a dor está demais. . .

Um cheiro de vinagre e de bolor adensava-se na alcova, que a chama esbranquiçada de uma lamparina, tremendo em cima do azeite, num copo de vidro, sobre a cômoda de pinho, manchava de uma luz desbotada e curta.

O leste, com espaçada violência, empurrava os loquetes frouxos, sacudia as portas gretadas pelos anos e carcomidas nas soleiras.

Com a tigela do caldo esfriando sobre a mesa, o cigarro apagado entre os dedos, Egídio Calheta pensava na sua vida: a sua vida tão perfurada de tormentos, tão amarga de privações e apenas de longe em longe adormentada por esperanças efêmeras e inoduras.

Tudo se chegava, vinha vindo de sobressalto, assim como a cobra que se escondeu entre os folhedos secos e fofos.

O mealheiro estava sumido, justamente agora que a Claudina gemia em cima duma cama, as despesas se iam tornando mais largas e ele não queria passar o tanto do caderno, já avançado de cinco folhas neste mês.

Se ao menos o tempo fosse de céu aberto e limpo: tinha a tarrafa e o espinhel: e o mar era amigo, sempre forte e sempre pronto para os pobres.

O mal era a lestada batendo furiosa a costa; e o tempo somente passaria à lua cheia, por S. João, no fim da semana.

Egídio Calheta tomou uma colher de caldo, acendeu o cigarro e voltou ao seu banco junto ao braseiro pachorrento e amigo.

Mas no fundo dos seus pensamentos, tão tristes e turvos, ele percebia agora um ponto, um recanto onde havia alguma coisa muito macia, muito doce e muito nova, cintilando com a frescura e a limpidez de uma estrela: os filhos que Deus mandava depois de os desejar tão largos e demorados anos.

E o Egídio Calheta cerrou vagamente os olhos, numa dormência leve e cheia de contentamentos.

Uma suavidade sutil e fina como a brisa do mar, espalhou os seus cuidados, fê-lo esquecer, por um momento, a pobre criatura que gemia de dor sobre as palhas do seu catre.

Enfim, o céu lhe mandava dois filhos!

Desejaria que fossem rapazes: seriam, por certo, fortes e morenos, decididos para o mar. Havia de lhes pôr os nomes dos dois avós — Marcos e Joaquim. E os mandaria à escola para aprenderem as letras dos livros e fazer contas.

Esta idéia de dois filhos homens, ajudando-o nas fainas das redes e nos caminhos da vida, era assim como uma desforra de todas as mágoas passadas, daquela esterilidade que o enchia de tédios, de invejas e de vergonha.

Quantas vezes, entre a fumaçada dos cigarros e um gole de cana verde, quando os outros gabavam-se dos filhos e das suas façanhas, ele baixava a cabeça triste, lembrando-se de que todas as afeições do seu casal, fora da Claudina, estavam num cachorro.

— E se fossem meninas?

Ah, se fossem meninas por certo teriam os olhos azuis, como a Claudina. Poria nelas nomes claros e alegres como as colchas de chitão.

Andariam sempre iguais, como boas roupas e fitas de seda nos cabelos loiros, como as filhas do Intendente.

Ele e a Claudina, naturalmente, iriam trabalhar dobrado, pôr na sua vida toda a força dos seus braços: e tudo seria das meninas, das suas filhas, que eles amariam logo abaixo de Deus, como as dádivas mais ricas e mais belas da terra.

Nas festas do Divino, quando elas, já crescidinhas, aparecessem com os seus vestidos claros, enfeitados de entremeios de almofada, que a Claudina teceria, todos haviam de achá-las mais lindas do que as rosas e mais delicadas do que as rolas.

E o Egídio Calheta, mergulhado naquelas alegrias antecipadas, naqueles pensamentos límpidos e macios, nem notou que o Manoel Quirino e a Laureana, vizinhos e compadres, haviam chegado com a galinha gorda para a dieta da Claudina e o galho de alfazema para as defumações.

— Então, homem! — foi logo indagando o Manoel Quirino, com as mãos geladas abertas para o lume, que enchia a trempe e estalava. — Então, vêm dois por aí?

— Deixa-os vir, deixa-os vir. Feliz é a casa que Deus enche de filhos! — E o Egídio sorria num doce e ondulante enlevo.

— Tem V. razão. Onde come um, comem dois; não estou a criar todos os meus? E são nove, fora os que hão de vir, que a mulher, graças a Deus, não é maninha nem toma arruda. — E o Manoel Quirino, enchendo de fumo picado o velho cachimbo, rematou: — Muita vez a farinha é rala e a bolacha escasseia. Mas sempre dá de tirar do chão e do mar o rabo de peixe e a mão de amendoim para o aparado.

Com uma ressonância demorada e sombria, o relógio bateu sete horas; sobre a cantoneira o candeeiro voltou a luzir e fora, na noite tormentosa, sacudindo o arvoredo com redobrada força, o vento espalhava, contra as paredes, o aguaceiro agreste e ríspido.

— Que tempo! Até parece que o mundo vai se afogar!

Mas o Egídio permaneceu calado, alheio à tormenta, com o coração agora na mulher, naquele sofrimento tão duro e que tanto se estava prolongando.

E de novo se veio agarrar à sua cabeça, como um carrapato, aquela idéia que desde a véspera o arranhava: — Porque as criaturas não eram como os bichos!

Não havia uma semana que a **Malhada** voltara do pasto, de ubre cheio, mugindo de alegria, com o seu terneirinho felpudo e caneludo.

E parara diante do cocho, a comer a sua ração de batata doce, como fazia todas as tardezinhas, antes de recolher ao curral.

Por certo nem tudo o que Deus fez pode entender um pobre pescador que contava pelos dedos e apenas assinava o seu nome na mesa de eleições.

— Mas. . . — e ajuntava, como se estivesse perguntando ao Manoel Quirino — já que se tem o fado mau de vir ao mundo, por que "aquilo" não se passava de outra maneira?

*

De dentro a Damásia gritou por água quente: que levassem também os panos e a garrafa de vinagre . . .

Um rude e prolongado gemido emudeceu os dois homens; e, em seguida, quase ao mesmo tempo, vagidos fortes e desencontrados de crianças.

Apressada, correndo, a Laureana agarrou a chaleira, pôs no braço as flanelas que secavam, numa corda, sobre o lume.

Egídio Calheta esperou alguns fartos momentos, com o coração instigado, danto tempo à Damásia para preparar as crianças.

Depois correu ao quarto: a Claudina estava imóvel, muito pálida, sob a manta de baeta que a cobria.

Na ponta de um pires a Laureana, andando devagarzinho, queimava folhas de alfazema e, ao lado, sobre o berço, ainda nus, jaziam dois seres que a Damásia enxugava com um vagar desinteressado e mudo.

— Vieram com pouco um do outro — foi-lhe dizendo a Laureana, com voz trêmula e assustada.

Egídio Calheta ficou parado e absorto; depois passou a olhar a mulher, a sua pobre Claudina, que tão ditosa e boa lhe era e que tanto desejara, naqueles longos anos de casada, gerar um filho que tornasse menos vazios os seus invernos.

E veio-lhe, então, de repente, uma saudade de outros dias — a Claudina a cantar desfiando o cretone para o crivo do travesseirinho; as fraldas de morim corando nas gramas, à frente da casa; o casaquinho do primeiro dia, de fazenda fina, com uma fitinha na gola; e a caixa de papelão com os sapatinhos de crochê e que cheirava a alecrim.

E o Egídio Calheta voltou à cozinha, com vontade de chorar, uma grande brasa dentro do coração, um imenso desespero por mais aquele malogro na sua vida malograda.

Lentos e longos anos pedira um filho, um filho que o ajudasse na velhice, que cuidasse da Claudina quando ele se fosse para o escuro mundo dos sete palmos. Que Deus não lhe desse a tristeza do Tomás Lindoso, que passava o tempo, ele e a mulher, sozinhos no canto do fogo, secos e vazios como um velho búzio.

Por isso, quando a Claudina lhe deu a boa nova, naquele

domingo depois da missa, quase gritou de alegria; e saiu logo a contar o advento à vizinhança.

— Louvado seja Deus, mulher. Vamos ter agora mais um pouco de felicidade em nossa casa.

E abraçou, como no dia das bodas, a forte e amorosa companheira.

Depois, com um contentamento mais largo, aguardara aqueles gêmeos, que a Damásia anunciara com uma certeza tão firme e tão pronta.

Que importava? Eram dois filhos duma só vez; uma compensação que o consolava de tudo; duas criaturas para amar e defender e que cresceriam, iguais e esbeltas, ao lado uma da outra, como duas roseiras plantadas no mesmo dia pelas mesmas e abençoadas mãos.

No entanto, sobre o berço, lá estavam duas pobres crianças, de grossas cabeças, os bugalhos de sapo, os pés compridos e recurvos como as badanas do cação.

— Sim, na verdade, são meus filhos! Não lhes hei de querer menos. Mas. . . — e o Egídio Calheta ajuntou, com os olhos turvos de lágrimas: — Que injusto malogro o meu!

O tempo escorria dessorado em aguaceiros; na grande treva gelada passava, às vezes, o rumor afastado e longínquo do oceano.

Na alcova mal iluminada a Claudina dormia, serena e repousada, a sonhar, talvez, que tinha os dois filhos juntos aos seios, onde já começava a fluir, como uma bênção de Deus, o leite farto e grosso.

Acendendo o cachimbo com um tição, o Manoel Quirino rematou, com imenso enfado e imensa tristeza:

— As coisas más sempre acontecem. Assim é a vida, credo!

VELHOS TEMAS

A CHUPA–OSTRA

Era um risco de sombra tartamuda, a resmungar entre as pedras, a estender para o mar os braços magros, donde pendiam, como dum galho de pau seco, uns restos de pano sujo e esfiapado.

O sueste roncara a noite inteira, como a mamangava entre as lajes da maré baixa, nos buracos de água.

A manhã era cor de palha e estava encharcada de chuva.

O mar tinha veios vermelhos e os detritos dos quintais e da estrada punham manchas escuras sobre as areias fulvas, salpicadas de fios esverdeados de algas e de galhos sujos de mangue.

Mas naquele dia a **Chupa-Ostra** não arrastava os seus farrapos nas babugens das maretas, nem amaldiçoava o "estupor", nem, acocorada ao vassoural do José Tasca, malhava e remalhava o rapazio de pragas e sujidades.

— A peste te coma, safardana do diabo!

*

Desde que lhe morrera o filho, naquele temporal que andou partindo barcos no costão, fendendo ranchos e descobrindo casas de boas telhas, como a da tia Braga, era aquela, enfim, a única vez em que a velha descansara na sua vida de fomes, de canseiras e de andrajos.

Encontraram-na já dura, meio atolada na vasa, o rosto

sob as saias esfrangalhadas e longos fios gelatinosos de bodelhas enroscados ao ventre nu.

A maré havia baixado muito; agarradas aos penhascos da Ponta do Dinge, onde morou o finado João Flores, as baratas luziam e fervilhavam como jaboticabas; dos buracos dos limos o mexilhão fazia subir bolhas úmidas, que brilhavam um momento e depois arrebentavam sem ruídos.

Fundos de garrafas, velhos aros de panelas eriçados de ostras, emergiam da lama balofa e lisa, por onde caminhavam, lerdos e pesados, sobre as garras duras, grandes caramujos cor de cinza.

Os montes longe, muito azuis, leves e transparentes, pareciam suspensos entre o céu esmaecido e as águas quase brancas.

Uma sonora e macia serenidade envolvia a paisagem, onde todos os cuidados do mundo adormeciam e se apagavam; somente muito além, por detrás do risco verde escuro dos Baixios, o mar grosso bramava, desesperado por não poder se aninhar na placidez amorosa da baía.

Por certo se afogara ali mesmo a **Chupa-Ostra**, quando o sueste empolou as águas e escureceu os montes, porque tinha os pés enterrados na areia e os dedos murchos e roídos.

*

Veio o povo.

Ninguém, porém, queria pegar o esqueleto malfadado, tocar aquele pobre corpo que o mar repelira num buraco de pedra para que o picassem as garoupas e os goiás.

Poucos se compadeceram daquela miséria que a tormenta esmagou e que jazia na lama, abandonada, escarnecida por seres cuja vida também era uma dolorosa encosta de agruras e desesperanças e que, certamente, um dia, o mar empurraria para qualquer praia longínqua, já sem olhos e os ventres esverdeados e moles.

Mas sempre se arranjou um caixão de chita preta, feita às pressas pelo Dorvalisto, e uma carreta para levar o corpo ao Pagajá, à cova dos pobres, num canto do cemitério, junto ao muro esburacado e triste.

*

E nunca mais se falou na **Chupa-Ostra**.

Mesmo, ninguém lhe sabia o nome e nem a origem; chamavam-na simplesmente a **Chupa-Ostra**. E era só...

Divertia a meninada e, às vezes, aos pescadores.

— **Chupa-Ostra**, a maré baixou?

— Pergunta a tua mãe, seu filho de cão!

*

Era uma velha escura, seca e gibosa, o peito cavado, sempre em farrapos, fedendo a óleo de peixe e a roupas sujas.

Errava de noite, como um fantasma, pelas praias, praguejando contra o mar, com uma esteira debaixo do braço.

— Que o fogo do céu te seque... seque... estupor do diabo!

Vivia entre as pedras, mas, furtiva e medrosa, vinha às vezes dormir sob o vassoural, nos terrenos do José Tasca, ao pé da cerca da tia Braga.

As crianças fugiam dela, aos gritos, e os pescadores, mesmo os jornaleiros, se a encontravam de manhãzinha, não iam ao mar ou às lavouras: o encontro era de maus presságios, como galinha arrepiada.

— Credo, quem havera de topar! A bruxa excomungada!

E atiravam-lhe pedras, pedaços de estrume seco.

Havia ocasiões em que desaparecia, não se sabia para onde.

E ninguém mais enxergava aqueles andrajos cuspidos de espumas, aquela curva dolorosa, desgrenhada, mordida dos bichos e que deixava ver, através dos rasgões das saias imundas pedaços de peles encardidas e chagadas.

Mas quando o noroeste arroxeava o céu e escurecia o mar, nas tardes de tempestades, ela surdia na praia, silenciosa e estranha, como o espectro mesmo da tormenta.

— O agouro, credo! Ninguém deu conta do estupor!

E metia-se pelo mar adentro, sob a chuva grossa, indiferente às lufadas que a enregelavam, às vagas que lhe feriam as pernas, hirta e horrível ante a brutal mistura de água, vento e espumas iradas.

E praguejava, praguejava sem cessar.

A sua voz, porém, se diluía na chuva grossa, fundia-se no bramido rouco das vagas violáceas, nos rumores agrestes das borbulhas.

Por certo morreu num desses instantes de desespero, de ira, estrangulada pelos braços desse mar que ela odiava, do estupor que afogara, um a um, o marido e o filho.

*

Um dia consegui me aproximar da **Chupa-Ostra**; era de manhã e as flores das piteiras tinham um colorido mais vivo e um perfume mais tenro.

Falou-me baixinho, na garganta, da sua casa, numa dobra de S. Miguel, dos seus crivos, das malvas do seu quintal, com um olhar espalhado e fumarento.

E eu só lhe vi nos olhos, nos seus olhos desbotados e vagarosos, uma dolorida e mansa bondade.

NA AGUARADA

A casa do Miguel Cabreira — taquaras barreadas, cobertas com latas velhas — desabou com o temporal da tarde.

A enxurrada levou tudo: a mãozinha de gravetos, os cacos em que as crianças comem, a cafeteira queimada pelo fogo e os canecos do aparado, com rachas e sem asas.

O Miguel e a mulher — uma rapariga miudinha, picada de sardas, sempre despenteada, com um rosto de formiga sarará — escabicharam o cisqueiro do morro, mesmo os excrementos de gado, até a fonte da Santa.

— Só topamos a cafeteira... Credo, sumiu tudo na aguarada!

Da casa sobraram apenas dois palmos de parede, o jirau de bambus que servia de leito e donde pendem, mais sujos que estopa de calafate, alguns trapos encharcados.

*

O Miguel não é dos Coqueiros. Vai vivendo nos socavões dos terrenos do Sadelli, ao pé do morro: é um intruso, como os outros que vão morrendo por aí, sem nada de seu, famintos e conformados, sempre em terras alheias.

Veio da Pinheira, com os porcos e a farinha de José Santos.

A Pinheira esvazia nos Coqueiros, quase todas as semanas quando o vento é do sul, as sobras de sua miséria: O João Curto, o Carriço, o Carmino, a Saracura... todos vieram de lá, na baleeira do Tijucano ou no barco do Rosendo, misturados a sacos de aniagem e a grunhidos.

*

O temporal encheu de alegria a cara do Sadelli; expulsou o intruso; misturou aos lixos crianças imprestáveis, que não têm, agora, onde dormir e esperam, acocoradas, junto aos entulhos imundos.

O Sadelli também não é dos Coqueiros.

Mas não veio da Pinheira: chegou um dia do norte da África, da Tripolitânia, num grande barco à vela.

— A chuva botou eles na rua... a chuva faz bem...

GENTE NOVA

No galpão do Pedro Lopes, onde morou o Amâncio, o Carriço bate o dente de maleita, no fundo da cama: uma velha canoa forrada de trapos.

Ao lado, sobre três pedras que o fogo enegreceu, ferve e requenta a cafeteira. Um cheiro amargo de fumaça desce da telha vã, de caibros mal juntos, escorre pelas paredes gretadas e sujas.

Fora o dia reluz como um cristal de rocha e o mar, tão azul e tão liso como se fosse lapidado, não tem um fraco relevo, um leve risco de vento, pois é cedo e o nordeste ainda não chegou.

Pobre Carriço: a sua vida tem sido um contínuo, doloroso percurso entre um chão emprestado e uma cama de ferro no Hospital de Caridade.

Lembro-me de quando ele apareceu na venda do Miguel Domingues, amarelo como a cidra, os pés inchados, as calças esfiapadas nos tornozelos empolados, o ventre flácido, a pedir um pedaço de barbante:

— É pra mode fazer um cambãozinho...

Havia desembarcado da grande baleeira do Tijucano; viera de além da barra, do mar grosso, com outros imigrantes, todos jornaleiros, todos mordidos pela maleita, em procura de trabalho e de pão.

— Temos lambisome na estrada!... — gritou o Custódio

para um grupo de homens sentados ao pé do poço, comendo melancia.

E riram-se todos, chalaceando grosso.

Mas o Carriço nem os ouviu; bateu na aba suja do chapéu e se foi embora, indiferente e tardo.

*

Era num começo de crepúsculo transparente e frio, de vento sul e maré encrespada.

A praia, num reboliço vário e vistoso, parecia uma feira: a carreta do José Santos ia-se enchendo de porcos ruivos que grunhiam apavorados e de sacos de farinha roídos nas costuras.

Aqui e ali, sobre a areia úmida e riscada de detritos ásperos e de algas adocicadas, espalhavam-se rolos de esteiras e caixas de ovos embrulhados em palha de milho.

Algumas galinhas, amarradas pelos pés e imundas de excrementos, atraíam os rafeiros, que latiam desordenados, de orelhas duras e arrepiadas, as patas dianteiras muito abertas, batendo as caudas finas.

Toda a gente falava, fazia perguntas: — O preço das galinhas! Se os ovos eram frescos! Ficara melhor o velho Amarante, da Pinheira do Covo?

O ônibus rangia na estrada incômoda e um cheiro forte de salsugem e de umidades amargas absorvia o ar.

O crepúsculo ia-se desfazendo em ouro quente e cinzas vivas, que o vento sul esfriava e vinha, cá em baixo, espalhar pelas cristas das vagas — vagas que eram sons e cor e batiam, e rebramiam entre as pedras redondas da Ilhota e, noutro canto, pelos escolhos despenhados da Ponta do Tomás, esguichando uma poeira de espumas e de névoas diáfanas e esverdeadas.

Ao pé da cerca do Miguel, nas marinhas da Santa, sentados em canastras pregueadas ou de cócoras, sobre canteiros de gramas, alguns homens macilentos falavam baixo a mulheres tristes, ou, então, olhavam sem interesse o grande barco que os trouxera de tão longe, para uma nova vida que começava sem esperanças.

E os anos se diluíram como espumas de cachoeiras ou pedras de açúcar dentro da água.

Sobre o Carriço arderam febres agitadas e rodaram fomes vagarosas.

Mas, ele continuou a sua vida refugada e baça: o ventre aguado e os olhos murchos entre pálpebras suadas, vestido de molambos, ofegante como se tivesse subido uma congosta íngreme.

— Como vais, Carriço?

— Por aqui, mais melhorzinho...

Mais melhorzinho e cada vez pior!

Vive agora com uma velha — a Zulmira — que ele trouxe da Guarda de Embaúba, com a caixa, a cafeteira e as duas canecas do aparado, uma delas manchada de nódoas azuis.

A Zulmira, porém, destrava a língua quando a esmola não chega e a carência é por demais:

— O estupor do amarelo! Além de vagabundo, come vício... Credo, chega a lamber a cinza do cachimbo! — E a velha, arreliada, cospe nas cinzas frias desde a véspera, esconjurando: — Diabo excomungado! Tirar um cristão das suas bandas para morrer de fome em terra alheia!

*

A rede do Simão Camacho vem chegando, a cinco remos, lenta e domando a corrente.

O nordeste enruga as águas, que faíscam e fremem de alegria e de espalhada virilidade.

A Ilha das Vinhas, sobre o fundo verde da Prainha, parece renda de mármore num gibão de esmeralda.

Boiam velas ao longe, roliças de vento e debruadas de luz.

E o fétido quente e áspero das caieiras mistura-se ao fartum adocicado dos varais de cação secando ao sol.

VELHA HISTÓRIA

— Quando o estupor alou com a burlantina — isso vai para quinze anos — fiquei só, no mundo largo. E tinha cinco bocas a dar o pão. Credo! Nem sabia adonde levar a triste enxerga e mais os trapos das crianças!

E depois de soprar o fogo, enquanto quebrava um graveto:
— Mas, com a graça de Deus, criei todos os filhos. Passei trabalhos, que nem sei. Dias e dias, pode crer, nas soalheiras a bater o amendoim, a debulhar o feijão, quando não era na pedra da fonte, lanhando os dedos na potassa e na sujeira dos outros...

E eu olhei, sem querer, aquelas mãos escuras e úmidas, mordidas de manchas esbranquiçadas. Mãos de magros dedos cheios de sabugos, envergados nas pontas, de unhas roídas e que ressumam como as frieiras no inverno.

— E nunca mais teve notícias do Geraldino? — perguntei, mexendo, devagar, o café, que rescendia na caneca de barro.

— Aqui para dois anos... Andava de guaíba, o triste, num circo de cavalinhos...

Durante mais de um mês ninguém pensou senão naquele caso: o Geraldino Raposo, pai de cinco filhos, atrás de uma qualquer, como rafeiro sem faro.

Lembrei-me do caso: fora em 1927, nos fins de março e do verão.

Numa velha casa da Praia do Meio — onde morrera,

diziam, um lázaro, houve a função a dois mil réis por assento.

Todo aquele domingo, desde depois da missa, o foguete estalara no céu claro; um negro de paletó encarnado anunciava o ato, soprando num grande funil de latão.

A casa se encheu. Uma rapariga sardenta, de cabelos de milho e corpete de seda estalando nos peitos marcados de lantejoulas, abria os braços: em torno dela zuniam as facas douradas, que assustavam a assistência e ficavam oscilando na parede de tábua.

O espetáculo afundava pela noite a dentro.

Do estrado um anão, de nariz torcido e braços curtos como as asas dos pingüins — pedia um homem forte, de grande coragem e grandes músculos: a rapariga ia ser jogada sobre uma enxerga com puas de aço, cujas pontas o mágico experimentava com fingido terror, chupando os dedos.

E o anão gritava, assustado, e corria em torno do palco, rebolando, com duas bandarilhas espetadas nos chumaços das nádegas redondas.

O Geraldino apresentou-se; era, de fato, forte e alto: um pescador de cachaço de touro que metia o ombro num barco.

Um sussurro espantado passou; o pinho dos bancos rangeu surdamente: algumas pessoas fecharam os olhos. Do meio da assistência o Sadelli gritou: — Chega! Chega!...

Crianças choravam; e bem ao pé do estrado, uma velha clamava, pedia ao Geraldino que não fizesse aquilo.

As arandelas escureciam, chupando os restos de querosene.

E o espetáculo terminou com um passo alegre: o Aquilino fungou na sanfona uma valsa corrida: o mágico falava, batia as mãos, encolhia até aos cotovelos as mangas da camisa amarela, que tinha nas costas um grande ás de copas.

E começou a tirar dos bolsos de palhaço lenços e serpentinas, flores de papel e résteas de balas e, por fim, um gatinho preto com uma fita na cola.

No dia seguinte, pela manhã muito cedo, o grupo desarmou a barraca.

O Geraldino bateu a perna. O negócio valia: casa, comida e mulher nova...

*

— É... é... O Geraldino foi mesmo um ingrato, credo!

— E gosta da sua vida, sinha Cândida?

— Não se pode fazer nada!

— E foi feliz alguma vez?

— Desde que casei as filhas até ao dia em que os meus rapazes, que Deus os tenha, tiveram de sair aos espinhéis, na dura vida do pobre.

E a sinha Cândida, com lágrimas nas olheiras cansadas ergueu-se, de repente, como se quisesse fugir àquelas recordações que lhe furavam o coração, como os espinhos do ouriço, e nele ficavam doendo e latejando.

— Aquele pano era grande demais para uma canoa de vinte palmos e meio. Eu sempre dizia... eu sempre lhes dizia. Mas os rapazes sabiam como guiar a bolina...

Pela porta entreaberta uma tira de mar pulsava; e ao fundo, como uma coluna, montanhas e céus se confundiam numa radiância trêmula e fina.

— Era um dia assim, muito quente e baixo, como a boca dum forno. Um poder de nuvens, inchadas e duras, ia subindo do sul, em riba da barra. Andava a lenhar com a Cinoca... Nesse tempo eu morava na Ponta do Tomáz, num rancho do José Santos... Lembra-se da Cinoca?

— Sim. Fazia beijus e roscas de polvilho. Diziam que embruxava.

— Conversas do João Tampinha, credo, que deixou o bicho-do-pé comer o olho do filho. Como ia contando: — andava a lenhar com a Cinoca... As cigarras e os galos haviam parado de cantar. O calor abafava e uma grande nuvem tapara o sol. A gente ouvia até o gado mugir nos pastos do José Camargo, na Palhocinha. Olhei, sem querer, para as bandas da barra, que o pampeiro era certo. Lá vinham os rapazes... Bem que eles faziam, que o tempo ia despencar. "Não são eles!, duvidava a Cinoca. Se eram. Conhecia bem a vela que eu talhei e cosi com estas mãos. E chegou o vento grande, levantando o mar, partindo galhos, fazendo uma poeirama de tropel. Quando pude olhar, já agoniada da cabeça, o mar crescia e afundava, negro como tinta, cheio de

listras e de espumas. Deus ainda teve piedade de mim, que os tenho no sagrado, ao pé do Cruzeiro.

Enquanto a Sinhá Cândida falava, trazendo-me à lembrança as amargas predestinações da sua velhice, eu via os rapazes.

Conheci a ambos, desde meninos: alegres, encardidos, as pernas riscadas pelas ostras, sentindo o tempo como as gaivotas:

— É carregação para o nordeste... Vai fazer bom dia... — ou, então, olhando o Baixio: — O vento vai rodar para o leste... Vem água...

Mais tarde, eu também os ajudei a tirar a caderneta:

— Não temos outra vida. O mar está aí... tão perto. E dá tudo...

Estava ali, sim, bem perto, o mar... o grande e generoso mar, que um dia os daria à pobre mãe, já fedendo, embrulhados numa velha esteira de esparto.

*

— Aquele pano era grande demais para uma canoa de vinte palmos e meio.

*

E foi assim que a Sinha Cândida compreendeu o destino inexorável dos seus rapazes.

TERRA BÁRBARA

Meio-dia.

O estio estimulara uma intensa maturidade, inchando as goiabas fulvas, polindo os cajus sumarentos, mordendo os pêssegos carnudos, a que os pássaros roíam a polpa açucarada pela comissura de rebordos duros de goma.

Ressumando dos troncos em grandes lágrimas avermelhadas, as resinas, derretidas pelo sol, alagavam o ar de um aroma acre que entontecia; mas das fundas sombras das macegas, mesmo dentre a rede hostil dos espinheiros, vinha também um brando e mole perfume de flores frescas, que se fundia no quente e áspero cheiro de macela e de capim gordura.

O céu, dum azul de cobalto esbraseado, abafava como abóbada de um forno de barro.

E por toda a largueza das terras, até o mar, descia, com reflexos baixos de madrepérola, a imobilidade enervante de um deserto.

As vezes, porém, sarjando a quietude ardente, dum pedaço de pasto e onde pontas de pedras faiscavam, entre musgos e gravatás, uma cabra ruiva, de grandes olhos amarelos, erguia a dura cabeça de longos paus recurvos e soltava o seu berro desesperado e trêmulo.

Depois voltava a retouçar; e tudo mergulhava na cálida serenidade em que a paisagem havia adormecido, fatigada e farta.

*

Àquelas horas João Claro descia encosta abaixo, rastejando, para espiar as raparigas que lavavam na fonte, à sombra fechada dos salgueiros.

E varando, cauteloso e mudo, a trama farfalhante das vassouras e das marias-moles, ele pensava na Rosa Maga, uma rapariga cor de jambo, que tinha o sorriso mais fresco do que a água das pedras e o olhar mais doce do que a baga felpuda do ingá.

Aos seus olhos, amortecidos de soalheira, foi-se reacendendo, então, aquele dia em que a vira na fonte, de bruços, com os braços mergulhados até os cotovelos, alegre de puberdade e de prazer.

E Rosa Maga sentia tanto a frescura da linfa sussurrante que, atirando a cabeça para trás, num riso de intenso contentamento, uma das pomas lhe saltara do corpete de chita.

Desde esse dia começara a perseguir a linda rapariga com amor e com ansiedade, buscando-a, desejando-a com todas as exigências de seu sangue insatisfeito, todos os impulsos de sua natureza de gato selvagem.

E descia, agora, sob a impressão daquela lembrança, excitado por aqueles aromas vivos que se enrolavam no ar, pensando na mulher que o seu amor pedia como pede a terra, nos ardores da canícula, a chuva que virá fecundar-lhe as entranhas ardentes e núbiles.

A aragem morna, insinuante, bamboleava as folhagens em torno, fazia ondular a névoa trêmula que fervia no chão, despertava nas tocas os répteis amodorrados, enchendo o ar de insetos que zumbiam tontos do sol e de calor.

João Claro de repente parara, de olhos semicerrados pela violência da luz, a escutar uma cantiga que vinha da fonte, dentre os salgueiros finos e verdes.

A harmonia bárbara daquele canto, sensual e adocicado, suspendera-lhe a respiração, acelerando-lhe o sangue nas artérias túmidas.

Quase sufocado se ergueu, a procurar a frescura de uma sombra, com os ouvidos numa chieira, vendo manchas irisadas

que partiam dos seus olhos, alargavam-se em espirais e se diluíam na radiância.

Em volta o sol murchava as folhas das samambaias, picava as pedras com fulgurações brancas de mica.

Todas as coisas haviam tomado atitudes luxuriosas; as árvores, ao se moverem, punham a esmo murmúrios de beijos escondidos, e até o odor acre-doce das resinas e do capim gordura parecia um misto de suor e chita nova.

Espicaçado pelo desejo de ver a rapariga, sacudido pela ternura rascante daquele canto, João Claro continuara a caminhar.

Mas avistou lá-baixo, dobrando a picada que levava ao coradouro, o vulto apetecido da criatura que amava.

Estacou, novamente, a espiar.

E a sua cabeça espreitando, tão atirada para a frente como se quisesse fugir do pescoço que a prendia, tinha a semelhança selvagem duma cabeça de fauno moço...

Então, num arranco, afastando com as mãos os galhos altos das vassouras, deitou a correr pela encosta abaixo, louco de amor e de cio.

*

Uma semana depois, João Claro, ao anoitecer, casou no Juiz de Paz com a Rosa Maga.

*

— Céus, o excomungado!

— Até parece que tem partes com o diabo, cruzes!

O DESAFORO DO JOÃO CLARO

Logo de manhã, antes do nordeste, pelas portas das casas e pelos cantos das praias, começou o comentário: aquele agravo do João Claro, assim de sopetão, fora de arriar a queixada mais dura.

— Credo, senhora! Donde se viu isso à luz do sol e mal a criatura botou a roupa no coradouro!

— Como foi o desaforo?

— Aquele peste! Bateu em riba da Rosa Maga, desgarrado do mato, que nem boi fugido. Cruzes! A mode que estava espiando, desde cedo, o peste.

— E será certo que casa?

— Quem saberá o que anda na cabeça dos mais?

— Credo! Quem havera de dizer: a Rosa Maga, aquela princesa!

*

Fora aquele, desde a estrada grande, o caso mais contado em toda a vastidão daquelas terras, do Morro do Bacobaco aos pedroiços do Abrão, perto do mar.

É que o agravo se consumara com inesperada brutalidade, lembrando essas histórias de faunos moços e ninfas descuidadas — uma corrida, dois braços peludos e robustos que apertam e violentam... E a vida esplendendo em torno cheia de pólen e de

calor.

João Claro é um jornaleiro de grenha crespa, braços duros como cabos de enxada e vinte anos de idade.

Criou-se na praia, como um bicho, sempre sujo de areia e limo, sempre fedendo a sargaços e a peixe fresco, sabendo aos seis anos tirar ostras das pedras, encantar o garra azul ou procurar minhocas no lodo das marés baixas.

Não o atraiu, todavia, o mar imenso, amorável e acariciador.

A sedução viajeira das velas jamais levou o seu pensamento para as distâncias nevoentas, para aquelas ilhas da barra, suspensas entre o céu e as águas, aquelas montanhas além, cheias de ondulações mansas e doces e onde a vida deve ser uma luminosa embriaguez de alturas e de panoramas largos.

Quando, já crescido, o pai o levava ao mar na grande canoa em que o avô também havia pescado, os seus olhos, porém, não se largavam da terra firme, da franja escura que ondulava em torno, invejando o **Malhado**, que ficara dormindo num canto do borralho e até mesmo o Carriço — um triste empaludado que as mulheres odiavam e que, melado e triste, vivia picando o refugo das redes.

Se era de noite assustavam-no o mole negrume das águas, aquelas viscosidades frias que resvalavam, oleosas e pesadas, como o dorso de um grande polvo.

O rangir das roldainhas, o guaiar do vento nas driças, o chiaço indolente das vagas raspando as bordas da canoa, todos aqueles rumores, úmidos de salsugem, e que deslizam na aragem ou ficam boiando no mar, inquietavam-lhe o espírito, tornando-lhe os nervos assustados como as cobras que perderam o veneno.

E só a alegria lhe voltava a cantar ao coração quando, muito longe, uma claridade lenta e branca ia dando tons de vidro à névoa baixa, suspendendo no mar o friso bronzeado da terra, pondo halos às cabeças escuras dos escolhos, que emergiam das espumas para espiar a casta nudez da manhã.

É que sempre o prendeu a terra mater, seduzindo-o com a sua vegetação cheia de alfombras e de repousos; os seus estios ressonantes de cigarras e lustrosos de sol; as suas largas fecundi-

dades ressumando das pitangas vermelhas e dos pêssegos amarelos; das goiabas carnudas e das grumixamas açucaradas; ondulando nos penachos dourados dos milhos, escorrendo na resina quente dos cajueiros, extravasando nas fontes claras, que vertem do chão e murmuram entre as pedras.

Queria a terra para a sentir, morna e lasciva, em torno de si, terra rebelde para calcar aos pés, terra fecunda para cheirar nas concas das mãos saturadas de húmus; terras virgens para sulcar em leiras, revolver e nela se espojar, acariciando-a e possuindo-a como si fora uma bela mulher.

Tornou-se, por isso, lavrador. Sentia uma satisfação agreste em rasgar a gleba rica e úmida com a sua enxada, em fender-lhe o ventre núbile, arrancar-lhe a vegetação exsudante de seiva, de clorofila e de substâncias germinativas.

Sempre cheirando a mato e a coivara, João Claro tostara-se aos mormaços de todas as estações, tomara a cor da terra, em que ele gostava de se deitar, à hora do descanço, depois das semeaduras da primavera.

Até ao desaforo com a Rosa Maga, João Claro fugira sempre dos namoros ou das conversas nas dobras dos caminhos afastados, onde há sombras macias e convidativas.

Gostava, sim, de quebrar a cola de um boi bravio, na assuada perigosa da mangueira, ou de tirar do mato, com um galho de vassoura, qualquer franqueiro tresmalhado da tropa.

Por certo os seus músculos potentes e a sua petulância provocadora e viril arrebatavam as raparigas.

Seria mais fácil, porém, levar aquele rijo rapaz a suspender um espinhel na correnteza do canal, do que prendê-lo à sanfona dos bailes, onde teria de aturá-las e aos patchulis dos seus vestidos de chita nova.

Queria-as, naturalmente, mas ao ar livre, num encontro fortuito, na largueza das estradas, com a terra em torno fremindo aos rumores das germinações, o sol a sorver a seiva das samambaias, e o vento carregando nas asas o espalhado perfume das árvores e o gosto mole de capim-gordura.

As raparigas, que tanto o cocavam nas quadrilhas, ou quando, numa brincadeira, ele cantava para que a **Bernúncia**

viesse saciar a sua fome na gurizada espantadiça — temiam-no, todavia, se o encontravam sozinhas, à estrada ou ao coradouro e viam, sobre elas, aquele olhar que picava fundo e ardia como o ferrão do marimbondo vermelho.

É que mais de uma sofrera a lasciva fascinação do lavrador e não pudera resistir à tentação dos seus braços rijos como cabos de enxada e que acusavam uma bela força e uma firme virilidade.

*

— Não sei o que foi que me deu, criatura, quando vi ele!

— Esse João Claro tem mesmo partes com o demônio, credo!

UM SÓ EPITÁFIO PARA TODOS

O mar, quando as velas regressam, é o bom gigante S. Cristóvão trazendo aos ombros fortes os barcos dos pescadores: barcos que vêm de longe e cheiram a piche e a sargaços molhados.

E quanta alegria enche o pano que volta, túmido e branco como um grande ponto de exclamação!

Céus e montes; árvores e penedias; areias nuas e canoas que ficaram sob os esteios, parecem que se engrinaldam e se renovam de tintas e de rumores, para receber o lenho amigo que foi buscar, aos abismos de água verde, uma pouca de alegria e a tenra ilusão de paz e de abundância.

— Olhem, o da proa é o Jango! O Jango do Itaguacu. O outro é o José Lino, o do banco. . . É novo no barco.

— E o papai? E o papai?

—A mode que ainda não lhe botei os olhos em riba, credo!

— Já vi . . . já vi ele! Tá na escota! É o de camisa azule.

A filharada corre à praia, gritando de contente, batendo as mãos, seguindo o manso bordejo do barco. E também corre o **Tupi**, latindo e pulando, as orelhas espetadas, batendo a cauda felpuda e suja, contaminado pela alegria da vela que volta, cheia de esperanças e de peixes prateados.

*

A tarde fumarenta, saturada de fósforo e de pólen, car-

rega nas costas um cheiro de fresca virilidade e de flores do mato.

Das bandas do sul estão passando, há um poder de tempo e quase roçando o mar, longas garatujas de biguás, numa ondulante e contínua palpitação negra.

A vela fundiu-se, lentamente, como uma gota de cera, nos longes avermelhados e quentes, onde há restos de sol ardendo entre manchas de cinza e rolos de fumo que se adensam.

Na cozinha do João Saibro, de chão duro e caibros peludos de picumã já tremeluz a candeia de lata sobre a prateleira de pinho, em riba do fogão de barro cru.

Anoiteceu.

— Mamãe, estou com fome. . .

— Cala essa boca, esganado! Teu pai comeu o resto da farinha. Bebe o teu café.

A noite esburacou o céu de depois, como um calafate, tapou todos os furos com estopa de lume.

O mar está sombrio, pesado e espesso como um óleo.

Mas, para as bandas do noroeste, onde de vez em quando circula um clarão fugaz, rola e ressoa um remoto rumor de trovão.

*

Noite alta.

O rancho do João Saibro, escuro e triste, dilui-se na treva encharcada e mole.

Dentro, as crianças ressonam, tranqüilas e inocentes, encolhidas nos trapos que tresandam a suor e a pobreza.

Só a Marcília está desperta, rezando com medo da tormenta que desabou como um velho telheiro.

— Minha Nossa Senhora dos Aflitos, tende piedade dos pobres que andam no mar. Padre nosso que estais no céu. . .

Os relâmpagos riscam no chão sombras rápidas e disformes, acendendo nas ondas cabeleiras de lumes lívidos.

Cordoalhas de água incham nos barrancos, batem, lavam violentamente o velho rancho, estalam sobre as galharias desgrenhadas e escorrem, barrentas e sujas de todos os detritos, nas fendas que rasgaram na estrada.

Na calma da ventania, dentro do rumor rechinante da

chuva, passa, por vezes, o estalo de um corisco fustigando o bramido ofegante das águas.

Porém, logo, num salto brusco e fundo, a tempestade uiva mais forte, enche de estrondos a noite,e, depois, dispara, avassalando céus e terras, com brutalidade e rancor.

— Minha Nossa Senhora dos Navegantes, estendei o vosso sagrado manto sobre o João e mais os pobres de Cristo que andam, na tormenta negra, ganhando a vida no mar. Padre Nosso que estais no céu. . .

*

— Que teria acontecido, Virgem Santa?

Em torno da Marcília as crianças choramingam, de olhos tristes e longos:

— Mamãe. . . café. . .

— Arre com vocês que não querem esperar, credo!

E a Marcília, arrenegada, com a cabeça no mar, gritou com o Manequinho, o derradeiro, que se lhe enrodilhara às saias, o corpinho magro arrepiado sob a desbotada camisola de chita preta, restos do luto do avô, que um boi matara, na estrada das Capoeiras, quando voltava da roça.

A Ilha das Vinhas, o morro da Barra Velha, mesmo o Ribeirão e até a ponta da Caiacanga, luzem como besuntados de azeite.

O mar grosso, por certo ainda embrabecido, retumba e ressoa por detrás da fita dos Baixios, crespa e da cor do bronze.

Mas junto ao veludo forte dos morros, em torno da Ilhota e dos ventres túmidos das pedras, as águas estão mansas, adormecidas, lustrosas e tão azuis como se o céu houvesse derramado sobre o mar toda a sua luz e a sua cor.

Na praia, em grupos isolados, mulheres aflitas e estremunhadas, perscrutam montes e distâncias, esperando lobrigar, na poeira de prata e névoa que palpita na barra longínqua, o risco vertical das velas que partiram na véspera.

O mar, imenso e muito liso, tremeluz, num latejamento harmonioso e alegre.

Já o apito, longo e chicoteante, de uma fábrica, vergastou a manhã abandonada e indefesa.

O dia vai pulando de hora em hora, rumo do poente, apressado e cheio de ruídos.

Quase a pino o sol aquece e faz secar as grandes poças cavadas pelo enxurro, as largas manchas barrentas, onde há restos de estrumes e galhos meio enterrados na lama barrenta e balofa.

– Que teria acontecido, Santo Deus!

E a Marcília, com a boca amarga e a cabeça doendo, mal pode olhar, cheia de mágoa e dó, as crianças acocoradas ao pé do fogo, tristes de fome e de frio.

– Mamãe . . . e o comer?

– Espera, deixa o teu pai chegar, que ele traz peixe.

*

Sombras densas envolveram o Cambirela, abriram-se por sobre as ondulações mansas das montanhas, que fogem para o sul e margulham no oceano.

Nos refolhos da meia treva, além do canal, pisca-pisca o farol da Ilha dos Cardos e, mais adiante, sobre as maretas largas, balança a bóia da laje dos Naufragados.

Toda a vida se aninhou e adormeceu, no regaço da noite tépida, cheia de perfumes amorosos e de estrelas muito baixas e claras.

*

No seu tapume de taquaras a pedrês velha começou a cacarejar, animando a ninhada; uma buzina ressoa muito longe; e, na cozinha, ao pé do borralho, o **Tupi** rosna sem cessar.

Uma poeira opalina, transparente e sutil, embacia os longes que se iluminam; por cima do mar corre um arrepio de prata fosca; e o canto de um galo, como um graveto de som, bóia levemente no ar mole e estremunhado.

A canoa do Isidro Caminha saíra para o canal e há muito que a tia Patrícia, resmungando e gemendo, acendeu o fogo.

No entanto a Marcília ainda não sossegara no seu catre duro, naquele quarto escurecido, sem janelas e que cheira a óleo de peixe e a bicho-frade.

Quem poderia dormir, porém, nos pesados tormentos de tantas consumições, assim amontoados e comprimidos, nas últimas noites, como os cortes de lenha no terreiro?

E que olhos se poderiam fechar para um sono calmo, e o descanso do corpo, com o marido mo mar, sem dele se saber e tantas bocas pequenas a sustentar?

*

Fazia dez anos que a Marcília se casara, primeiro no padre, e depois, quando nasceu a Conceição, no livro do Juiz de Paz, no Cartório do Mâncio Loura.

Trabalhos e doenças, certamente, não lhes havia faltando, a ela e ao João Saibro, nesses tempos, que tudo isso é a riqueza do pobre; mas o João estava ali, junto dela; e sempre eram dois braços fortes de homem para o conduto e a filharia que Deus mandava, todos os anos, ora no inverno, ora no verão.

E a Marcília lembrou-se, então, sem saber por que, do seu último dia de solteira, na Enseada, há tantos anos, na semana do Advento.

Era de tarde, em dezembro; sob o rancho de folhas secas a canoa, como adormecida depois de tanto mar, repousava de borco; nos cafezais espessos e redondos, as folhas reluziam sob um fundo de sombras; as pombas arrulhavam e nas montanhas longe, onde pingos de casas branquejavam, riscos de névoas tinham colorações mágicas. Uma ou outra gaivota mergulhava no mar sereno e doce e, nas tiras vivas de uma cerca, sobre pedaços de lezíria, bandos inquietos de anus miavam, lanhando a doçura imaculada e quieta da paisagem.

O gado mugia, junto à casa; do forno aceso, sob o telheiro esburacado, vinha um cheiro bom de pão cozendo; lento e pesado, vergando os ombros sob um grande molho de lenha, o pai passara a porteira, que chiava molemente.

A noite descia: vestido com o seu gibão novo o João Saibro chegara, trazendo uma braçada de folhagens e de cravos para o altar.

Na cozinha o candeeiro luzia, com vidro novo; sobre a mesa, entre velhos pratos de louça azul, escurecidos pelo uso, a terrina de sopa fumegava, e a mãe, com um lenço amarrado na ca-

beça, batia claras de ovos numa tijela de barro.

Cearam. Depois, ela e o João saíram para um passeio na estrada, àquela hora silenciosa, sob o brilho alto e difuso das estrelas.

Um cheiro de mato subia das sombras e, longe, para as bandas da casa do Cantídio Mago, de vez em quando fulgia e estalava um foguete.

E a Marcília via-se já casada, em Passa-Vinte, onde o João trabalhava na olaria do Gustavo Rocha, um português que tocara, a cacete, do curral onde andava a chupar as tetas das vacas, uma récua de lobisomens.

Mas no Passa-Vinte, credo, tudo andara para trás, como caranguejo; a maleita, e a cãibra-de-sangue!. . . E em riba — a olaria ardendo numa noite de Santo Antônio, mesmo na hora em que o velho Rocha punha à mesa o cará e o melado dos festejos. Até parecia um olho mau.

O João começou a viver de trabalho incerto — ganha um dia, come dois.

Uma noite, depois de muitas vacilações, de prós e de contras rebatidos, resolveram a muda para os Coqueiros, onde havia parentes e os ares eram bons.

Foram viver, então, à Palhocinha, numa casa do Malheiros Boava, que tinha caixa d'água e torneira na cozinha.

Ali, sim, a vida era boa; o João tinha uma canoa e, cortado sempre de varais de peixe, o terreiro amplo, mais varrido que uma sala de baile, findava na praia, cercado por duas grossas alas de pitangueiras.

De tarde as galinhas vinham comer a sua ração de milho; bem ao pé da porta da cozinha, a **Preta**, de ubre cheio, mastigava com lentidão roletos de cana caieira.

Cheiros doces de maresia e de peixe salgado misturavam-se no ar fluido; no pasto do Rubião Roque, com os longos pescoços rastejando, envergados e trêmulos, os gansos grasnavam, assustados e enfurecidos.

A noitinha o João regressava da roça, quando não ia ao mar. Vinha fatigado e feliz, rescendendo a coivara e a resina de lenha picada.

E ambos, gratos a Deus, comiam devagar o seu caldo de peixe, roçando ternamente os joelhos por debaixo da mesa.

*

Tempos bons aqueles, em que um pobre de Cristo não voltava do mar com as mãos lanhadas e os espinhéis vazios.

Um malvado passou: o João perdeu a canoa e as duas redes: dias depois o vento sul carregou os espinhéis mal fundeados.

Mas não foi tudo: ela teve a pontada, sofreu as lentas noites de grande febre, vendo bichos peludos e rodas de fogo girando e dançando no fundo do quarto.

Melhorou.

Uma tarde o João chegou em casa batendo o queixo, os olhos amarelos como gema de ovo: era a excomungada — a triça! Voltaram-lhe as consumições, as noites sem sono, a esperar, cheia de frios, as horas do remédio, enquanto o vento sul grunhia nas frinchas do quarto desabrigado.

E lá se foram as economias de longos anos de trabalho.

E a Marcília tornava a ver o João sentado no terreiro, ainda fraco das pernas, olhando as figuras de velhas revistas emprestadas.

O Ludovino começou a exigir o dinheiro atrasado; e, num sábado de manhã, com o meirinho e o caixeiro, chegava para a penhora das tarrafas e das velas.

Passaram fome: uma noite, noite de muita chuva, o João bebeu veneno.

Escapou. O voga do Simão Camacho fugira com a filha do Jório Mântua, viúva e com dois filhos; o João passou novamente ao serviço dos outros, como qualquer cavalo.

Por certo sofriam faltas quando a lestada guaiava, dias e dias, nas fendas, e apagava o mar; muitas vezes, ela e o João, nada comiam para dar aos filhos o magro tostão da bolacha dágua.

Iam varando, porém, com dois mil réis por pescaria, o quinhão e aquele rancho de lama batida, na Praia da Saudade, onde moravam desde o natal passado.

E a Marcília, com os olhos no fundo das lágrimas, pulou do catre, já dia solto, para correr à praia, apenas com o xale sobre os ombros.

O mar, largo e comprido, era uma névoa azul picada de gotas trêmulas de luz.

Entre penachos de fumo negro e revolto, um grande navio deslizava, pesado e majestoso, por sobre as águas lisas, polidas como vidro, com gaivotas voando em torno dos mastros altos e duros.

*

A noite vem chegando, fria, agitada pelo sueste, cheirando a maresia e a flor de capim-gordura.

De camisa preta, a velha calça amarrada no ventre inchado, os grandes olhos túmidos e tristes, o Prudêncio tenta arrastar uma vaca ruiva, magra, de ancas imundas, que insiste em roer a grama áspera que viça rente à praia; e o João Curto, empurrando um carrinho cheio de estrumes, atravessou a porteira do Teodoro.

Uma tristeza enevoada e penetrante macera a paisagem, saturando-a de tédio e lividez.

Na esburacada casucha da tia Patrícia, o Amâncio e o Tadeu Cardoso, que estão de visita, batem a língua na conversa daqueles dias:

— Por certo embicaram na Pinheira ou arribaram nos Papagaios.

— Qual nada. São mais pobres de Cristo que a tormenta carrega, credo!

— Quem foi com o João Saibro? — indaga a tia Patrícia, que está melhor e já se governou pelas suas mãos.

— O José Lino, o Carlos Lechuga, e o filho da Lúcia Esteves, viúva e entrevada.

— É. . . é a sina de quem veve no mar. A sua sina neste mundo.

Na cozinha do rancho, a Marcília, que escutou a conversa ao lado, pôs-se a chorar, coando o café para as crianças que não sabem porque a mãe está chorando.

O seu coração, porém, fala qualquer coisa que a consola, mas que ela não compreende bem, como a luz que desce das estrelas ou a tristeza que espalha o sino da Ave Maria.

Não é a primeira vez que o João demora tanto no mar.

Duma feita, ele e o Antônio Adriano levaram uma semana

fora de casa, pescando no Arvoredo, na barra do Norte.

Certo, das outras vezes não houvera aquele despropósito de vento e chuvas; uma tormenta de águas como há muito não se contava nos Coqueiros, embora para um pescador ficar debaixo da canoa, roído pela corcoroca, não careça de ventos nem temporais.

O Bento Silva não fora tirado já morto, à vista da casa, com a mulher e o povo clamando na praia?

E o Dimbo Pierri não se afogou na ria da Palhoça, com a tarrafa enroscada nas pernas?

E o mar não estava que nem uma poça de tão liso e tão quieto?

— Deus está no céu e vê tudo o que se passa na terra.

— Mamãe, papai vem hoje?

— Vem sim. . . que a Nossa Senhora dos Navegantes assim o quer.

Mas cala a boca que podes acordar o Ricardinho, que está doente.

*

O sueste calmou, o Cruzeiro cintila muito baixo e a lua nova parece um C de giz que a noite riscou na lousa negra do céu.

— O tempo vai mudar para bom. . .

— Lua nova em pé. . . marinheiro deitado.

— Disque que toparam um corpo. . .

— Aonde?

— No Massiambu. O José Lino. . . Os outros não se sabe por onde boiam!

— Sem uma cruz! . . . Talvez até no bucho dos peixes, credo!

*

O rancho do João Saibro tem agora novos moradores: um casal de galhetas, e mais dois filhos amarelinhos, de fazerem dó, encardidos e secos como estopa de foguista.

O homem é um caniço de alto e magro, e está sempre tossindo, esguichando o cuspe como o berbigão na lama da maré baixa.

Mas a mulher é baixinha, de pescoço curto, com a cara redonda e um buço de farsola.

Trouxeram um cachorro peludo, embaraçado de carrapichos, sempre sujo de bosta e que vive a correr e a latir atrás dos porcos e das galinhas.

— E a Marcília? Para onde teria ido a Marcília?

— Sabe-se lá, credo, para onde vão os pobres de Cristo?

*

A rede do Simão Camacho saiu para o boca do rio Tavares; já o sol ardia na beira do morro e o nordeste raspava a crosta dourada do mar.

— E o voga?

— Ninguém lhe sabe ainda o nome: veio de qualquer parte, d'além da barra, da Pinheira, da Guarda, talvez de Garopaba . . .

É assim, por praias: eles chegam com a mulher, os filhos, a caixa de trapos, de tampa polida pelo assento; às vezes duas galinhas e um porco de focinho comprido, com arames torcidos nos ilhoses das ventas.

Não vale perguntar donde vieram, em que lezíria caçaram o caranguejo ou em que paul abandonaram o rancho esburacado, que as corujas agora habitarão.

Basta a toda a gente a certeza de seus destinos: as redes alheias e, um dia, as inclemências do mar — onde boiarão com as pálpebras abertas e os ventres cheios de água.

E como são iguais — há um só epitáfio para todos eles!

AO MAR LARGO

Homenagem de saudade a Virgílio Várzea, que tanto amou o oceano e as sua ondas altas e fortes.

AO MAR LARGO

Praia dos Ingleses, 15.4.1945

Quando o patrão, com um porongo de espinhel, bateu à janela de meu quarto, eu já estava de pé, pronto para ir ao barco.

— Que cedo! Ainda nem luziu a picumã.

Deveriam ser três horas da madrugada; não grasnara a gaivota espiando a sardinha.

As estrelas fremiam, latejavam, como se fossem seres vivos e respirassem; e o caminho de Santiago era uma garatuja opalescente que a noite riscara, com o seu lápis de prata, sobre a curva e macia negridez do céu.

O mar estava rítmico e sonoro; as grandes vagas iam e vinham, largas e compassadas, com um rumor aveludado e quente.

— Ala, com Deus! Um. . . Dois. . . Três. . .

Sob o comando breve do patrão o grande barco escorregou por cima dos rolos e, com um impulso de ombros fortes, flutuou nas águas oleosas, que os reflexos dos archotes estriavam de sangue vivo.

Depois, à força de cinco remos, o madeiro alcatroado mergulhou na treva úmida, que cheirava a maresia, tinha uma tepidez amorosa de alcova e estava impregnada de fecundidades como um ventre núbile.

— Que Deus nos leve e nos traga no seu Santíssimo Nome!

— Amém.

Na proa baixa, a cama do leme sob o antebraço, o patrão fumava o seu cachimbo.

O rangido dos remos, espaçado e lento, e o boleio do barco, harmonioso e calmo, adormentavam como a modulação de um berço.

Alguém cantava nalgum barco perto, apagado na penumbra mole.

E eu me lembrava da melopéia bárbara com que minha avó, nas longas noites de vento sul, enchia de sono os meus olhos de órfão:

Minha negra foi ao mato rachar lenha.
Que me importa que se pique, lá se avenha!

E à minha memória o estribilho da cantiga, mais velha do que eu, tinha um tom litúrgico de onomatopéia negra, lembrando senzalas ou bocados espessos de florestas.

Poques-que-poques,
Não choreis, caringanga!

Não havia vento; apenas uma vibração tépida se misturava à exalação salgada e viva que vinha de longe, subia das profundezas e resvalava por cima do mar como o peixe-rei.

As pás dos remos tinham fosforescência esverdeadas e em torno do barco, e no sulco do leme, em redemoinhos crepitantes e afunilados, as ardentias cintilavam sob as águas como jóias através do cristal de uma vitrina, subiam depois à tona e se derramavam, misturadas às espumas, em longas guirlandas de flores luminosas e castas.

No alto, picado de ouro, o céu tinha uma coloração mais nítida do que o mar; mas, ao fundo, a treva alta, flácida e fumarenta, era uma só: misteriosa e sugestiva a encobrir novos mundos e vidas novas em plena fermentação criadora.

Às vezes podia-se distinguir, através da sombra úmida, o vulto de um barco.

Eu ficava adivinhando o seu destino: para mais longe, ao peixe e aos imprevistos do tempo, porque um fino lampejo palpitava na sua esteira.

Era também aquele o nosso rumo; íamos para o mar lar-

go, por sobre abismos de água, e deles separados apenas por frágeis polegadas de cedro alcatroado.

Eu, porque desejava viver uns retalhos de aventura, mergulhar as minhas mãos nas espumas do oceano, sentir a emoção insopitável do perigo, e eles — os pescadores — para afrontar a morte, dominar a miséria e manter, pelas fatalidades da predestinação, as inexoráveis angústias dos seus destinos.

Vinculavam-nos, porém, um mesmo sentimento, a mesma força nativa: amávamos da mesma maneira aquelas águas selvagens e oscilantes.

Queríamos senti-las bem próximas de nosso coração; éramos todos ilhéus e fora o mar, os seus rumores verdes, as suas cantigas espumarentas e salgadas, que haviam embalado a nossa infância diferente.

Borbulhas luminosas resvalavam, num ruído de tons claros e molhados, pela quilha do barco; às vezes, perto, ouvia-se o resfolegar afrontado e áspero dos botos.

Uma brisa fresca começava a soprar do lado da terra e, para além, muito longe, um risco de luz, ainda indeciso, dividia a mole e alta parede de sombra azulada e transparente.

*

O patrão mandara orçar e o voga, o Felício Arriaga, do Pantanal, homem de cinqüenta anos e rijo como uma verga de junco, acabara de içar o pano.

— O dia clareia! Leva a rede que o peixe bate a badana.

A vela entumeceu, cheia de vento e de curvas côncavas. Uma claridade nevoenta e difusa recorta o perfil de ilhas e de morros, muito ao longe: a Armação, o Arvoredo, e mais para o norte, a Ponta dos Morcegos.

Por sobre as águas, até onde a vista pode chegar, desliza uma poeira que é feita de umidades e de luz, e que nos penetra, envolve águas e céus, e escorre, como um óleo, do pano túmido e sonoro.

— Rede... rede... mar de tinta... mar de fundo... mar de peixe...

*

— Pra riba de trezentos, afora o que está vindo. . .

E a rede continua a trazer mais peixe, sempre mais peixe, multidões de peixes longos e chatos, lixosos e luzidios, que faíscam, asfixiados, os olhos fosforejantes.

Alguns batem as badanas duras, ou rabejam inutilmente; outros, com as goelas arquejantes, vermelhas e viscosas, pulam no fundo do barco; e há um cheiro de sargaços e de babugem; um fartum que se agarra ao olfato, prende-se à roupa úmida de maresia e se vai tornando cada vez mais penetrante e mais forte.

Badejos e burriquetes; pescadas amarelas e prijarebas malhadas, arraias ásperas e caçonetes de pele de lixa; miraguaias e bacalhaus, toda a nobre fauna do mar alto vai enchendo o barco, subindo em montes que latejam, movem-se, oscilam, visguentos, misturados aos fios gelatinosos das algas, aos repulsivos cabelos das terebelas, à vegetação estranha e salgada do oceano.

*

A luz de ouro, quente e forte, absorveu toda a cor, mesmo na linha fugidia do horizonte, onde o risco verde do mar se dilui na poeira diáfana e cintilante da manhã gloriosa e alegórica.

Tênue e serena como um aroma de flor entreaberta, insinua-se na alma da gente a sensação delicada e leve que devem sentir as espumas, as algas e as gaivotas.

A beleza palpitante da paisagem que me rodeia — um mundo de luz e cor que se mistura e vibra numa névoa tépida como um beijo — dá-me a certeza de que valeu a pena ter nascido para me deixar embeber, como uma esponja viva, de tudo aquilo.

E um consolo imenso, que eu não sei se me penetra o coração com o calor do sol ou se é uma simples ilusão das maravilhas que me envolvem, mistura-se ao desejo de me deixar ficar ali, sobre o mar e, desfeito em poeira luminosa, misturar-me para sempre às maresias esverdeadas que flutuam entre a água e o céu, e estão saturadas de fecundidades abundantes e de substâncias vivas.

*

Regresso deslumbrado! O patrão canta e o barco, inclinado, com o pano túrgido, desliza como um grande pássaro por sobre o descampado das águas, faiscante e imenso.

Vou fixando na memória aspectos e sensações: longe as areias fulvas da Praia Brava, que esfriam pouco a pouco, à medida que se chegam para o mar, e depois se misturam ao pó impalpável das ondas, pó que sobe, e se confunde na grande luz.

Adiante a Praia dos Ingleses, quase encoberta sob o nevoeiro das dunas fumegantes e para o sul, como um braço amoroso que se estendesse da terra verde para recolher todas as belezas do mar e do céu, diluída na mesma radiância: a ponta queimada das Aranhas.

E em volta o infinito oceano que se move e que respira: água verde escuro, verde luminoso, verde desmaiado, verde terra com tatuagens brancas e violetas; cordoalhas de espumas sobre cordoalhas de águas-vivas, ondas sobre ondas, tão côncavas, largas e macias que dariam para nelas adormecer um barco de pesca, e que se distendem, e se agitam desfeitas em repuxos de malacachetas, nas pontas rijas da Ilha do Arvoredo, e além, nas puas sombrias dos Filhotes e, mais distante, nos escolhos avermelhados da Ilha Deserta, sob uma névoa fulva e dormente.

E sempre para mais longe, mais longe, até onde os olhos podem enxergar alguma coisa, o mar, as águas movediças que não têm orlas e não têm fim, sob um céu arredondado, alto e profundo, que também não tem eco nem limites.

E aos meus ouvidos, como desde a minha infância, a voz imensa e rolante das vagas, aquela voz mais velha do que todas as vozes do mundo, que vai e vem, ora mais baixa, ora mais alta, triste, pressaga ou alvissareira e que nunca se fatiga, e que nunca emudece e que não dorme nunca.

O barco continuava a vogar, às vezes balouçando na crista de uma onda ou então cortando um degrau que se desfaz em espumas floridas e em rumores sonoros.

Vamo-nos aproximando, alegres e consolados, da terra.

O nordeste traz um aroma áspero e excitante de pólen, a

que se prende o cheiro adocicado das algas e dos peixes amontoados no fundo do barco.

As gaivotas grasnam por sobre as comidias que latejam, fremem e se desviam, ligeiras e assustadas, em direções imprevistas.

E dentro de mim abrolham já as primeiras saudades do mar alto.

— Voltamos, com a Graça de Deus, Nosso Senhor e da Santa Virgem! — exclama o patrão.

Todos tiram os chapéus esburacados, sujos de lodo e úmidos de salsugem. E baixam a cabeça, murmurando:

— Amém!

*

Na praia algumas mulheres, de cócoras ou sentadas sobre balaios emborcados, palram ou catam crianças encardidas, de grandes ventres nus.

O barco vai saltando de onda em onda, todo molhado de espumas, escorrendo claridades, como o símbolo familiar da alegria e da abundância.

Dentro de seu bojo arqueado todos regressam: ninguém ficou lá fora, como acontece muitas vezes, ao vai-e-vem das águas, com os olhos imóveis e os cabelos flutuando.

Naquele dia alguns lares conhecerão um pouco de fartura e algumas crianças não dormirão a choramingar: — Mãe, estou com fome!. . .

E, por essa mercê, bendito seja Deus.

CANASVIEIRAS

1942

Manhã de estio: espumas remotas diluem-se no azul tépido do céu. A luz sobe das sarças de água como um fumo vivo e quente.

E o cheiro adocicado dos limos e das algas, que o vento semeia, desperta saudades de mundos entrevistos nos lentos roteiros da imaginação.

Os barcos vêm chegando, pintados de branco ou de vermelho, com um nome na proa, cheios de peixes.

Guardo-lhes a ortografia pitoresca, em letras floridas: CEMPRE COM DEUS, AVANSA AO MAR, NOSSA SENHORA DA FARTURA, ISTRELA DAS ONDAS.

Mulheres trigueiras, algumas de olhos azuis, as saias escorridas, que o vento faz panejar modelando-lhes os ventres amplos e as coxas fortes, correm em grupos com enormes balaios à cabeça; outras, de cócoras, entre baleeiras emborcadas, esperam os batéis curvados para o mar, à bolina, ainda ao largo.

Cabeças de arraias e velhos pedaços de cabos de arrastro apodrecem no areal tostado, onde secam redes e mariscam bandos de patos mansos.

A peixada vai sendo atirada para a praia; montes e mais montes que reluzem e que ainda se movem.

Velhos e crianças, casadas e solteiras, todos trabalham, empurram sobre os rolos os barcos encharcados, catam o peixe

miúdo, metem os dedos nas guelras duras dos meros vorazes, escamam, fendem os ventres das anchovas ainda vivas e que fedem a maresia e a intestinos fosforecentes.

Mas as baleeiras e os saveiros continuam a chegar, carregados de peixe: os homens pulam nágua, satisfeitos: todo o mundo fala, gesticula; as arapongas retinem, e o vozeiro se mistura ao lento rumor do mar amigo, donde a vida brota todos os dias, incessante e fecunda, sem parar nunca, sem nunca se esgotar.

A luz vai caminhando devagarinho, na ponta dos pés, respingando as horas, para não desmanchar aquela ilusão de alegria e de abundância, como na seara de Boos.

Saturado de pólen e de sol, o vento passa, levando para longe o canto das águas e a alegria dos homens: borbulhas que se esfarelam e que se fundem no tempo insaciável e sôfrego.

*

A praia é um fervedouro intenso de bênçãos e de preces.

Barcos regressam; outros partem abrindo as velas, levando esperanças e deixando inquietações.

— Louvado seja o Pai do Céu!

— Nossa Senhora, rogai por eles, que vão para o mar.

*

— E todos os barcos voltarão?

— Quem pode lá prever!

O mar! O grande mar! O mar amigo e bom!

Todos os pescadores ignoram isto: ele lhes dá a mantença e a fartura, às vezes a alegria.

Mas também lhes tira a vida quase sempre.

PRAIAS

A Altino Flores

SINFONIA

Florianópolis, abril de 1938

Coqueiros é uma estrada com tapumes verdes, casas silenciosas, entre folhagens, algumas beirando o mar; dois ou três caminhos entre arvoredos densos, a escola, a capelinha de Santa Cruz, o cemitério onde repousa um poeta, à margem de uma estrada, e duas praias pitorescas – a da Saudade e a do Meio.

No inverno é triste, cheio de penumbras úmidas, de espinheiros hirtos e com um grande vento frio que todas as manhãs sopra da terra.

Mas em dezembro, quando o sol morde as pitangas maduras, brune os cajus sumarentos e vai, como um pintor impressionista, espatulando luz e sombras pelas areias das praias e às voltas dos caminhos, pelo dorso grosseiro das pedras e a tela plácida dos rios, enchendo de ouro a boca das furnas e as rugas dos troncos centenários – Coqueiros resplandece em relevos e cores, em ritmos e harmonias, como se absorvesse, pelo milagre da contemplação e do amor, a alma vegetal dos panoramas.

Em Coqueiros viveu, num retiro cercado de árvores, e dorme o grande sono da morte, num pequeno cemitério à beira de um caminho, o mago poeta do mar, o lírico iluminado que falava aos fantasmas e recolhia, no regaço da sua amorável misantropia, os enfermos, os tristes e os desesperados.

Coqueiros nas suas noites envernizadas de lua cheia, que

cheiram a maresias esverdeadas e a resinas aquecidas, esgarça-se ensimesma-se, espiritualiza-se e desperta essa saudade, sem motivo e sem nome, em que a vida se suspende e o passado se entranha, se funde, para sempre, na alma enternecida da gente.

É como a própria existência com um encanto que não se sentirá outra vez — rumor querido de remos e de espumas, que um vento inquieto dispersou.

O olhar perdido entre a limalha de prata que cintila nos ares, que faísca por sobre o mar, onde nadam peixes de olhos amarelos e boiam, sem destino, os corpos dos pescadores que a tormenta afogou.

E o coração batendo dentro do peito, tristemente, abafadamente, como um sino tangendo no nevoeiro pesado e opaco.

*

Noite alta, em certo dia de inverno, anda uma voz cantando pelos desvãos das árvores solitárias e, às vezes, por entre as pedras encharcadas e verdes dos limos.

Não vem ela, porém, da garganta núbile da terra nem do inquieto coração do mar.

Não é, também, a voz dos pescadores que morreram nas águas e penam porque os seus corpos, pálidos e frios, não repousam no sagrado; não é, ainda, a voz dolorida da recordação que fala pela boca de névoa do passado.

Nem a terra, nem o mar, nem os fantasmas errantes cantam com aquele ritmo e aquela saudade.

— Aquilo, meu senhor, não é trova deste mundo.

E ninguém sabe quem anda a cantar nas alfombras das árvores, pelo inverno, quando a noite se torna maior e mais deserta e o vento, no céu, atiça o lume vivo das estrelas.

Meu pobre pescador.

A voz que canta, noite velha, entre os galhos das árvores e as fendas das pedras e que tu ouviste, uma vez, branda e hospitaleira como a esperança, consolando as tuas angústias, os teus desânimos e as tuas doenças, não é "trova deste mundo".

É aquela voz que traduziu, em versos de luz, o rumor afetuoso ou aflitivo do mar, o borbulho enternecido das fontes, a ciranda fumarenta das chuvas, o uivo mau das tempestades,

o deseperado bracejar das galharias, quando o vento sul se enfia pela barra.

É a voz do poeta que rimou a mística doçura das novenas de maio, a alegria festiva dos noivados praieiros, as velas que vêm e vão, cheias de tristezas ou pandas de felicidades, e que dorme o infinito sono da morte, entre as raízes úmidas, cercado pelos pescadores, os jornaleiros e todos os homens anônimos que ele amou e compreendeu.

PRAIAS

I

20-3-1938

A Praia da Saudade é uma tenra, doce curva de areia com duas ou três árvores ramalhudas, taboleiros de gramas, algumas altas piteiras que em junho se enchem de flores vermelhas e o aranhol das redes por sobre jiraus paralelos de bambus.

De uma banda corre a estrada, baixa e lisa, de saibro amarelo, margeada de tapumes, cortada por um fio de água que ora se enruga por sobre seixos, ora escorrega por entre os altos penachos de canas-do-reino e repousa, enfim, à sombra de um arco de ponte, numa dobra redonda de areia.

Da outra — o mar azul e luzidio, muito mais polido e azul que o céu, as montanhas além, enchendo as largas distâncias de riscos leves e ondulações lentas e macias.

As vivendas dos forasteiros, vadias e com roseiras subindo pelas paredes ou flores de todo o ano nos jardinzitos esquecidos, entremeiam-se com algumas casas de pescadores e jornaleiros, tranqüilas e rústicas, a cuja sombra, às vezes, repousa um barco, descansa uma enxada ou enxuga uma grande tarrafa cinzenta.

E por detrás delas, viridentes e fortes, troncos claros e folhagens verdes que vão trepando encosta arriba e, de súbito, imobilizam-se no alto, entre grandes pedras escuras em relevos vivos e cor de bronze.

*

Daqui da minha varanda é a mesma água e os mesmos torçais suaves de montanhas.

Às vezes as águas são cinzentas, farpeadas de branco, fervilhantes, vertiginosas, e se esmigalham de encontro às puas rijas das rocas ou se esboroam na praia, inundando, afogando ervas, roendo barrancos e gramados, atirando para o ar frangalhos coruscantes de espumas.

Na poeira de cinza que envolve os morros e o céu, as aves marinhas riscam vôos lentos e côncavos; e as velas que bordejam, túmidas, vergadas para as ondas, parecem ansiar por algum manso recanto onde possam se acolher.

Quase sempre, porém, o mar é fino, transparente e fino, com as duas pedras que emergem as cabeçorras duras e ríspidas para espiar a distância.

Além, o Morro do Saco, com o corpo enorme tatuado de manchas leves e pingos brancos de casuchas adormecidas ao rés d'água; adiante a juba da Costeira, a garatuja dos Baixios e um pedaço do Ribeirão, de alto a baixo cortado por um canto da casa do Miguel.

E por detrás de tudo, aberto como um grande leque de tule, o céu translúcido de sol e muito mais azul que as montanhas e o mar.

II

24-3-1938

O vento rodou para o sueste, onde há brumas pesadas e cor de chumbo.

Já andou correndo, inconstante, ora do sul, ora do leste, com rasgões de céu claro ou cordoalhas rijas de chuva, que chiam no ar úmido como búzios vazios.

Mas agora o tempo melhorou; há nuvens muito brancas e altas escorregando na grande curva do céu, rumo do norte, ainda escurecido e agourento.

O Morro do Saco, os traços esverdeados dos Baixios, o Ribeirão, todos os montes desembrulham-se das névoas e lavados, limpos e nítidos, parecem mais próximos e mais claros.

Apenas sobre a linha azulada da barra há nuvens cinzentas, túrgidas e pressagas; mas uns tênues frangalhos de nevoeiros sobre a giba do Cambirela e, mais baixo, pousados no corpo enorme do Gigante, indicam vento sul para a tarde.

— Permita Deus que venha o sol e vice o tempo azul, para que os pescadores possam ir às redes e aos espinhéis; por certo já devem estar passando faltas por essas praias desertas e encharcadas.

— Se não há um rabo de peixe e o charque e a farinha já são comida de rico!

III

4-1-1939

O nordeste põe escamas de malacacheta sobre o dorso do mar e enche e enfuna as velas que passam no rumo da cidade, vindas de S. José ou da Palhoça, ou bolinam à barra, talvez em direção à Pinheira ou a Massiambu.

Gaivotas, em grandes bandos agitados, adejam, inquietas como confetes brancos revolvidos pelo vento, no rastro da manjuva esquiva ou da sardinha de lombo azulado e gordo.

Uma ou outra, perto, precipita-se, de repente, como uma pedra, dentro das águas; e sobe, depois, com um peixinho que rebrilha, rabejando, no bico molhado e contente.

Um casal de biguás passa, apressadamente, num vôo trêmulo e baixo, quase ao rés da água.

Mas bem no alto, o traço recurvo de um albatroz parou no ar, as fortes asas abertas, boiando no vento largo e salobro.

IV

10-2-1939

Há dois dias que o vento sul domina o céu.

Nuvens inchadas de chuva passam vagarosas e violáceas; e em baixo o mar escuro, todo arrepiado, com manchas amareladas sobre o dorso, agita-se, corre e joga-se contra as pedras ou sobre a areia, desmanchando-se, depois, em espumas leves, brancas e frias.

A maré está alta e as águas chegam aos tapetes largos das gramas, salpicando as folhas dos mamonões, borrifando a estrada vazia e baixa.

As árvores oscilam, sacodem-se, excitadas, como se tivessem enlouquecido; e dobram-se para deixar passar o vento por cima dos ombros.

E os galhos e as folhagens das nogueiras e das casuarinas, torcendo-se, redemoinham e chiam descontinuamente, como um prolongamento do rumor vasto e arenoso do mar.

Para as bandas dos Baixios, cobertos de névoas grossas, já começa a chover.

— Mau sinal: o vento rodou.

E se vier a lestada teremos água, longos dias de chuva, de umidades desoladas e más.

— E os pescadores, que terão eles para comer, se não podem ir ao mar?

V

11-2-1939

Mar cinzento, céu cinzento, montes cobertos de espessas brumas cinzentas. Sob a ponte da estrada, liso e polido como esmalte, um retalho de rio imobilizou-se numa cova rasa de areia.

A paisagem ressuma água, escorre água, embebida como uma esponja. A chuva cai em pó, de um céu opaco e baixo, estirado como uma colcha encharcada sobre os montes.

Na manhã baça, triste e aguada, raparigas operárias passam ligeiras, de chinelas ou descalças, chapinhando na lama da estrada, batida e cor de barro.

Vão para o Riggenbach endurecer o pescoço a catar o café; ou, então, para a cidade, entupir os pulmões débeis na fábrica de bordados.

Uma delas está de luto e tem um ar tuberculoso e triste.

— Por quem estará de luto essa rapariga trigueira, fanadinha, de grandes olhos embolorados?

— Talvez pelo pai, morto no mar num dia como este em que as águas são cinzentas, o céu cinzento e os montes desapare-

cem desfeitos pelas brumas cor de cinza; ou, quem sabe, pela mãe, que a sezão queimou, nalgum casebre de barro esburacado pela chuva, perdido numa dobra de mato e onde não chegam os cuidados dos homens e a caridade vaidosa e perfumada dos festivais...

PRAIA COMPRIDA

2-10-1939

O que mais me encanta e seduz ali, naquela praia lisa e chã, é a água sempre espalhada, sempre aberta, ora um lençol de tintas verdes, trêmulas e finas, ora uma pauta de espumas, cintilantes e inquietas; e para cima, rente às gramas, poça aqui, poça acolá, cheias de pó azul pela manhã, transbordantes de ouro vivo, quando o crepúsculo começa a descer por sobre as folhas.

A gente não sabe se está em terra ou se está na água: ao lado da vela que vai fendendo as manchas verdes, encaixilhadas de luz — um carro de bois desliza chiando, tão lentamente como o barco e como este cheio de lenha, de aromas de árvores descascadas e de rumores claros.

*

Na Praia Comprida tudo é mar, está impregnado de água salgada, tem cheiro de ostras e de sargaços esfiapados.

A grama é salitrada e os telhados bicudos das casuchas, que espiam a estrada entre as frestas das árvores torcidas, tem a cor da salmoura e são baços e duros como escamas de miraguaia.

Quando chove, a água doce se confunde com o mar, como a boca de um grande rio; e os ares cinzentos, onde o silêncio adormeceu, parecem feitos de espumas e de fumaça de mangue.

*

O panorama é largo; a claridade desce do céu como um funil de vidro e pousa sobre as águas longas e chatas, riscadas de vagas roleiras, que se dissolvem junto aos montes, longe, num fumo azulado, vago e transparente.

Pela estrada rodam carros de bois ou grandes carretas com toldos azuis ou cor de cobre, arqueados como costelas, rumo de Lajes ou de Bom Retiro, na Serra do Mar.

Às vezes, um cargueiro de mulas, ou de tropa mansa que passa para o matadouro, vai deixando sons roucos de cincerros, fuscos enxames de poeira, longas manchas avermelhadas que fosforeiam ao sol como cardumes de piabas.

Mas ao fundo do outro lado das tapagens de arame ou dos estuques de espinheiros, entre um grande mato envergado pelo vento, alheios e imóveis, alguns cavalos refletem n'água as suas sombras peludas e trêmulas.

*

A Praia Comprida é assim: mar e paisagem; manchas azuis e demorados reflexos verdes; árvores e espumas, larguras baixas e ventos em disparada.

E pontas de mastros emergindo, de repente, de um tufo de mangue; panos oblíquos, inchados de vento, que vêm e vão.

E ondas sobre ondas; e águas, e águas onde bailam todas as formas vivas, latejam todos os coloridos quentes; e mulheres tristes e crianças pálidas catando o berbigão na vasa.

ITAGUAÇU

20-3-1942

Borrões fortes e espalhados de pedras brancas; cabeçorras de pedras alaranjadas, emergindo das águas azuis para a enamorada contemplação do céu azul, das montanhas azuis, da mancha azul do Cambirela longe, destacado na distância azulada e fina, como um morrião de aço novo.

E o mar luminoso, sonoro e transparente — som azul e sol misturados com água.

Em terra, entre gramas e flores perenes, casuchas de pescadores, algumas de janelas besuntadas de azul, com uma data no alto; e ranchos esguios, baixos, cobertos de telhas salitradas e onde há canoas que cheiram a algas e a tintas frescas.

E todos os verdes ao fundo; o verde áspero dos butiazeiros, o verde esguio dos canaviais, o verde reluzente das pitangueiras, o verde franjado dos cedros, o verde sombrio das laranjeiras e o verde crespo das goiabeiras imóveis, sob o vôo inquieto dos sanhaçus.

*

Mar e pedras: águas azuis mosqueadas de verde e violeta. Abrolhos e rocas cor de cinza, que a luz borrifa de tintas alaranjadas, tauxeia de ouros e de gotas cintilantes de mica.

CAPOEIRAS

1942

Em Capoeiras o verde absorveu todas as cores; até as águas das chuvas, que riscam no chão arabescos irisados, não parecem descidas do céu azul: dir-se-á que vieram das árvores, escorregaram das folhas, escorreram das veias túmidas das pitangueiras.

Os pastos — manchas verdes e cinzentas entremeadas de mar e onde o gado não muge — são cheios de árvores e de riscos de areia, por onde deslizam os carros de bois, cheios de mato ou apertados de cana doce, lentos e rechinantes, sob a luz demorada dos crepúsculos cor de absinto.

Capoeiras é água verde e folhagens verdes; todos os tons de uma paleta mágica; fantasia de um pintor embebedado de clorofila.

*

Capoeiras não é azul; a paisagem ali é sempre verde.

Tem um pouco de cobalto para leste, pelo mar, até as serras adormecidas dentro d'água; mas é verde para o norte, verde para o poente, por sobre pastos e arvoredos, até São José.

O mar, por certo, andou por ali, por que às vezes há manchas branquinhas de areia tatuando os braços longos das

gramas ou restos de água em torno de alguma pedra, a que os musgos e os gravatás encheram de tons verdes.

À beira das praias os grandes tufos de cedros e pitangueiras correm para o norte, dobrados para o chão como velhinhos; e o vento sul abriu entre eles umas passagens longas, afuniladas, na pressa de fugir ao mar revolto e sujo.

AREIAS E MAR

1942

Entre a Ponta da Galheta e o Morro das Pedras, fica a praia do Campeche.

As dunas ali alteiam os largos ventres nus, onde o vento debuxa linhas sinuosas e viçam alguns tufos de vegetação rasteira e áspera.

Uma ou outra flor sem umidade emerge do chão, logo vergada para as areias, com receio de que a quebre o duro vento do largo.

Sobre as poças esquecidas pelo rio ou pela maré, junto aos alodiais, voam lavadiscas, ligeiras e vermelhas, ou zumbem enormes moscas verdes, inquietas e irisadas.

O rumor retumbante do oceano é descontínuo e alongado, e as ondas, sempre debruadas de espumas tenras e sonoras, fulguram e fremem num estuante bailado de seres vivos e fortes.

Às vezes, do lado da terra, dos casais distantes, vem a voz de alguém tangendo o gado, ou o metálico gargarejo das saracuras.

Um albatroz passa, grasnando, num remígio amplo e compassado; e longe, de ambas as pontas da Ilha do Campeche, as águas, dum azul quase transparente, derramam-se em tonalidades cada vez mais claras e se misturam com o céu diáfano, num desmaio da luz.

*

As dunas sofrem o tormento da esterilidade.

Errantes e insatisfeitas, vivem à procura de um raio de sol que as acaricie e beije, e duma bátega de chuva que as alegre e fecunde.

Como os rios, que também não param nunca, elas caminham no vento, ora para aqui, ora para ali, na interminável odisséia dos inconformados, no eterno vaivém dos seres sem destino.

Mas, ao contrário das águas, de quem possuem apenas o movimento, as dunas áridas e secas não refletem a sombra amorosa da paisagem nem, de noite, o lume claro da lua ardendo numa ponta do céu.

Sobre elas não vêm pousar os pássaros vagabundos, fatigados dos longos vôos através dos ventos e das neblinas: podem as dunas pérfidas afogá-los enquanto dormem, tranqüilos e imóveis sobre uma perna.

Quando a maré sobe, elas se esticam, lascivas, sequiosas, para que as vagas lhes venham lamber os ventres fulvos e torná-los, assim, sonoros e fecundos.

Certo, o mar passa-lhes por cima; cobre-os de rumores e de espumas; deixa-lhes, como recordação de alguns instantes de ternura, longos festões de algas e verdes grinaldas de sargaços.

Mas, quando as águas se retiram, dormentes e fatigadas, as dunas nem guardam um retalho de vaga ou uma nódoa de mar onde possa adormecer, divino e casto, um pedaço de céu.

De novo, dentro do vento ríspido e seco, a roda das areias continua, na perene vigília da desesperança, no inútil terror do seu destino, na infinita incerteza de si mesmas.

PRAIA DO MEIO

1942

Uma curva azul picotada de pedras, com barrancos hirtos e manchas baixas de pastos úmidos.

Na estrada algumas cercas verticais de madeira pintada; muros de pitangueiras ou sebes de espinheiros, que em maio se enchem de aromas e de zumbidos.

E, além, por sobre o mar, até onde a vista pode alcançar alguma vela, a giba do Ribeirão, as curvas doces do Pântano do Sul, e, esfumada na distância, a barbela dos Naufragados, que o risco azulado da barra prolonga até o Morro dos Cavalos, na ponta do céu.

Velas pandas parecem imobilizadas ao longe, presas à fascinação luminosa dos cocorutos da Enseada, da massa tranqüila do Gigante, eternamente com o seu cigarro à boca e a cabeça apoiada ao travesseiro azul do Cambirela.

Às vezes, por detrás de uma ilha, sobe um fumo escuro garatujando silhuetas impressionistas sobre a tela do céu fino e vidrado.

Depois o borrão negro cresce, avulta, define-se; e lentamente um grande navio passa no rumo do porto, rodeado de gaivotas indolentes e fartas.

As máquinas rodam surdamente e, em torno dele, o mar se cobre de espumas alongadas e de rumores lisos.

E o grande navio desaparece. Na fita transparente da barra, como suspensas entre o céu azul e o mar ainda mais azul, paira a sombra fumarenta da Ilha dos Papagaios ou o debuxo trêmulo, indefinido, da Ilha dos Cardos.

*

A Praia do Meio é deserta e ampla; os ventos ali disparam, desvairados e cegos, como grandes bichos selvagens.

Não aportam à Praia do Meio os atarracados batelões tresandando a lodo e a bucho de peixe; nem as lanchas da Enseada ou Ponte de Baixo, afundadas nágua de tanta louça de barro amarela; ou os palhabotes da Laguna e de Tijucas, que têm nomes na popa e viajam até Pernambuco, pesados de farinha; ou os saveiros de Biguaçu, estivados de lenha ou, ainda, as largas baleeiras onde grunhem porcos, fedem a farinha azeda e a estercos frescos, e que vêm, com o vento sul, de Massiambu e da Pinheira.

A Praia do Meio é um manso recanto, dum azul disperso, com grandes pedras em que as chuvas cinzelaram formas pitorescas, congostas brutas e um pasto muito verde onde os rapazes, sob o olhar lento de duas ou três vacas, jogam partidas de futebol.

A Praia do Meio não tem legenda e é tão calma que o mar, saturado de tanto silêncio e de tanta serenidade, de tanto azul e de tanta luz, parece ter bebido a beatitude da paisagem, adormecendo de fartura e de bem-aventurança.

— Quem sabe, amigo, se ele não está sonhando com espumas e remos, quilhas fortes e redes longas?

— Ninguém fale. Deixemos o mar no seu repouso de água mansa; ele pode se irritar e há tanta canoa por aí, na dura vida e os pescadores têm mulher e filhos para cuidar.

E tive a impressão de que vivia na adolescência do mundo grego, nalguma daquelas ilhas douradas e sonoras em que os deuses, belos e humanos, tinham vozes humanas e Píndaro habitava entre eles.

*

2-8-1947

Em Itapema não há senão praia e mar; rolos gelatinosos de algas, ríspidos galhos cor de bronze, repelidos pela vaga.

No inverno, após as pesadas chuvas e as longas ventanias, às vezes, se vêm, ao comprido das areias, cadáveres de pingüins e velhos corvos de pescoço vermelho, batendo as asas e grasnando em torno de carcaça de um golfim.

Mas é sempre a mesma paisagem: ondulações de matos batidos de vento do lado da terra e que sobem para o alto de outeiros redondos e ramalhudos, onde as palmeiras, como enormes aranhas espetadas na ponta de paus, agitam as longas pernas esfiapadas e verdes.

E longe, muito longe, nos confins do oceano, entre o farol das Cabeçudas e a ponta de Porto Belo, um longo risco azul de ultramar parece arder como uma sarça, por que dele sobem, trêmulos e violáceos, fumos e névoas que se derretem na luz.

COQUEIROS

1948

Alegre e reluzindo a lua surdiu de trás dos morros e veio dependurar-se numa ponta do céu, como um morcego de prata.

Longe, entre a noite, deslizam os barcos que andam às redes ou ao camarão, com pingos de luz mortiça ao rés da água e que piscam de sono.

Na claridade opalina e difusa os rumores ondulam, mansos e sonoros, como se a vida fosse sempre assim — música e placidez, afagos lentos e emoções quietas e brancas.

É tarde. As estrelas têm cintilações baças e um silêncio espalhado e deserto apaga as horas.

Nenhum ser vivo se move na estrada. Só uma enorme coruja, pousada sobre um palanque esburacado, no quintal da Maria Loura, olha levemente a lua, com uma bondade doce e irônica nos grandes olhos amarelos.

ITAPEROBÁ

2-3-1948

O vento sul tapou o caminho para a Laguna: temos que esperar até amanhã: dormir neste rancho amorável e agasalhador, onde há peixe farto e um divino pirão de farinha nova.

Atrás de nós e duns matos secos e vergados, está o oceano, imenso, largo, refulgente, cujas orlas penetram no céu e lá adormecem, muito azuis e muito doces.

Adiante das espumas, aqui ao nosso lado e à nossa frente, misturadas à praia, ficam as dunas, altas, enormes e fulvas, com tatuagens ruivas e quentes sobre o dorso inquieto.

E para além, quase diluídos na bruma metálica e fremente das fogueiras, ardem uns restos esverdeados de paisagem.

Não sei onde retine uma cigarra: um longo fio de som que o rumor da vaga, perene e tardio, recolhe e apaga.

O sol reluz nas pontas das sombras; sob as redes estendidas nos varais salitrados, junto aos ranchos o chão parece um mosaico de ouro fundido.

O meu relógio parou, talvez para prolongar esta vida luminosa e fecunda, feita de iodo, de sol e de substâncias criadoras, que em torno de mim se desfaz em pólen e calor.

Itaperobá — dunas e espumas, e, ao fundo, onde a névoa freme, do lado da terra, arvoredos sem frondes, de seiva áspera, que emergem das areias em longos frisos verde-escuros.

Manchas oblíquas de ilhas flutuam no descampado oceano, que a luz matiza de tons lustrosos e mansos.

Em torno dos ranchos compridos e baixos, cobertos de tiririca, enxugam as redes ou oscilam como câmpanulas de rendas, na ponta de bambus, as grandes tarrafas de oito braças.

Um boi brasino, lento e pesado, arrasta do mar um grande barco pintado de vermelho e branco. Vem de perto o bater surdo e compassado de um pilão. E o nordeste, duro e forte, sacode velhas roupas nos varais.

JAGUARUNA

1949

Esta praia fica bem na espuma do oceano.

O horizonte se encurva longe, liso e vazio, sem a mais leve mancha de ilha ou garatuja de fumaça.

O mar, dum azul lavado e distante, em alguns pontos se mistura à macia fluidez do céu; em outros parece dele se desprender, muito luminoso e muito fino.

Para o norte, por detrás das cabeças fulvas dos cômoros, um cocoruto escuro se destaca; numa ponta das águas nevoentas, cinzentos e hirtos, vêem-se os mastros de um navio naufragado; e um pouco ao largo sobre uma tênue nódoa curva, desce o traço esbranquiçado do farol de Santa Marta.

O nordeste enche de espumas a praia larga, chata e amarelada.

Um vulto de homem, longe, parece uma estaca de sépia, riscada na luz.

Multidões de pequenos pássaros cor de cinza levantam o vôo, espalham-se, e logo se juntam; sobem, e descem em leque, sobre o mar, dando a impressão de grandes tarrafas; depois, levados pelo vento, tomam o rumo do sul e se perdem entre as altas névoas frementes, sobre a barra do Urussanga.

Para as bandas de terra caminham as longas e elevadas ondulações das dunas, por detrás das quais, redondo e azul, desce um céu cheio de tépida maciez e de amorosa tranqüilidade.